

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

KELLY CRISTHIE ROCHA DE MELO

**MOTIVAÇÃO, NECESSIDADES PSICOLÓGICAS E INTENÇÃO DE
CONTINUIDADE: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA EM CORRIDAS DE
RUA NO BRASIL**

UBERLÂNDIA-MG

2026

KELLY CRISTHIE ROCHA DE MELO

**MOTIVAÇÃO, NECESSIDADES PSICOLÓGICAS E INTENÇÃO DE
CONTINUIDADE: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA EM CORRIDAS DE
RUA NO BRASIL**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Administração (PPGAdm) da Faculdade de Gestão e
Negócios (FAGEN) da Universidade Federal de Uberlândia
(UFU), como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Administração.**

**Linha de pesquisa: Sociedade, Desenvolvimento e
Regionalidade.**

Orientadora: Prof. Dra. Jussara Goulart da Silva

UBERLÂNDIA-MG

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M528
2026 Melo, Kelly Cristhie Rocha de, 1993-
 MOTIVAÇÃO, NECESSIDADES PSICOLÓGICAS E INTENÇÃO DE
CONTINUIDADE: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA EM CORRIDAS
DE RUA NO BRASIL [recurso eletrônico] / Kelly Cristhie Rocha de
Melo. - 2026.

Orientadora: Jussara Goulart da Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Administração.
Modo de acesso: Internet.
DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.643>
Inclui bibliografia.

1. Administração. I. Silva, Jussara Goulart da, 1978-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em
Administração. III. Título.

CDU: 658

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Administração
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1F, Sala 206 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG,
CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4525 - www.fagen.ufu.br - ppgaadm@fagen.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Administração				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico PPGADM - Número 298				
Data:	17 de agosto de 2026	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	12412ADM004				
Nome do Discente:	Kelly Cristhie Rocha de Melo				
Título do Trabalho:	MOTIVAÇÃO, NECESSIDADES PSICOLÓGICAS E INTENÇÃO DE CONTINUIDADE: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA EM CORRIDAS DE RUA NO BRASIL				
Área de concentração:	Regionalidade e Gestão				
Linha de pesquisa:	Sociedade, Desenvolvimento e Regionalidade				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se virtualmente por web conferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Administração, assim composta: Professores(as) Doutores(as): André Francisco Alcântara Fagundes (UFU), Patricia Leite da Silva (UFRRJ) e Jussara Goulart da Silva (UFU), orientador(a) do(a) candidato(a). Ressalta-se que todos os membros da banca e o(a) aluno(a) participaram remotamente por web conferência.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, o(a) Prof.^(a) Dr.^(a) Jussara Goulart da Silva apresentou a Comissão Examinadora a(o) candidata(o), agradeceu a presença do público, e concedeu ao(à) Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do(a) Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o(a) senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Jussara Goulart da Silva, Professor(a) do Magistério Superior**, em 18/08/2026, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **André Francisco Alcântara Fagundes, Professor(a) do Magistério Superior**, em 19/08/2026, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Patricia Leite da Silva, Usuário Externo**, em 24/08/2026, às 18:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7517120** e o código CRC **76C12DAA**.

Referência: Processo nº 23117.049734/2026-22

SEI nº 7517120

EPÍGRAFE

"Correr não é sobre quão rápido você vai, mas sobre como você se sente ao longo do caminho."

Haruki Murakami

DEDICATÓRIA

Aos corredores.
Aos que avançam sem saber exatamente o que encontrarão pelo caminho.
Aos que já pensaram em desistir, mas escolheram dar mais um passo.
E depois outro.
Porque, no fim, correr nunca foi apenas sobre cruzar a linha de chegada.
É sobre a coragem de continuar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que faz infinitamente mais do que podemos pedir ou imaginar. Eu jamais teria imaginado viver esta etapa, mas Ele transformou uma possibilidade distante em uma realidade. Esta conquista é testemunho da Sua fidelidade e do cuidado presente em cada detalhe da minha história. Assim como está escrito: “Para que todos vejam e saibam, considerem e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isso” (Isaías 41:20). A Ele pertence toda honra e toda gratidão por me permitir viver este momento.

Ao meu pai Valter, que já não está fisicamente presente, mas cujo sonho de me ver estudar foi semeado em meu coração antes mesmo que eu compreendesse a tamanha importância. Seu exemplo de dedicação e honestidade me impulsionam. Sua fé em mim segue viva e em tudo que eu fizer o levo comigo.

À minha mãe Francisca, que, mesmo não tendo tido as mesmas oportunidades que a vida me concedeu, dedicou seus dias ao cuidado e ao amor pela nossa família. Dela herdei muito mais do que um sobrenome: herdei a fé, a coragem e a perseverança que me trouxeram até aqui. Seu amor e apoio estão presentes em cada conquista da minha caminhada.

Ao meu irmão, Alysson, que me ensina, sem palavras, que a força mais bonita é aquela que nasce da capacidade de seguir acreditando. Sua existência torna minha caminhada mais significativa.

Ao meu sobrinho Benício, cuja chegada tornou o meu mundo mais bonito e significativo. Ele me inspira a sonhar mais alto e a construir um futuro melhor para nós. Que este caminho abra portas para que ele também possa ir além.

A vocês, todo meu amor. Se eu venço, não venço sozinha. Levo vocês comigo.

RESUMO

Contextualização: A corrida de rua consolidou-se como um fenômeno sociocultural de massa no Brasil, associado à promoção da saúde. Apesar do aumento de eventos, persistiam lacunas na compreensão dos mecanismos psicológicos que explicavam a adesão e a manutenção dessa prática. Tais lacunas tornaram-se especialmente relevantes para a compreensão abrangente da motivação dos corredores no cenário brasileiro.

Objetivo: O objetivo geral desta pesquisa é analisar a relação entre a qualidade percebida dos eventos de corrida de rua e a intenção de continuidade dos corredores, considerando o papel mediador de mecanismos psicológicos fundamentados na Teoria da Autodeterminação e a identidade com a corrida, bem como o papel moderador dos afetos positivos.

Método: A pesquisa adotou uma abordagem quantitativa do tipo *survey*, aplicando um questionário estruturado a corredores de diferentes regiões do Brasil. Os dados foram analisados via modelagem de equações estruturais (SEM) para testar as relações do modelo teórico.

Resultados principais: O modelo estrutural evidenciou o forte encadeamento entre os antecedentes e consequentes centrais da prática esportiva. A qualidade percebida do evento atua como o antecedente primário que qualifica a experiência do corredor, promovendo altos níveis de engajamento (físico, cognitivo e afetivo). Esse engajamento, por sua vez, ativa os mecanismos psicológicos internos (satisfação de necessidades e identidade) que culminam no consequente comportamental máximo do modelo: a intenção de continuidade. Isso comprova que a retenção e a fidelização do praticante começam, impreterivelmente, na excelência estrutural da prova.

Aderência com a área de concentração do PPGAdm (Regionalidade e Gestão): O estudo investigou o contexto das corridas de rua a partir de uma amostra com abrangência geográfica nacional, analisando os fatores de motivação e bem-estar para contribuir com o avanço da gestão e promoção do esporte.

Impacto e caráter inovador na produção intelectual: A pesquisa inovou ao integrar sistematicamente os construtos da Teoria da Autodeterminação com a qualidade da experiência em eventos e os afetos, propondo um modelo estrutural preditivo. Adicionalmente, preencheu uma lacuna empírica ao trazer evidências de um contexto ainda pouco explorado. **Impacto econômico, social e regional:** Os resultados forneceram subsídios para organizadores e marcas patrocinadoras entenderem os *drivers* de fidelização, otimizando investimentos. Também geraram informações para gestores públicos formularem políticas esportivas, tornando as cidades mais atrativas e saudáveis.

Implicações regionais: O estudo gerou conhecimento aplicado sobre o perfil e os desafios dos corredores nacionais. Os resultados contribuíram para o aprimoramento de políticas públicas e de gestão esportiva, fortalecendo o capital social e o engajamento com o esporte no Brasil.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): ODS 3 (Saúde e Bem-Estar): O estudo investigou como a prática esportiva impactou o bem-estar psicológico e promoveu a continuidade de uma atividade democrática. ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis): Analisou a experiência em eventos urbanos, contribuindo para a discussão de cidades mais inclusivas e com acesso universal ao lazer ativo.

Palavras-chave: Teoria da Autodeterminação; Corrida de Rua; Motivação; Bem-Estar Subjetivo; Gestão do Esporte; Regionalidade.

ABSTRACT

Background: Road running has consolidated itself as a mass sociocultural phenomenon in Brazil, closely associated with health promotion. Despite the proliferation of events, gaps persisted in understanding the psychological mechanisms that explain the adherence to and maintenance of this practice. Such gaps have become particularly relevant for a comprehensive understanding of runners' motivation in the Brazilian context.

Objective: The general objective of this research is to analyze the relationship between the perceived quality of road running events and runners' continuance intention, considering the mediating role of psychological mechanisms grounded in Self-Determination Theory (SDT) and runner identity, as well as the moderating role of positive affects.

Method: The research adopted a quantitative survey approach, applying a structured questionnaire to runners from various regions of Brazil. Data were analyzed via Structural Equation Modeling (SEM) to test the relationships of the theoretical model.

Main Results: The structural model evidenced a strong linkage between the core antecedents and outcomes of sports practice. Perceived event quality acts as the primary antecedent that qualifies the runner's experience, fostering high levels of engagement (physical, cognitive, and affective). This engagement, in turn, activates internal psychological mechanisms (needs satisfaction and identity) that culminate in the ultimate behavioral outcome of the model: continuance intention. This demonstrates that participant retention and loyalty inevitably begin with the structural excellence of the event.

Alignment with the Concentration Area (Regionality and Management): The study investigated the context of road running using a nationwide sample, analyzing motivation and well-being factors to contribute to the advancement of sport management and promotion.

Impact and Innovative Character in Intellectual Production: The research innovated by systematically integrating SDT constructs with event experience quality and affects, proposing a predictive structural model. Additionally, it filled an empirical gap by providing evidence from a still under-explored context.

Economic, Social, and Regional Impact: The findings provided insights for event organizers and sponsoring brands to understand the drivers of loyalty, thereby optimizing investments. They also generated data for public administrators to formulate sports policies, making cities more attractive and healthier.

Regional Implications: The study generated applied knowledge about the profile and challenges of Brazilian runners. The results contributed to the improvement of public policies and sport management, strengthening social capital and sports engagement in Brazil.

Sustainable Development Goals (SDGs): SDG 3 (Good Health and Well-Being): The study investigated how sports practice impacted psychological well-being and promoted the continuity of a highly democratic activity. SDG 11 (Sustainable Cities and Communities): It analyzed the experience in urban events, contributing to the discussion on more inclusive cities with universal access to active leisure.

Keywords: Self-Determination Theory; Road Running; Motivation; Subjective Well-Being; Sport Management; Regionality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Tipos e Regulações da Motivação segundo a Teoria da Autodeterminação

Figura 2. Etapas da Pesquisa

Figura 3. Modelo Estrutural Proposto

Figura 4. Modelo Final

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Níveis de Motivação Extrínseca na Teoria da Autodeterminação

Quadro 2. Quadro-resumo com regulações e locus

Quadro 3. Síntese Teórica sobre Teoria da Autodeterminação e Teoria do Bem-Estar Subjetivo

Quadro 4. Hipóteses da pesquisa e estudos que fornecem suporte às hipóteses

Quadro 5. Escalas traduzidas e adaptadas

Quadro 6. Operacionalização dos indicadores dos construtos

Quadro 7. Análise dos indicadores do modelo

Quadro 8. Itens excluídos na fase de mensuração do modelo

Quadro 9. Síntese de achados, interpretações e recomendações gerenciais

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1. Distribuição da amostra por faixa etária
- Tabela 2. Experiência declarada na corrida
- Tabela 3. Distribuição da amostra por tempo de prática da corrida
- Tabela 4. Participação em corridas de rua nos últimos 12 meses
- Tabela 5. Distância mais frequentemente percorrida em eventos de corrida
- Tabela 6. Investimento anual na prática da corrida de rua
- Tabela 7. Análise descritiva dos indicadores
- Tabela 8. Análise descritiva dos construtos
- Tabela 9. Consistência interna e validade convergente do modelo convergente (antes da extração das variáveis)
- Tabela 10. Consistência interna e validade convergente do modelo convergente (depois da extração das variáveis)
- Tabela 11. Critério de *Heterotrait monotrait-Ratio* (HTMT) antes do ajuste
- Tabela 12. Critério de *Heterotrait monotrait-Ratio* (HTMT) após o ajuste
- Tabela 13. Critério de *Fornell-Larcker* antes do ajuste
- Tabela 14. Critério de *Fornell-Larcker* após o ajuste
- Tabela 15. Critério de cargas cruzadas após ajuste
- Tabela 16. Avaliação do teste de hipóteses
- Tabela 17. Coeficiente de determinação, validade preditiva e tamanho de efeito do modelo
- Tabela 18. Teste de efeito moderador do nível de experiência na prática de corridas

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AM – Amotivação

AN – Afetos Negativos

AP – Afetos Positivos

EES – Escala de Experiência em Serviços

EMI-2 – *Exercise Motivations Inventory – 2*

FAGEN – Faculdade de Gestão e Negócios

IC – Intenção de Continuidade

IMC – Índice de Massa Corporal

IMI – *Intrinsic Motivation Inventory*

MEE – Modelagem de Equações Estruturais

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

PLS-SEM – *Partial Least Squares Structural Equation Modeling* (Modelagem de Equações Estruturais por Mínimos Quadrados Parciais)

PNSE – *Psychological Need Satisfaction in Exercise* (Satisfação das Necessidades Psicológicas no Exercício)

PPGAdm – Programa de Pós-Graduação em Administração

RPE – *Ratings of Perceived Exertion* (Escala de Esforço Percebido)

SB – Satisfação Básica (itens da escala de necessidades psicológicas)

SDT – *Self-Determination Theory* (Teoria da Autodeterminação)

SEM – *Structural Equation Modeling* (Modelagem de Equações Estruturais)

SIMS – *Situational Motivation Scale*

SmartPLS – Software de Modelagem de Equações Estruturais baseado em PLS

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

TAD – Teoria da Autodeterminação

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Objetivo Geral	14
1.2 Objetivos Específicos	15
1.3 Justificativa	16
1.4 Estrutura da Dissertação	16
 REFERENCIAL TEÓRICO	 17
2.1 Histórico e Evolução da Corrida De Rua	17
2.2 Teoria da Autodeterminação	19
2.3 Tipos de motivação	25
2.3.1 Motivação Intrínseca	26
2.3.2 Motivação Extrínseca	27
2.4 Tipos de Regulação	29
2.4.1 Sem regulação	29
2.4.2 Regulação Externa – Locus de Causa Externo.....	30
2.4.3 Regulação Introjeta – Locus de Causa Externo.....	31
2.4.4 Regulação Identificada - Locus de Causa Interno.....	31
2.4.5 Regulação Integrada – Locus Interno.....	32
2.4.6 Regulação Intrínseca – Locus de Causa Interno.....	33
2.5 BREQ-2 e BREQ-3	35
2.6 Teoria do Bem-Estar Subjetivo (BES)	40
2.7 Integração entre a Teoria da Autodeterminação e a Teoria do Bem-Estar Subjetivo.....	42
2.8 Identidade com a Corrida e a Moderação dos Afetos Positivos	45
 MODELO TEÓRICO DA PESQUISA	 48
 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	 53
Validação das Escalas para o Instrumento de Coleta de Dados.....	54
3.1 Universo e Amostra.....	56
3.2 Operacionalização da Pesquisa, Coleta e Análise dos Dados	57
3.3 Técnica para análise dos dados.....	59
3.4 Instrumento de coleta de dados da pesquisa.....	60
3.5 Etapas da Pesquisa.....	63
 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	 64
4.1 Caracterização da Amostra	65
4.2 Dados Comportamentais	68
 5. ANÁLISE DESCRITIVA DOS INDICADORES.....	 69
 6. AVALIAÇÃO DO MODELO.....	 73
6.1 Avaliação do Modelo de Mensuração – Modelo Geral	76
6.2 Validade Discriminante	81
6.3 Avaliação do Modelo Estrutural	95
6.4 Teste de moderação	100

7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	102
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
8.1 Contribuições Teóricas	113
8.2 Implicações Gerenciais	114
8.3 Limitações da Pesquisa	117
8.4 Sugestões para Pesquisas Futuras	118
REFERÊNCIAS.....	119
APÊNDICE A – questionário da pesquisa	141
ANEXO A – ESCALAS ORIGINAIS	146

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a compreensão dos efeitos da corrida de rua sobre a saúde física e o bem-estar psicológico tem avançado de forma significativa. Para além dos benefícios cardiovasculares, a participação em eventos de corrida atua como um catalisador de processos psicológicos e afetivos que influenciam a decisão do atleta de dar continuidade à prática esportiva. Compreender os fatores que sustentam essa permanência constitui um desafio central tanto para a gestão de eventos esportivos quanto para as teorias do comportamento humano.

Para investigar essa dinâmica, este estudo fundamenta-se principalmente na Teoria da Autodeterminação (TAD) e incorpora, de forma complementar, a dimensão afetiva do Bem-Estar Subjetivo. A TAD (DECI; RYAN, 2000; RYAN; DECI, 2017) postula que a sustentação de um comportamento está relacionada à satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e pertencimento, as quais favorecem formas mais autônomas de motivação. Complementarmente, o estudo aborda a dimensão afetiva do Bem-Estar Subjetivo, operacionalizada por meio dos afetos positivos, entendidos como respostas emocionais associadas às experiências vivenciadas pelos participantes (DIENER, 2000).

No contexto dos eventos de corrida de rua, a avaliação das condições e serviços oferecidos, a qualidade percebida do evento, atua como um antecedente ambiental crítico que molda a experiência do corredor em suas dimensões cognitivas, físicas e de novidade (DE GEUS; RICHARDS; TOEPOEL, 2016). Uma experiência positiva provê o suporte necessário para a satisfação das necessidades psicológicas básicas, favorecendo o desenvolvimento da motivação intrínseca. Esta, por sua vez, potencializa a vivência de afetos positivos, pavimentando o caminho para a intenção de continuidade no esporte.

Adicionalmente, o engajamento do atleta, caracterizado pela energia e dedicação direcionadas à corrida, desempenha um papel direto no fortalecimento do seu suporte psicológico e na intenção de permanência na prática. Contudo, essa cadeia de relações é influenciada pelo autoconceito do praticante. A identidade com a corrida (BREWER et al., 1993; ANDERSON, 2004), entendida como a centralidade do papel de "corredor" na autoimagem do indivíduo, atua como um forte preditor da intenção de continuidade. Essa relação, por sua vez, é moderada pelos afetos positivos, que amplificam a força com que a identidade esportiva se traduz no desejo de permanecer na prática.

Apesar do avanço nas pesquisas sobre psicologia do esporte e marketing de eventos, identifica-se uma lacuna na literatura: embora existam estudos sobre motivação, bem-estar e corrida de rua, poucos integraram simultaneamente qualidade do evento, experiência, satisfação das necessidades psicológicas, motivação intrínseca, afetos e identidade em um único modelo explicativo da intenção de continuidade. Diante dessa lacuna, o presente estudo fundamenta-se em quatro contribuições teóricas e empíricas centrais:

1. Integração teórica entre a TAD e o Bem-Estar Subjetivo: Articulação entre os mecanismos motivacionais internos e as respostas afetivas do praticante em um único modelo estrutural;
2. Foco nos antecedentes e consequentes centrais: Proposição da qualidade do evento e da experiência (engajamento) como os gatilhos antecedentes primários que estruturam os mecanismos psicológicos necessários para garantir o consequente comportamental do modelo: a intenção de continuidade;
3. Papel dos afetos positivos como moderadores: Teste empírico dos afetos positivos como variável que modula a relação entre a identidade com a corrida e a intenção de continuidade;
4. Evidências empíricas sobre corredores de rua brasileiros: Geração de dados aplicados ao cenário brasileiro, oferecendo suporte tanto para a literatura científica quanto para a gestão estratégica de eventos esportivos.

Diante desse contexto, formula-se o seguinte problema de pesquisa: em que medida a qualidade percebida de eventos de corrida de rua influencia a intenção de continuidade dos participantes, considerando o papel mediador da experiência, das necessidades psicológicas básicas, da motivação e da identidade com a corrida, e o papel moderador dos afetos positivos?

1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a relação entre a qualidade percebida dos eventos de corrida de rua e a intenção de continuidade dos corredores, considerando o papel mediador de mecanismos psicológicos fundamentados na Teoria da Autodeterminação e a identidade com a corrida, bem como o papel moderador dos afetos positivos.

1.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos, que buscam auxiliar o atendimento do objetivo geral, são:

- a) analisar as relações entre a qualidade percebida dos eventos de corrida de rua e os mecanismos psicológicos associados à experiência dos participantes;
- b) analisar a relação entre os mecanismos psicológicos investigados e a intenção de continuidade na participação em eventos de corrida de rua;
- c) verificar o papel mediador dos mecanismos psicológicos na relação entre a qualidade percebida dos eventos de corrida de rua e a intenção de continuidade dos participantes;
- d) verificar o papel moderador dos afetos positivos na relação entre a identidade com a corrida e a intenção de continuidade.

1.3 Justificativa

A corrida de rua consolidou-se como um fenômeno de grande relevância social, econômica e de saúde pública no Brasil. No entanto, a sustentabilidade desse mercado e a promoção de estilos de vida ativos dependem da capacidade de reter os praticantes ao longo do tempo.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa justifica-se por avançar na compreensão dos antecedentes organizacionais e dos mecanismos psicológicos que convertem a participação em um evento em um compromisso comportamental duradouro. A articulação entre a TAD e o Bem-Estar Subjetivo permite capturar não apenas o "porquê" da prática, mas também como a qualidade dos serviços prestados se traduz em bem-estar emocional e fortalecimento da autoimagem do corredor.

Do ponto de vista prático e gerencial, o estudo fornece subsídios para que organizadores de eventos, gestores públicos e marcas esportivas desenvolvam experiências que extrapolem a entrega técnica do percurso, promovendo ambientes que satisfaçam as necessidades de autonomia, competência e pertencimento dos atletas. Adicionalmente, o estudo dialoga com agendas globais de promoção da saúde e qualidade de vida, alinhando-se aos Objetivos de

Desenvolvimento Sustentável da ONU, em especial ao ODS 3 (Saúde e Bem-Estar) e ao ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis).

1.4 Estrutura da Dissertação

O presente trabalho está estruturado em oito capítulos, organizados de forma lógica e sistemática, com o propósito de responder ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos propostos.

O primeiro capítulo, correspondente à Introdução, apresenta a contextualização do tema, a delimitação do estudo, o objetivo geral, os objetivos específicos, a justificativa e a estrutura da dissertação.

O segundo capítulo, referente ao Referencial Teórico, apresenta o histórico e a evolução da corrida de rua, bem como os fundamentos da Teoria da Autodeterminação, abordando os tipos de motivação, os tipos de regulação e os instrumentos BREQ-2 e BREQ-3. Na sequência, discute-se a dimensão afetiva do Bem-Estar Subjetivo, com foco nos afetos positivos, bem como sua articulação com os mecanismos motivacionais abordados pela Teoria da Autodeterminação, bem como a integração entre a Teoria da Autodeterminação e a dimensão afetiva do bem-estar subjetivo. O capítulo também aborda a identidade com a corrida e o papel moderador investigado no estudo, culminando na apresentação do modelo teórico da pesquisa e das hipóteses propostas.

O terceiro capítulo, denominado Procedimentos Metodológicos, descreve os procedimentos adotados para a realização da pesquisa, incluindo a validação das escalas utilizadas na elaboração do instrumento de coleta de dados, a definição do universo e da amostra, a operacionalização da pesquisa, os procedimentos de coleta e análise dos dados, a técnica utilizada para análise dos dados, o instrumento de coleta e as etapas da pesquisa.

O quarto capítulo, Apresentação e Análise dos Resultados, apresenta inicialmente a caracterização sociodemográfica da amostra e os dados comportamentais dos participantes.

O quinto capítulo contempla a Análise Descritiva dos Indicadores, apresentando os resultados descritivos das variáveis e indicadores que compõem o modelo de pesquisa.

O sexto capítulo, denominado Avaliação do Modelo, apresenta os resultados das análises relacionadas ao modelo de mensuração e ao modelo estrutural, incluindo a avaliação da validade discriminante, bem como os testes realizados para a análise das relações propostas e do efeito de moderação.

O sétimo capítulo é dedicado à Discussão dos Resultados, na qual os principais achados da pesquisa são interpretados e discutidos à luz do referencial teórico e dos estudos anteriores relacionados aos construtos investigados.

Por fim, o oitavo capítulo apresenta as Considerações Finais, retomando os principais resultados e contribuições da pesquisa, além de apresentar as limitações do estudo e sugestões para pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Histórico e Evolução da Corrida De Rua

A corrida de rua é analisada na literatura científica a partir de abordagens multidimensionais, que englobam aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais, permitindo compreender seus impactos sobre a saúde e o bem-estar (HALLAL et al., 2007; HALLAL et al., 2012; MALTA et al., 2016). Inicialmente, os estudos focaram nos benefícios fisiológicos da prática, como o condicionamento cardiovascular, a prevenção de doenças crônicas e o controle do peso corporal (PAFFENBARGER et al., 1986; POWERS; HOWLEY, 1990; COOPER, 1985). Nesse contexto, o protocolo de Cooper, que permite estimar a capacidade aeróbica por meio da distância percorrida em 12 minutos, consolidou-se como ferramenta científica para avaliação do condicionamento cardiorrespiratório (DUARTE; FIÚZA, 2005; SANTOS et al., 2020).

A análise dos impactos psicológicos da corrida de rua evidenciou benefícios na redução do estresse e ansiedade, bem como na melhora do humor e da autoestima dos praticantes (MORGAN; POLLOCK, 1977; MOLLOY et al., 1988; BLUMENTHAL et al., 2007; DEANER, 2013). Essas evidências fundamentam a compreensão da corrida como prática que vai além da atividade física, promovendo equilíbrio emocional e qualidade de vida (DE LUCCA, 2014; ALBUQUERQUE et al., 2018; SOUZA et al., 2022).

No campo da motivação e comportamento, a Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 1985, 2000; RYAN; DECI, 2017) tem sido aplicada para explicar a adesão e a manutenção da prática da corrida. A teoria indica que a satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e pertencimento é fundamental para que indivíduos mantenham a prática de forma contínua, sejam suas motivações intrínsecas (prazer, superação pessoal) ou extrínsecas (reconhecimento, status social) (WEINBERG; GOULD, 2018; OGLES; MASTERS, 2003; TEIXEIRA et al., 2012; MARIUZZO; GODOI; FERNANDES, 2023).

A corrida de rua também tem sido investigada sob a perspectiva do Bem-Estar Subjetivo, considerando que a prática influencia tanto a avaliação cognitiva da própria vida quanto a experiência de emoções positivas, contribuindo para a saúde mental e o equilíbrio emocional (DIENER, 2000; ARAÚJO et al., 2022; VERHOEVEN et al., 2023). Eventos de corrida, como o *parkrun*, demonstram que a participação coletiva pode fortalecer redes sociais e criar senso de pertencimento, ampliando os efeitos da atividade física sobre a saúde coletiva e a autoeficácia (BANDURA, 1977; WILTSHIRE; STEVINSON, 2017; QUIRK et al., 2021).

No contexto brasileiro, estudos evidenciam que a participação em corridas de rua está associada a múltiplas motivações, incluindo saúde, bem-estar, socialização e superação pessoal (PAROLINI; ROCCO JÚNIOR; CARLASSARA, 2018; RIBEIRO; COSTA, 2013; ROJO; ROCHA, 2018). O perfil dos praticantes aponta predominância de adultos com boa educação e renda estável, refletindo aspectos relacionados à acessibilidade e à valorização da saúde (CARDOSO; SENA FERREIRA; DOS SANTOS, 2018; ROJO; ROCHA, 2018). Pesquisas recentes também destacam que eventos esportivos de rua influenciam a saúde comunitária e o bem-estar coletivo, com efeitos mediados por políticas públicas, infraestrutura urbana e segurança nos espaços de prática (PEREIRA; COELHO, 2019; SANTIN RIBEIRO; BRANDT DE MACEDO; GIANELLO GNOATO ZOTZ, 2023; ROJO, 2017; MILEO; SOUZA; JUNIOR, 2020; LINO; KANASHIRO, 2024).

Ao longo do tempo, a produção acadêmica sobre corrida de rua evoluiu de uma perspectiva centrada nos aspectos biomédicos para abordagens integradas, que consideram os efeitos psicológicos, sociais e ambientais da prática. Atualmente, a corrida de rua é compreendida como prática social, instrumento de promoção da saúde integral e bem-estar coletivo, cuja adesão e manutenção são influenciadas por fatores motivacionais e contextuais

(HALLAL et al., 2007; HALLAL et al., 2012; MALTA et al., 2016; WILTSHIRE; STEVINSON, 2017; QUIRK et al., 2021).

2.2 Teoria da Autodeterminação

A Teoria da Autodeterminação (TAD), proposta por Deci e Ryan (1985; 2000), é um modelo teórico que investiga os processos motivacionais humanos, buscando compreender como diferentes formas de motivação influenciam o comportamento, a persistência e o bem-estar psicológico. A TAD distingue diferentes tipos de motivação com base no grau de autodeterminação, ou seja, no quanto o comportamento é internalizado e integrado ao *self* do indivíduo. Essa teoria postula que os indivíduos são mais propensos a se engajar de forma autônoma em atividades quando suas necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento são atendidas (DECI; RYAN, 2000; RYAN; DECI, 2017).

O conceito de necessidades psicológicas básicas é central na TAD. A autonomia refere-se ao sentimento de controle sobre as próprias ações, a competência envolve percepção de eficácia e domínio, e o relacionamento se refere à conexão social e interação significativa com outros indivíduos (DECI; RYAN, 2000). A satisfação dessas necessidades é considerada preditora de motivação autodeterminada e bem-estar psicológico, enquanto sua frustração pode levar à amotivação ou formas controladas de motivação (RYAN; DECI, 2000; VANSTEENKISTE et al., 2009).

Em contextos de atividade física, o suporte a essas necessidades podem ser promovidas por treinadores, professores ou pares, criando ambientes que favoreçam a escolha, ofereçam feedback construtivo e promovam apoio social (FORTIER et al., 2007; TEIXEIRA et al., 2012). Estratégias que estimulam a internalização de comportamentos, como a regulação identificada e integrada, aumentam a persistência e a adesão a longo prazo, enquanto formas controladas de motivação podem gerar insatisfação e abandono da prática (BALBINOTTI et al., 2011; DOMINSKI et al., 2019).

O conceito de internalização, fundamental da TAD, serve como eixo teórico central que articula e confere significado às descobertas empíricas no campo da motivação para a atividade física. Vansteenkiste, Ryan e Soenens (2020) fornecem a base conceitual ao teorizarem a internalização não como um estado binário, mas como um *continuum* de autodeterminação

crescente, no qual regulamentos comportamentais externos são progressivamente transformados em valores pessoais.

Os estudos de Balbinotti et al. (2011) e Dominski et al. (2019) operacionalizam este conceito, demonstrando que as intervenções mais bem-sucedidas para aumentar a persistência são aquelas que atuam como catalisadoras da transição motivacional ao longo desse *continuum*, particularmente no salto qualitativo da regulação externa (controlada) para a regulação identificada (autônoma). Desta forma, os trabalhos aplicados não apenas listam estratégias eficazes, mas validam experimentalmente a própria arquitetura do modelo teórico, confirmando que a internalização é, de fato, o mecanismo subjacente à mudança sustentável de comportamento.

Estudos recentes destacam a aplicabilidade da TAD em diferentes domínios do bem-estar, incluindo saúde mental, qualidade de vida e desempenho físico. A prática regular de atividades físicas motivadas de forma autodeterminada está associada à redução de sintomas depressivos, aumento da autoestima, maior sensação de competência e fortalecimento de vínculos sociais (SHANNON; PRENTICE; BRESLIN, 2023; DENG et al., 2023; *Frontiers in Psychology*, 2023).

Além disso, a regulação intrínseca e as formas autodeterminadas de regulação extrínseca são preditoras de manutenção de hábitos saudáveis, como adesão a programas de exercícios, controle de peso e práticas de alimentação equilibrada (PMC, 2025; MDPI, 2025). Por outro lado, indivíduos motivados por regulação externa ou introjetada apresentam menor persistência, risco de desistência e menor qualidade de bem-estar psicológico (TEIXEIRA et al., 2012; DOMINSKI et al., 2019).

A TAD também oferece contribuições importantes para a compreensão da dimensão social e organizacional da motivação. Em contextos coletivos, como clubes esportivos ou programas de atividade física comunitários, a promoção de autonomia e suporte social fortalece o engajamento, melhora o desempenho coletivo e favorece o desenvolvimento de redes sociais de apoio, ampliando os efeitos positivos da prática sobre saúde mental e integração social (DENG et al., 2023; PRENTICE et al., 2023).

Embora a TAD seja amplamente aceita e aplicada, alguns autores destacam limitações e questionamentos sobre sua generalização. Por exemplo, a influência de fatores culturais e socioeconômicos sobre a percepção de autonomia e o valor das necessidades psicológicas básicas pode variar significativamente entre contextos (PMC, 2003; *Frontiers in Psychology*, 2023).

Um dos debates em torno da Teoria da Autodeterminação gira em torno da universalidade de suas necessidades psicológicas básicas (NPBs). A tese central da TAD, conforme reiterado por Ryan e Deci (2017), sustenta que as necessidades de autonomia, competência e relacionamento são nutrientes psicológicos inerentes a todos os indivíduos, independentemente de seu contexto. No entanto, este princípio é tensionado por perspectivas transculturais críticas. Como discutem Ntoumanis e Moller (2025), a própria hierarquia e expressão comportamental dessas necessidades são culturalmente mediadas. Em sociedades coletivistas, por exemplo, a satisfação do relacionamento pode funcionar como a via primária para se experimentar um senso de autonomia, que seria então vivenciado como "autonomia-relacional", onde a escolha emerge da identificação com os valores do grupo, em contraste com a noção de autonomia como independência e auto-direcionamento, mais característica de contextos individualistas ocidentais.

Esta síntese analítica demonstra que o diálogo com a crítica cultural não invalida a TAD, mas antes a sofisticada, sugerindo que a operacionalização e a promoção das NPBs devem ser sensíveis ao contexto sociocultural. Este é, inclusive, um avanço teórico que tem sido incorporado pelas versões mais recentes da teoria, as quais reconhecem que, embora as necessidades sejam universais, os caminhos para sua satisfação ótima podem ser diversos.

Além disso, estudos sugerem que, em determinadas situações, formas controladas de motivação podem ter efeitos positivos de curto prazo, como na adesão inicial a programas de exercícios ou em contextos altamente estruturados (MOTRICIDADES, 2025; FRANCIS PRESS, 2024). Esses contrapontos indicam a necessidade de considerar contextos específicos e características individuais ao aplicar a TAD, sem desconsiderar a importância da internalização e da autodeterminação.

A Teoria da Autodeterminação (TAD) permite a investigação dos processos motivacionais que sustentam a prática de atividade física e o bem-estar psicológico. A distinção

entre regulação autodeterminada e não-autodeterminada possibilita a análise de como diferentes formas de motivação se relacionam com a persistência, a adesão e os resultados psicossociais (TEIXEIRA et al., 2012; WEINBERG; GOULSHAM, 2019). Nesse modelo, a internalização progressiva de comportamentos, do controle externo à regulação integrada e intrínseca, configura-se como mecanismo central para a promoção de hábitos de atividade física, engajamento e satisfação subjetiva (RYAN; DECI, 2000; TEIXEIRA et al., 2012).

Em estudos aplicados à atividade física, observa-se que formas mais autodeterminadas de regulação motivacional (intrínseca e identificada) apresentam associações consistentes com níveis maiores de prática de exercício, ao passo que formas menos autodeterminadas ou controladas têm associações mais fracas ou inconsistentes (NTOUMANIS; MOLLER, 2025; WEINBERG; GOULSHAM, 2019). Ademais, a satisfação das necessidades psicológicas de autonomia, competência e relacionamento aparece com frequência como variável mediadora entre o ambiente de suporte motivacional e o comportamento de exercício (TEIXEIRA et al., 2012; HORN; SMITH, 2019).

A conduta não autodeterminada é caracterizada por comportamentos motivados por fatores externos ou internos que não são plenamente integrados ao *self* do indivíduo. Ela engloba a amotivação e as formas mais controladas de motivação extrínseca, como a regulação externa e a regulação introjetada. Nesses casos, o comportamento é realizado para evitar punições, obter recompensas, evitar culpa, ou para atender pressões sociais, sem verdadeira aceitação pessoal da ação (DECI; RYAN, 2000).

Pesquisas recentes têm investigado a aplicação da Teoria da Autodeterminação (TAD) em contextos digitais e psicossociais, ampliando seu uso em intervenções de saúde e educação. Nienov (2023) revisou intervenções em Educação Física escolar fundamentadas na TAD, apontando essas intervenções, ao promoverem suporte à autonomia e às necessidades psicológicas básicas, estão associadas a aumento da motivação intrínseca, engajamento emocional, intenção de ser fisicamente ativo e apoio por pares entre crianças e adolescentes.

Na atividade física, indivíduos com conduta não autodeterminada podem se exercitar por obrigação, coerção, ou para evitar críticas, o que frequentemente resulta em baixa persistência e insatisfação (TEIXEIRA et al., 2012). Esses comportamentos tendem a ser menos sustentáveis, pois não estão alinhados com os valores ou interesses pessoais genuínos.

Em contrapartida, a conduta autodeterminada refere-se a ações realizadas por vontade própria, com consciência e aceitação plena dos motivos para agir. Essa categoria inclui a regulação identificada, a regulação integrada e a motivação intrínseca. Aqui, o comportamento é congruente com os valores pessoais e o senso de *self*, o que promove maior persistência, bem-estar e satisfação (DECI; RYAN, 2000).

Na prática de exercícios físicos, a conduta autodeterminada está relacionada à participação motivada pelo prazer, interesse genuíno, ou pela identificação pessoal com os benefícios da atividade. Essas formas de regulação são mais eficazes para a manutenção a longo prazo da prática de exercícios (BALBINOTTI et al., 2011).

No livro “*The Oxford Handbook of Self-Determination Theory*” (Ryan, 2023), analisa a TAD em contextos de atividade física, relaciona a satisfação das necessidades psicológicas, motivação autodeterminada e participação em exercício físico. O trabalho evidencia que o suporte à autonomia, à competência e ao relacionamento não apenas favorece o engajamento em práticas físicas, mas está ligado a indicadores de bem-estar psicológico mais amplos.

Em uma meta-análise sistemática realizada por Xu et al. (2025), observou-se que formas autodeterminadas de motivação (intrínseca e regulada por identificação) se associam de modo mais consistente à participação em atividade física do que motivações controladas ou amotivação, sendo que a necessidade percebida de competência destacou-se como o preditor mais relevante desse engajamento.

Portanto, os dados de Xu et al. (2025), quando interpretados através da TAD, reforçam a premissa de que o ser humano não apenas busca ser eficaz, mas tem uma necessidade fundamental de se sentir competente, posicionando a TAD como uma teoria que explica não apenas o "como" da motivação, mas o "porquê" mais profundo dela.

Ntoumanis e Moller (2025) (“*Basic Psychological Need Theory: Advancements, critical themes and future directions*”) discute lacunas teóricas, entre elas, a questão de haver mais de três necessidades básicas ou variação cultural na vivência dessas necessidades, o que aponta para uma atenção maior aos contextos socioculturais dos participantes.

Em uma pesquisa realizada por Rodrigues et al. (2024) com universitários brasileiros praticantes e não praticantes de atividade física verificou que aqueles que praticam exercícios

regularmente apresentam níveis mais elevados de autodeterminação, especialmente na regulação integrada. O estudo destaca a importância de ambientes que promovam a satisfação das necessidades psicológicas básicas para fomentar a motivação autodeterminada (RODRIGUES et al., 2024).

A aplicação da TAD também se estende ao contexto da educação física escolar. Em um estudo realizado por Silva (2021), o autor avaliou a motivação dos alunos nas aulas de Educação Física com base na TAD, identificando que a promoção da autonomia e o suporte às necessidades psicológicas básicas estão associados a níveis mais elevados de motivação autodeterminada, o que pode contribuir para um maior engajamento e participação dos estudantes (SILVA, 2021).

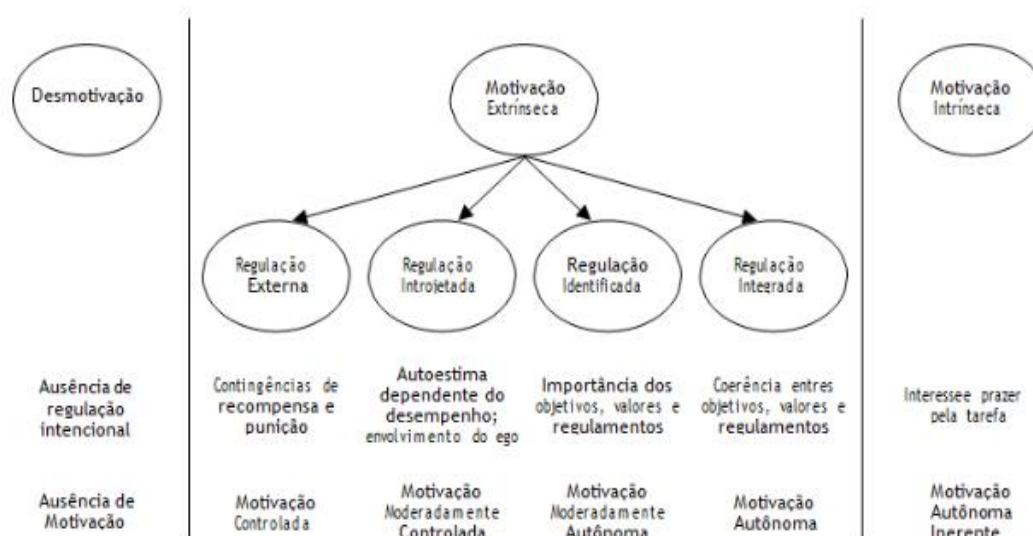
Dessa forma, a Teoria da Autodeterminação, conforme proposta por Deci e Ryan (1985; 2000), apresenta uma estrutura para compreender os fatores que promovem a motivação humana e desenvolvem esse conceito, indicando que contextos que apoiam essas necessidades facilitam a internalização de motivações extrínsecas (RYAN E DECI, 2017). Essa perspectiva é ampliada por Vansteenkiste, Ryan e Soenens (2020), que descrevem a internalização como um processo contínuo, no qual regulamentos externos podem ser transformados em valores pessoais.

A Teoria da Autodeterminação tem sido aplicada em diferentes contextos e tem gerado discussões sobre seus princípios. Ntoumanis e Moller (2025), por exemplo, examinaram a universalidade das necessidades psicológicas básicas, considerando variações em diferentes culturas. Pesquisas em contextos coletivistas, como citado em *Frontiers in Psychology* (2023), indicam que a importância relativa de cada necessidade pode variar. De forma complementar, estudos como o de Xu et al. (2025) investigam a relação entre essas necessidades e a persistência em comportamentos, analisando a competência como um fator significativo.

A aplicação da Teoria da Autodeterminação em ambientes educacionais evidencia como o suporte às necessidades psicológicas básicas influencia o engajamento em atividades físicas. O estudo de Nienov (2023) parte da premissa de que o suporte à autonomia por parte do professor, por meio da oferta de escolhas e justificativas, constitui uma estratégia pedagógica distinta da permissividade, visando especificamente facilitar o processo de internalização motivacional.

Essa abordagem diferencia-se de teorias de liderança esportiva tradicionais ao deslocar o foco dos estilos de comando para os processos psicológicos subjacentes à regulação do comportamento dos alunos. A pesquisa de Silva (2021) com universitários brasileiros vem corroborar essa perspectiva, ao identificar que a regulação integrada, na qual a atividade física é assimilada à identidade do *self*, que é predominante entre praticantes regulares. Esse resultado reforça a tese central da TAD de que a integração do comportamento ao *self* representa o mecanismo fundamental para a persistência na prática de atividades físicas.

Figura 1. Tipos e Regulações da Motivação segundo a Teoria da Autodeterminação



Fonte: Deci e Ryan, (1985; 2000)

2.3 Tipos de motivação

A motivação para a prática da corrida de rua pode ser compreendida à luz da Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 1985, 2000; RYAN; DECI, 2017), que centraliza o engajamento humano na satisfação de três necessidades psicológicas básicas. A autonomia refere-se à percepção de ações autoescolhidas e alinhadas a valores próprios, sendo favorecida em ambientes sem controle excessivo (MAGEAU; VALLERAND, 2003; HAGGER; CHATZISARANTIS, 2007). A competência é a crença na capacidade de alcançar resultados, reforçada por desafios e feedbacks adequados (VALLERAND; LOSIER, 1999). Já o pertencimento corresponde ao senso de vínculo e conexão social (RYAN; DECI, 2017).

Quando o ambiente esportivo atende a essas necessidades, a motivação tende a se tornar predominantemente intrínseca, guiada pelo prazer inerente à atividade (WEINBERG; GOULD, 2018; OGLES; MASTERS, 2003). Esse estado fortalece a autoestima, favorece o engajamento regular e eleva a percepção de bem-estar subjetivo por meio de afetos positivos (DIENER, 2000; TEIXEIRA et al., 2012; MARIUZZO; GODOI; FERNANDES, 2023; TEIXEIRA et al., 2023). Por outro lado, a motivação extrínseca (busca por recompensas externas) e suas variações de regulação (VALLERAND; RATELLE, 2002), bem como a amotivação (TEIXEIRA et al., 2012), representam níveis menos autônomos de envolvimento.

Na corrida de rua, essa dinâmica motivacional evolui em estágios. A adesão inicial costuma ser impulsionada por fatores externos e de saúde, como controle de peso e redução de estresse (GUSTAFSON, 1968; LOCKE; LATHAM, 2002; HASKELL et al., 2007; BIDDLE; MUTRIE, 2008). Contudo, a manutenção a longo prazo exige a consolidação de motivadores internos, apoiada pela experiência de fluxo (CSÍKSZENTMIHÁLYI, 1990), pela rotinização dos treinos (LOCKE, 1997), pela infraestrutura adequada (SALLIS et al., 2006) e pela construção da identidade de corredor (BREWER et al., 1993; OGLES; MASTERS, 2003).

2.3.1 Motivação Intrínseca

A motivação intrínseca, princípio central da Teoria da Autodeterminação (TAD) (DECI; RYAN, 1985, 2000), refere-se ao engajamento em uma atividade pelo prazer e satisfação inerentes, sem exigência de recompensas externas. No esporte e na atividade física, atua como elemento determinante para a participação, persistência, adesão sustentável e bem-estar dos praticantes (OGLES; MASTERS, 2003; NG et al., 2012; RYAN; DECI, 2017). Conforme a teoria, o desenvolvimento dessa motivação depende da satisfação de três necessidades psicológicas básicas: autonomia, associada a ações autoescolhidas e alinhadas aos próprios valores; competência, referente à percepção de eficácia no alcance de resultados; e pertencimento, ligado ao sentimento de conexão social (RYAN; DECI, 2017). A promoção do feedback positivo, do suporte à autonomia e do pertencimento fortalece esse estado motivacional e favorece um envolvimento duradouro com a prática (MORENO et al., 2009; PHIU et al., 2008; CHATZISARANTIS et al., 2008; TEIXEIRA et al., 2012).

Ao proporcionar desfechos psicológicos e físicos superiores (NG et al., 2012), a motivação intrínseca é frequentemente associada ao prazer, à superação pessoal, ao bem-estar

emocional e à satisfação geral com a atividade (MASSARELLA; WINTERSTEIN, 2009; GONÇALVES; ALCHIERI, 2010; SENA JUNIOR et al., 2019; DA SILVA et al., 2019; BRITTO et al., 2023). A TAD contrapõe essa regulação autônoma à motivação extrínseca, que se desdobra nas regulações externa, introjetada, identificada e integrada, e à amotivação, caracterizada pela ausência de intenção (VALLERAND; RATELLE, 2002; TEIXEIRA et al., 2012).

Para a mensuração da motivação intrínseca no contexto esportivo, destacam-se instrumentos com validade e confiabilidade consolidadas na literatura. O *Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire* em sua versão 3 (BREQ-3) avalia as formas de regulação motivacional com elevada consistência interna e validade estrutural (GUEDES; SOFIATI, 2015). O *Intrinsic Motivation Inventory* (IMI) mede dimensões como prazer/interesse, competência percebida, esforço e valor atribuído à atividade (DECI; RYAN, 1985, 2000; MCAULEY; DUNCAN; TAMMEN, 1989), apresentando sólidas evidências de confiabilidade e validade fatorial (FONSECA; BRITO, 2021; SILVA et al., 2021). Já a *Situational Motivation Scale* (SIMS) permite avaliar as motivações situacionais de forma pontual, mantendo adequada consistência interna e validade de construto (STANDAGE et al., 2003; GUÉRIN et al., 2012, 2013; OSTERLIE et al., 2019). Dessa forma, a motivação intrínseca se consolida como o pilar que orienta intervenções voltadas ao engajamento voluntário e à permanência contínua em programas de exercício físico (RYAN; DECI, 2017; GUEDES; SOFIATI, 2015; FONSECA; BRITO, 2021; SILVA et al., 2021).

2.3.2 Motivação Extrínseca

Enquanto a motivação intrínseca refere-se à realização de atividades por prazer e satisfação inerentes, a motivação extrínseca está associada a recompensas externas ou pressões sociais, como reconhecimento, premiações ou aprovação social (RYAN; DECI, 2000).

Quadro 1. Níveis de Motivação Extrínseca na Teoria da Autodeterminação

Tipo de Regulação	Nível de Autodeterminação	Características Principais	Fonte de Motivação
Regulação Externa	Não autodeterminado	Comportamento controlado por recompensas externas ou punições	Recompensas tangíveis, pressão social

Regulação Introjeta	Pouco autodeterminado	Comportamento guiado por pressões internas (culpa, vergonha, ego)	Autoestima, aprovação
Regulação Identificada	Parcialmente autodeterminado	Comportamento reconhecido como pessoalmente importante	Valores pessoais, benefícios reconhecidos
Regulação Integrada	Altamente autodeterminado	Comportamento totalmente assimilado ao <i>self</i>	Coerência com identidade e valores

Fonte: Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 1985; 2000).

A Teoria da Autodeterminação (TAD) estabelece que a motivação extrínseca se diferencia em níveis de internalização que refletem o grau de autodeterminação do indivíduo: regulação externa (recompensas e controle externo), regulação introjetada (pressões internas como culpa), regulação identificada (reconhecimento do valor pessoal) e regulação integrada (incorporação total da atividade aos próprios valores e identidade) (RYAN; DECI, 2000; VALLERAND, 2007). Esse processo de internalização é fundamental para a manutenção da atividade física, uma vez que ambientes que oferecem suporte à autonomia, competência e pertencimento favorecem regulações mais autônomas, resultando em adesão duradoura e melhores desfechos de saúde (WILLIAMS et al., 1996; GILLET et al., 2010; DECI; RYAN, 2012).

A relação entre recompensas externas e motivação depende de sua natureza: incentivos controladores tendem a minar a autonomia, enquanto feedbacks informacionais a potencializam (DECI; KOESTNER; RYAN, 1999). Essa dinâmica é explicada pelo modelo hierárquico de Vallerand e Ratelle (2002), que articula como os tipos de motivação extrínseca se associam a comportamentos e ao bem-estar. No contexto das corridas de rua, a motivação extrínseca abrange recompensas materiais, reconhecimento social, sociabilidade e competitividade (TEIXEIRA et al., 2012; VALLERAND, 2007; ALBUQUERQUE et al., 2018; CASSOL; PEREIRA, 2023; SANTOS; BORGES, 2023), sendo influenciada por fatores como idade, gênero, nível de experiência e orientação profissional (MIZOGUCHI et al., 2014; GRATÃO; ROCHA, 2016; DA SILVA et al., 2022).

O ambiente social atua de forma decisiva ao modular esse envolvimento. O apoio à autonomia e a valorização das preferências do praticante fortalecem a motivação

autodeterminada e o engajamento contínuo (PHIU et al., 2008; CHATZISARANTIS et al., 2008; GILLET et al., 2010). Atuando como reforço inicial ou complementar à motivação intrínseca, a motivação extrínseca, quando internalizada e alinhada às necessidades psicológicas básicas, consolida-se como vetor de adesão, engajamento e sustentabilidade da prática esportiva (RYAN; DECI, 2000; VALLERAND, 2007; TEIXEIRA et al., 2012).

2.4 Tipos de Regulação

Na Teoria da Autodeterminação (TAD), proposta por Deci e Ryan (2000), os tipos de regulação representam as diferentes formas pelas quais a motivação para uma ação pode ser internalizada e manifestada, variando do comportamento totalmente controlado ao comportamento totalmente autodeterminado. Esses tipos de regulação são organizados em um *continuum* motivacional, que vai desde a amotivação, passando pelas formas de motivação extrínseca, regulação externa, regulação introjetada, regulação identificada e regulação integrada, até a motivação intrínseca, considerada a mais autodeterminada (TEIXEIRA et al., 2012).

O *locus* de causa percebido é um conceito central para compreender a natureza da regulação motivacional. Ele indica a percepção do indivíduo sobre a origem de sua motivação, podendo ser externo, quando o controle é percebido fora de si, ou interno, quando a pessoa reconhece a ação como própria, alinhada a seus valores e interesses (DECI; RYAN, 1985; DECI; RYAN, 2000).

A compreensão dos tipos de regulação e do *locus* de causa percebido permite avaliar a qualidade da motivação, que é determinante para o engajamento, a persistência e a manutenção de comportamentos, especialmente em contextos de atividade física (MEURER et al., 2012). Indivíduos com maior internalização da motivação tendem a apresentar comportamentos mais consistentes e duradouros, enquanto aqueles com *locus* de causa externo estão mais sujeitos à desistência ou à variação do engajamento.

2.4.1 Sem regulação

Na Teoria da Autodeterminação (TAD), a amotivação representa a ausência de regulação motivacional, caracterizada pela falta de intenção, direção ou engajamento voluntário na atividade (DECI; RYAN, 2000; TEIXEIRA et al., 2012). Nesse estado, o indivíduo atua sob

um *locus* de causalidade impessoal, não percebendo propósito, valor ou benefícios na ação, além de vivenciar sentimentos de incompetência e perda de controle (DECI; RYAN, 2000; TEIXEIRA et al., 2012; VIANA; ANDRADE; MATIAS, 2010).

Quando a prática é iniciada por mera obrigação ou pressão externa, sem a percepção de utilidade ou satisfação, a amotivação se consolida. Esse quadro associa-se diretamente à menor frequência de treino, baixos níveis de persistência e elevada propensão ao abandono da atividade física em diferentes populações e faixas etárias (HAGGER; CHATZISARANTIS, 2008; VIANA; ANDRADE; MATIAS, 2010; TEIXEIRA et al., 2012).

Para reverter o estado amotivado, intervenções fundamentadas na TAD focam no suporte às três necessidades psicológicas básicas. A oferta de escolhas alinhadas às preferências do praticante fortalece a autonomia; o fornecimento de feedbacks construtivos e realistas consolida a competência; e a criação de um ambiente social acolhedor promove o pertencimento (DECI; RYAN, 2000; TEIXEIRA et al., 2012). Ambientes estruturados a partir desses princípios reduzem significativamente a amotivação e estimulam a transição para formas mais autodeterminadas de regulação, como a motivação identificada, integrada e intrínseca, viabilizando a adesão sustentável ao comportamento ativo (FORTIER et al., 2007 apud TEIXEIRA et al., 2012; DECI; RYAN, 2000).

2.4.2 Regulação Externa – *Locus* de Causa Externo

Na Teoria da Autodeterminação (TAD), a regulação externa representa a forma mais controlada de motivação extrínseca, ocorrendo quando o comportamento é direcionado por recompensas, punições ou exigências externas (DECI; RYAN, 2000). O *locus* de causalidade percebido é estritamente externo, uma vez que o indivíduo atribui a origem da ação a pressões, metas ou expectativas de terceiros, assumindo um caráter instrumental em que o exercício é visto como um meio para um fim, e não como uma escolha pessoal (DECI; RYAN, 2000).

Evidências teóricas e empíricas indicam que a regulação externa apresenta correlações negativas ou neutras com a continuidade do exercício, estando associada a menor persistência e engajamento prolongado (TEIXEIRA et al., 2012). Embora desempenhe um papel funcional nos estágios iniciais de adoção do comportamento ao facilitar a adesão primária, sua capacidade de sustentar a prática ao longo do tempo é limitada (TEIXEIRA et al., 2012; MEURER;

BERTOLDO BENEDETTI; MAZO, 2012; BALBINOTTI et al., 2011; DOMINSKI et al., 2019). Para a manutenção contínua da atividade física, torna-se indispensável que o indivíduo evolua para formas mais autodeterminadas de regulação, como a motivação identificada, integrada e intrínseca (TEIXEIRA et al., 2012; MEURER; BERTOLDO BENEDETTI; MAZO, 2012; BALBINOTTI et al., 2011; DOMINSKI et al., 2019).

2.4.3 Regulação Introjetada – *Locus de Causa Externo*

Na Teoria da Autodeterminação (TAD), a regulação introjetada representa uma forma parcialmente internalizada de motivação extrínseca, na qual o indivíduo assimila normas e exigências externas sem, contudo, integrá-las de maneira autônoma ao seu *self* (DECI; RYAN, 1985, 2000; RYAN; DECI, 2017). Nela, o *locus* de causalidade situa-se em uma zona intermediária entre o externo e o interno: o comportamento é impulsionado por pressões psíquicas internas, tais como culpa, vergonha, ansiedade, busca por aprovação social ou preservação da autoestima, mantendo um caráter essencialmente controlado, embora pareça autodirigido (PELLETIER et al., 2001; VANSTEENKISTE et al., 2006, 2010; RYAN; DECI, 2020).

Ao contrário da regulação identificada, em que o valor da atividade é aceito conscientemente, a introjeção opera por coerção interna e evitação de sentimentos de fracasso (DECI; RYAN, 2008). Embora seja capaz de gerar níveis moderados de persistência e desempenho no exercício físico, a regulação introjetada cobra um custo emocional elevado, associando-se ao estresse, ao esgotamento, ao perfeccionismo e à autocritica excessiva (NTOUMANIS; STANDAGE, 2009; GAGNÉ et al., 2015; HOWARD et al., 2021). Trata-se, portanto, de um estágio intermediário no *continuum* motivacional que, apesar de impulsionar a ação, resulta em menor qualidade de engajamento e compromete o bem-estar psicológico a longo prazo quando comparado às formas plenamente autodeterminadas.

2.4.4 Regulação Identificada - *Locus de Causa Interno*

Na Teoria da Autodeterminação (TAD), a regulação identificada representa uma forma autodeterminada de motivação extrínseca, caracterizada pelo reconhecimento e aceitação consciente do valor de um comportamento, promovendo sua integração parcial ao *self* (DECI; RYAN, 1985, 2000; RYAN; DECI, 2017). Ocorrendo quando o indivíduo adota uma prática

por considerá-la pessoalmente relevante ou alinhada a seus objetivos de vida, esse mecanismo difere tanto da regulação introjetada, movida por pressões internas como culpa e ansiedade, quanto da motivação intrínseca, que decorre do prazer imediato da própria atividade (VANSTEENKISTE et al., 2009).

Ao ocupar uma posição avançada no *continuum* da internalização motivacional, a regulação identificada facilita o engajamento sustentado ao transformar normas e objetivos externos em escolhas voluntárias (DECI; RYAN, 2000; RYAN; DECI, 2017). Essa assimilação consciente associa-se diretamente à satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e pertencimento, gerando resultados comportamentais e adaptativos altamente positivos sem acarretar os custos emocionais típicos das regulações controladas (VANSTEENKISTE et al., 2007, 2009; HOWARD et al., 2021). Trata-se, assim, do principal processo teórico que explica como ações essencialmente instrumentais podem ser vivenciadas de modo autônomo, oferecendo suporte consistente à manutenção do comportamento em longo prazo (DECI; RYAN, 2000; RYAN; DECI, 2017).

2.4.5 Regulação Integrada – *Locus Interno*

Na Teoria da Autodeterminação (TAD), a regulação integrada representa o estágio mais avançado e autônomo de internalização de comportamentos extrínsecos, no qual normas e valores externos são plenamente assimilados e sintetizados ao *self* e à identidade do indivíduo (DECI; RYAN, 1985, 2000; RYAN; DECI, 2017). Diferenciando-se da regulação identificada que envolve apenas a aceitação consciente do valor de uma ação, a integração assegura que o comportamento se harmonize de maneira completa com o sistema de crenças, a identidade e outros valores pessoais já consolidados (VANSTEENKISTE et al., 2009; RYAN; DECI, 2017).

Por representar uma internalização completa, a regulação integrada confere ao comportamento maior estabilidade e resiliência frente a oscilações externas, ao contrário da regulação externa (dependente de contingências ambientais) e da introjetada (sustentada por pressões e conflitos internos) (DECI; RYAN, 2000; VANSTEENKISTE et al., 2009). Esse nível de regulação é impulsionado por contextos que oferecem suporte à autonomia, justificativas significativas para a ação e espaço para reflexão pessoal (GAGNÉ; DECI, 2005; RYAN; DECI, 2017). Consequentemente, associa-se à plena satisfação das necessidades psicológicas básicas, a padrões elevados de funcionamento psicológico, a maior persistência e

ao engajamento duradouro no comportamento adotado (GAGNÉ; DECI, 2005; HOWARD et al., 2021).

2.4.6 Regulação intrínseca – *Locus de Causa Interno*

A regulação intrínseca constitui o núcleo da Teoria da Autodeterminação (TAD), caracterizando-se pela execução de atividades pelo prazer, interesse e satisfação inerentes à sua realização, de forma independente de recompensas externas (DECI; RYAN, 1985, 2000). Esse estado emerge da tendência natural humana de explorar o ambiente, buscar novos desafios e aprender, representando a forma mais autônoma e ideal do funcionamento psicológico (DECI; RYAN, 1985; VANSTEENKISTE et al., 2009).

A emergência da motivação intrínseca depende diretamente do suporte do ambiente à satisfação das três necessidades psicológicas básicas: autonomia (percepção de volição e autodeterminação nas escolhas), competência (sensação de eficácia no cumprimento de desafios) e relacionamento (sentimento de conexão e pertencimento social) (DECI; RYAN, 2000; RYAN; DECI, 2017). Enquanto contextos que nutrem esses pilares elevam o interesse genuíno, ambientes ostensivamente controladores tendem a minar essa regulação autônoma (VANSTEENKISTE et al., 2009).

Ao diferenciar-se da motivação extrínseca, focada na obtenção de resultados externos, a regulação intrínseca produz impactos qualitativamente superiores no desempenho e na sustentabilidade do comportamento (DECI; RYAN, 2000; GAGNÉ; DECI, 2005). Por ser o nível máximo de autodeterminação, associa-se de forma consistente à aprendizagem profunda, à criatividade, à maior persistência e ao engajamento contínuo em múltiplos domínios do desenvolvimento humano (GAGNÉ; DECI, 2005; VANSTEENKISTE et al., 2009; HOWARD et al., 2021).

Quadro 2. Quadro-resumo com regulações e *locus*.

Tipo de Regulação	Características e Referências
Amotivação (Sem Regulação)	Natureza da Motivação: Ausência de motivação Lócus de Causalidade Percebido: Impessoal (nem interno, nem externo) Características Principais: Falta de intenção, propósito ou percepção de competência; desvalorização da atividade; sensação de perda de controle.

	Exemplo Prático: Pessoa que não pratica exercícios por não ver sentido ou acreditar que não é capaz. Consequências para o Comportamento/ Engajamento: Baixa persistência, maior risco de abandono da atividade física; sentimentos de ineficácia e apatia. Principais Referências: DECI; RYAN (2000); TEIXEIRA et al. (2012); HAGGER; CHATZISARANTIS (2008) Natureza da Motivação: Motivação extrínseca controlada Lócus de Causalidade Percebido: Externo Características Principais: Comportamento orientado por recompensas, punições ou exigências externas; obediência a demandas sociais. Exemplo Prático: Praticar exercício apenas por pressão médica ou para receber elogios.
Regulação Externa	Consequências para o Comportamento/ Engajamento: Aumenta adesão inicial, mas não sustenta engajamento a longo prazo; dependência de fatores externos. Principais Referências: DECI; RYAN (2000); TEIXEIRA et al. (2012); MEURER et al. (2012) Natureza da Motivação: Motivação extrínseca parcialmente internalizada Lócus de Causalidade Percebido: Parcialmente externa (entre externo e interno) Características Principais: Internalização parcial de normas; ações guiadas por culpa, vergonha ou necessidade de aprovação; controle interno.
Regulação Introjetada	Exemplo Prático: Treinar para evitar sentimento de culpa ou manter a autoestima. Consequências para o Comportamento/ Engajamento: Pode gerar persistência moderada, mas também ansiedade, estresse e perfeccionismo; menor qualidade motivacional. Principais Referências: DECI; RYAN (1985, 2000); VANSTEENKISTE et al. (2010); HOWARD et al. (2021) Natureza da Motivação: Motivação extrínseca mais autodeterminada Lócus de Causalidade Percebido: Interno
Regulação Identificada	Características Principais: Reconhecimento consciente da importância e valor da ação; internalização parcial de valores; escolha voluntária. Exemplo Prático: Praticar exercício por entender seus benefícios para a saúde.

Regulação Integrada	Consequências para o Comportamento/ Engajamento: Elevada adesão e persistência; engajamento voluntário e sustentável; maior satisfação das necessidades psicológicas.
	Principais Referências: DECI; RYAN (2000); VANSTEENKISTE et al. (2007); RYAN; DECI (2017)
	Natureza da Motivação: Motivação extrínseca totalmente internalizada
	Lócus de Causalidade Percebido: Interno
	Características Principais: Integração completa de valores e comportamentos ao <i>self</i> ; congruência com crenças e identidade pessoal.
	Exemplo Prático: Correr porque isso faz parte do estilo de vida e identidade da pessoa.
Motivação Intrínseca	Consequências para o Comportamento/ Engajamento: Engajamento duradouro, bem-estar e consistência de comportamento; autonomia elevada.
	Principais Referências: DECI; RYAN (2000); GAGNÉ; DECI (2005); RYAN; DECI (2017)
	Natureza da Motivação: Motivação totalmente autodeterminada
	Lócus de Causalidade Percebido: Interno
	Características Principais: Engajamento por prazer e satisfação inerentes à atividade; curiosidade, interesse e desafio.
	Exemplo Prático: Correr por gostar da sensação e do prazer da prática.
	Consequências para o Comportamento/ Engajamento: Maior persistência, criatividade, desempenho e bem-estar; engajamento profundo e sustentável.
	Principais Referências: DECI; RYAN (1985, 2000); VANSTEENKISTE et al. (2009); GAGNÉ; DECI (2005)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

2.5 BREQ-2 e BREQ-3

Estudos como o de Guedes e Sofiati (2015), que traduziram e validaram o *Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire* (BREQ-3) para o contexto brasileiro, destacam a importância de avaliar as diferentes regulações motivacionais no âmbito do exercício físico. O BREQ-3, desenvolvido por David Markland e Nikos L. D. Chatzisarantis (2008), é um instrumento utilizado nessa área, que permite identificar seis tipos de regulação motivacional: amotivação, regulação externa, regulação introjetada, regulação identificada, regulação

integrada e motivação intrínseca. Essas regulações estão diretamente relacionadas à Satisfação das Necessidades Psicológicas Básicas (PNSE), que mede a autonomia, competência e relacionamento, as quais, quando atendidas, favorecem a internalização de motivações mais autônomas e, conseqüentemente, a manutenção do comportamento de prática de exercícios. (GUEDES; SOFIATI, 2015).

Nesse estudo, validação psicométrica foi realizada com uma amostra expressiva de 1.041 adultos praticantes de exercícios físicos na cidade de Londrina, Paraná. Os participantes, com idades entre 18 e 60 anos (55% homens, 45% mulheres), representavam diferentes níveis socioeconômicos, sendo a maioria (67%) da classe intermediária. A análise dos dados seguiu um protocolo rigoroso, dividindo a amostra aleatoriamente em dois grupos para realizar separadamente análises fatoriais exploratória e confirmatória (GUEDES; SOFIATI, 2015).

Os resultados demonstraram que a versão brasileira do BREQ-3 manteve satisfatoriamente a estrutura original de seis fatores, abrangendo desde a amotivação até a motivação intrínseca, passando pelos diferentes tipos de regulação extrínseca. Os índices de consistência interna, avaliados pelo alfa de Cronbach, variaram entre 0,68 (regulação identificada) e 0,86 (motivação intrínseca), indicando níveis aceitáveis de confiabilidade. Os bons indicadores de ajuste do modelo ($\chi^2/\text{gl} = 1,91$; GFI = 0,938; AGFI = 0,954; RMSR = 0,059) confirmaram a validade do instrumento para o contexto brasileiro (GUEDES; SOFIATI, 2015).

Guedes e Sofiati (2015) também investigaram a invariância fatorial, demonstrando que o instrumento pode ser aplicado de forma consistente em diferentes subgrupos populacionais, independentemente de sexo ou idade. Esta característica é particularmente relevante para pesquisas que buscam comparar perfis motivacionais em diversas faixas etárias ou entre homens e mulheres.

Segundo Murcia et. al. (2007) em estudo de validação do *Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire* (BREQ-2), questionário desenvolvido por David Markland e Kenneth J. Ingledew (1997), realizado com adultos praticantes de atividades físicas não competitivas na região de Múrcia, Espanha, a escala manteve sua estrutura original de 18 itens distribuídos em cinco fatores: motivação intrínseca, regulação identificada, regulação introjetada, regulação externa e amotivação, conforme proposto pela Teoria da Autodeterminação. Os resultados

demonstraram adequados índices de consistência interna e validade fatorial, com cargas fatoriais superiores a 0,50 e valores de alfa de Cronbach satisfatórios para todas as subescalas, confirmando a validade do instrumento no contexto de prática física não competitiva.

O estudo de Brooks et. al. (2018) validou o questionário BREQ-2 em adultos com dor musculoesquelética crônica (n=211) nos Estados Unidos, confirmando sua estrutura de cinco fatores e adequadas propriedades psicométricas. A análise fatorial confirmatória e técnicas correlacionais demonstraram boa confiabilidade e validade de construto, além de relações significativas com autoeficácia e suporte social.

Os BREQ-2 e BREQ-3, derivados da Teoria da Autodeterminação (SDT), são instrumentos projetados para avaliar cinco tipos de regulação motivacional no exercício: amotivação, regulação externa, introjetada, identificada e intrínseca (com a versão 3 incluindo ainda a regulação integrada). O BREQ-2 tem 19 itens que contemplam todas essas subescalas, fornecendo uma estrutura fatorial e confiável para avaliar o *continuum* motivacional em contextos de atividade física (CARVAS JUNIOR et.al., 2021).

A versão brasileira do BREQ-2, tanto em formato impresso quanto online, demonstrou consistência interna satisfatória, com valores de *Alfa de Cronbach* acima de 0,70 para todas as dimensões, sendo ligeiramente menor para a regulação externa ($\alpha \approx 0,67$) (CARVAS JUNIOR et.al., 2021). A análise fatorial confirmatória evidenciou a validade da estrutura de cinco fatores, reforçando sua adequação para uso em estudos com população brasileira (GUEDES; SOFIATI, 2015; CARVAS JUNIOR et.al., 2021).

Mais recentemente, o BREQ-3 foi traduzido e validado para o português brasileiro para uso em adultos mais velhos (50+ anos). Este instrumento confirmou a confiabilidade, validade de construto e validade discriminante, incluindo a regulação integrada como subescala adicional, o que permite avaliar um espectro completo de regulação motivacional autodeterminada e não autodeterminada (DE OLIVEIRA VANINI, 2025).

O estudo de Reyes-Molina (2025), adaptou e validou o BREQ-3 para avaliar a motivação em relação à atividade física incidental em 346 estudantes universitários chilenos. A análise fatorial confirmatória manteve a estrutura de seis fatores (motivação intrínseca, regulação integrada, identificada, introjetada, externa e amotivação), com índices de ajuste

adequados (χ^2/df : 2,196; CFI: 0,99; RMSEA: 0,059) e confiabilidade consistente (α e ω entre 0,75 e 0,96).

Cada tipo de regulação representa um ponto no *continuum* de autodeterminação, desde formas mais autônomas, como a motivação intrínseca, até formas mais controladas, como a regulação externa. A escala permite identificar o grau de autodeterminação presente nos comportamentos dos indivíduos, sem emitir juízo de valor, sendo amplamente utilizada em pesquisas organizacionais para compreender os fatores que influenciam o engajamento e a persistência no ambiente de trabalho. (TREMBLAY et al., 2009).

A compreensão dos fatores que influenciam a motivação para a prática de atividades físicas tem se mostrado importante para o desenvolvimento de estratégias eficazes de promoção da saúde e bem-estar. Nesse cenário, a Teoria da Autodeterminação (*Self-Determination Theory – SDT*), desenvolvida por Deci e Ryan (1985), desponta como um dos referenciais teóricos mais relevantes para analisar os diferentes tipos de motivação que orientam o comportamento humano em contextos de exercício e esporte.

A Teoria da Autodeterminação tem sido aplicada no contexto brasileiro, principalmente nas áreas de Psicologia e Educação Física, conforme evidenciado por Prudencio et al. (2020) em um mapeamento sistemático da literatura nacional. Os estudos destacam a predominância de pesquisas empíricas, com foco na validação de instrumentos psicométricos e na investigação de fatores motivacionais em diferentes contextos, como educação e esportes. A região Sul concentrou a maior parte das publicações, com destaque para os estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Além disso, tem sido utilizada para compreender a motivação de estudantes e praticantes de atividades físicas, reforçando a importância da satisfação das necessidades psicológicas básicas (autonomia, competência e relacionamento) para a promoção de comportamentos autodeterminados (PRUDENCIO et al., 2020).

O estudo de Santos et al. (2015), fundamentado na Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 1985), investigou a relação entre o tempo de prática, a satisfação das necessidades psicológicas básicas (NPB), autonomia, competência e relacionamento social, e a motivação em mulheres praticantes de exercício físico ao ar livre. Os resultados demonstraram que o tempo de prática predisse positivamente a satisfação das necessidades psicológicas ($\beta =$

0,22; $p = 0,02$), que, por sua vez, influenciou positivamente o índice de intensidade motivacional ($\beta = 0,44$; $p < 0,001$) e negativamente a desmotivação ($\beta = -0,22$; $p < 0,001$).

Esses resultados corroboram a literatura, evidenciando que a satisfação das NPB está associada a maiores níveis de motivação intrínseca e menor desmotivação, reforçando a importância de contextos que promovam autonomia, competência e relações sociais para a adesão à prática regular de exercícios (SANTOS et al., 2015). Além disso, o estudo destacou que mulheres com maior tempo de prática tendem a apresentar maior internalização da motivação, sugerindo que intervenções focadas no suporte à satisfação das necessidades psicológicas nos primeiros meses de atividade podem ser estratégias eficazes para reduzir o abandono precoce (BALBINOTTI et al., 2011).

Batista et al. (2020) analisaram os fatores motivacionais de praticantes de exercício em Petrolina-PE usando o EMI-2, identificando diferenças por gênero: homens motivaram-se mais por condição física, diversão e competição, enquanto mulheres priorizaram reabilitação da saúde. Alinhando-se à Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 2000), o estudo revelou a coexistência de motivações autônomas (diversão) e controladas (competição). Indivíduos casados e com maior renda mostraram maior motivação extrínseca (prevenção de doenças e controle de peso) (GUEDES et al., 2012). A frequência de prática não se correlacionou com motivação intrínseca, sugerindo que a satisfação das necessidades psicológicas básicas (TEIXEIRA et al., 2012) é mais relevante para adesão sustentável, reforçando a necessidade de intervenções personalizadas.

De acordo com a teoria, a motivação não deve ser vista como um fenômeno unidimensional, mas sim como um *continuum* que varia desde a ausência de motivação (denominada amotivação), passando por formas de motivação extrínseca com diferentes níveis de internalização, até chegar à motivação intrínseca, caracterizada pelo prazer e interesse pela atividade em si (RYAN; DECI, 2000). Cada forma de motivação está relacionada a um *locus* de causa (impessoal, externo ou interno) e a processos reguladores específicos, que influenciam diretamente a adesão, a persistência e a satisfação do praticante com a atividade física.

No contexto da corrida, por exemplo, compreender os tipos de regulação e suas implicações pode explicar por que alguns indivíduos mantêm uma prática regular ao longo dos anos, enquanto outros desistem logo nas primeiras semanas. Estudos indicam que motivações

mais autodeterminadas, como aquelas baseadas em valores pessoais, prazer e senso de identidade, estão associadas à maior adesão e ao bem-estar emocional, enquanto motivações controladas, baseadas em pressão externa ou culpa, tendem a gerar efeitos limitados e insatisfatórios (TEIXEIRA et al., 2012; GUTE; SCHLÖGL; GROTH, 2022).

2.6 Teoria do Bem-Estar Subjetivo (BES)

O Bem-Estar Subjetivo (BES) refere-se às avaliações que as pessoas fazem de suas próprias experiências de vida (DIENER, 2000; DIENER; OISHI; LUCAS, 2003). No âmbito da atividade física e do esporte, a dimensão afetiva do BES desempenha um papel central, englobando a frequência e a intensidade com que os indivíduos vivenciam afetos positivos (como entusiasmo, vitalidade e prazer) e afetos negativos (como estresse, ansiedade e frustração) (WATSON; CLARK; TELLEGEN, 1988; EATHER et al., 2023).

A prática regular de exercícios, como a corrida de rua, induz respostas fisiológicas e psicológicas que se associam a esses estados afetivos. Do ponto de vista biológico, o exercício estimula a liberação de neurotransmissores e endorfinas, promovendo sensações imediatas de prazer e analgesia (THORÉN et al., 1990; PENG; ZHANG; PANG, 2025). Adicionalmente, promove adaptações cardiovasculares, neurológicas e metabólicas que aumentam a vitalidade e a sensação de energia (EVANGELISTA, 2017; VORKAPIC-FERREIRA et al., 2017; FREITAS, 2021).

Psicologicamente, o engajamento esportivo atua como um regulador emocional eficaz ao reduzir os níveis de estresse e ansiedade (ARAÚJO et al., 2022). Em um plano social, a inserção em grupos de corrida e eventos esportivos fortalece o sentimento de pertença, oferecendo redes de apoio interpessoal que reduzem o isolamento e elevam as vivências emocionais favoráveis (TRUCCOLO; MADURO; FEIJÓ, 2008; DOS SANTOS, 2022).

Para a mensuração fidedigna dos estados emocionais no contexto do exercício, destaca-se a *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS), desenvolvida por Watson, Clark e Tellegen (1988). A PANAS opera sob a premissa de que os afetos positivos (AP) e os afetos negativos (AN) constituem duas dimensões ortogonais e relativamente independentes do humor, e não polos opostos de um mesmo *continuum*.

Afeto Positivo (AP): Reflete o grau em que uma pessoa se sente entusiasmada, ativa e alerta. Níveis elevados indicam um estado de alta energia, concentração total e engajamento prazeroso.

Afeto Negativo (AN): Reflete uma dimensão geral de angústia subjetiva e engajamento desagradável, englobando estados como raiva, culpa, medo e nervosismo.

A utilização da escala PANAS no contexto esportivo é fundamentada na literatura. Estudo conduzido por Teixeira e Palmeira (2016) demonstrou que a satisfação das necessidades psicológicas básicas (autonomia, competência e relacionamento) se associa a respostas emocionais mais favoráveis durante o exercício, caracterizadas por maiores escores de afeto positivo, efeito mediado pelas regulações motivação autônomas. Do mesmo modo, Rodrigues et al. (2021) evidenciaram que o exercício regular apresenta correlação direta com marcadores de afeto positivo e subjetividade vital, e associação inversa com marcadores de afeto negativo.

As oscilações nos afetos positivos e negativos durante a prática esportiva são ativamente moduladas por uma complexa interação de fatores psicológicos, motivacionais e ambientais. Sob a ótica da Teoria da Autodeterminação, a percepção de suporte à autonomia, competência e pertencimento atua como um catalisador das emoções favoráveis, reduzindo simultaneamente a vivência de afetos negativos (LUTZ; KAROLY; OKUN, 2013; PETRELLA et al., 2022; ANTUNES et al., 2023). Essa sustentação psicológica mostra-se tão determinante que, mesmo diante de sessões de exercício de alta intensidade ou desconforto físico, o atendimento dessas necessidades básicas exerce um efeito protetor sobre a estabilidade emocional do praticante (TEIXEIRA; PALMEIRA, 2016).

Paralelamente, o grau de envolvimento e a qualidade da experiência vivida pelo atleta desempenham papel central nessa dinâmica afetiva. O engajamento esportivo, mensurado por instrumentos como o *Athlete Engagement Questionnaire* (AEQ; LONSDALE; HODGE; JACKSON, 2007) e a *Sport Engagement Scale* (SES; STOLARSKI; PRUSZCZAK; WALERIAŃCZYK, 2022), associa-se diretamente ao entusiasmo e à absorção na tarefa, elevando os níveis de afeto positivo e prevenindo quadros de esgotamento (*burnout*). Ademais, no contexto específico das competições e corridas de rua, a dimensão afetiva da experiência no evento (mensurada por ferramentas como a *Event Experience Scale* - EES) molda a resposta emocional imediata e a avaliação global do participante sobre a prova (YOSHIDA; JAMES, 2010; FOROUGH et al., 2016).

Por fim, a literatura recente enfatiza que os impactos da motivação sobre o estado afetivo operam frequentemente por meio de mecanismos psicossociais intermediários. A disposição para o exercício eleva o afeto positivo e mitiga o afeto negativo ao favorecer o desenvolvimento de competências socioemocionais (ZHANG et al., 2025), a otimização da qualidade do sono (LIN et al., 2022) e a redução de sentimentos de solidão ou discriminação percebida (FENG; LI; ZHANG, 2024). Em suma, ao mensurar essas oscilações por meio da escala PANAS, torna-se possível capturar com precisão a resposta emocional induzida pelo esporte, evidenciando como ambientes favoráveis e estímulos motivacionais adequados maximizam os estados afetivos positivos e minimizam os negativos na rotina dos praticantes.

Quadro 3. Síntese Teórica sobre Teoria da Autodeterminação e Teoria do Bem-Estar Subjetivo

Dimensão	Principais conceitos, autores e aplicação à pesquisa
Teoria da Autodeterminação (TAD)	Necessidades básicas: autonomia, competência, pertencimento Motivação intrínseca/extrínseca Autores: DECI; RYAN (2000); TEIXEIRA et al. (2012); RYAN; DECI (2017) Corredores motivados por prazer (intrínseco) ou recompensas (extrínseco), dependendo do contexto. Satisfação com a vida Emoções positivas Redução de afetos negativos
Bem-Estar Subjetivo (BES)	Autores: DIENER (2000); BATISTA et al. (2021); ANTUNES et al. (2023) Corrida associada à qualidade de vida e felicidade autorrelatada.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

2.7 Integração entre a Teoria da Autodeterminação e a Teoria do Bem-Estar Subjetivo

A compreensão dos fatores que impulsionam o comportamento humano e de como estes se refletem na experiência subjetiva de satisfação e qualidade de vida tem sido objeto de estudo de diversas correntes teóricas no campo da psicologia e das ciências do comportamento. Entre essas abordagens, destacam-se a Teoria da Autodeterminação (TAD), desenvolvida por Deci e Ryan (1985; 2000), e a Teoria do Bem-Estar Subjetivo (BES), proposta por Diener (2000). Essas teorias compartilham o interesse em explicar o papel dos processos motivacionais e

emocionais na promoção da saúde psicológica e no fortalecimento da relação entre comportamento e satisfação pessoal.

A Teoria da Autodeterminação (TAD) constitui uma das principais abordagens contemporâneas sobre a motivação humana. Fundamentada na ideia de que os indivíduos tendem a buscar atividades que satisfaçam suas necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento, a TAD propõe que o comportamento autodeterminado favorece o engajamento persistente e o bem-estar psicológico (DECI; RYAN, 2000; RYAN; DECI, 2017). A teoria distingue diferentes tipos de motivação em um *continuum* que vai desde a regulação controlada até a regulação autônoma, sendo esta última associada a maior adesão, prazer e persistência em atividades físicas (TEIXEIRA et al., 2012; DOMINSKI et al., 2019).

No contexto esportivo, especialmente nas corridas de rua e em práticas de atividade física, a TAD explica que a satisfação das necessidades psicológicas básicas é determinante para a internalização de comportamentos e para a transformação de motivações externas em motivações autônomas. Ambientes que oferecem suporte à autonomia, feedback positivo e apoio social tendem a favorecer a motivação autodeterminada, a adesão de longo prazo e o bem-estar emocional (FORTIER et al., 2007; BALBINOTTI et al., 2011; VANSTEENKISTE et al., 2020).

A literatura aponta ainda que a internalização progressiva de motivos extrínsecos, processo central na TAD, é o principal mecanismo que explica a manutenção de comportamentos saudáveis e o desenvolvimento de sentimentos de competência e pertencimento. Em estudos aplicados à atividade física, formas mais autodeterminadas de regulação motivacional (intrínseca e identificada) estão fortemente associadas à continuidade da prática, enquanto formas controladas estão relacionadas à desistência e ao menor bem-estar (NTOUMANIS; MOLLER, 2025; XU et al., 2025; RODRIGUES et al., 2024).

Em síntese, a Teoria da Autodeterminação oferece a base para compreender os mecanismos motivacionais que sustentam o comportamento, elucidando como a satisfação das necessidades psicológicas básicas favorece o engajamento e a persistência. Essa perspectiva teórica serve de fundamento para compreender as consequências afetivas e cognitivas da prática esportiva, as quais são explicadas pela Teoria do Bem-Estar Subjetivo (BES).

A Teoria do Bem-Estar Subjetivo (BES), formulada por Diener (2000) e desenvolvida em estudos anteriores (DIENER et al., 1985; DIENER et al., 2003), propõe que o bem-estar é resultado da avaliação que as pessoas fazem de suas próprias vidas, abrangendo tanto aspectos cognitivos, como a satisfação com a vida, quanto aspectos afetivos, relacionados à presença de emoções positivas e à ausência de emoções negativas. Nesse modelo, o bem-estar é entendido como uma medida da qualidade de vida percebida, influenciada por fatores pessoais, sociais e contextuais.

Aplicada ao campo esportivo, a BES permite compreender os resultados emocionais e avaliativos da motivação autodeterminada. Práticas físicas regulares, especialmente quando motivadas por razões autônomas, estão associadas a níveis mais elevados de felicidade, vitalidade e satisfação pessoal (EATHER et al., 2023; ANTUNES et al., 2023). Além disso, a BES reconhece que o bem-estar é composto por dimensões física, mental e social (ARAÚJO; ARAÚJO, 2000; NOGUEIRA, 2002; SIRGY; LEE, 2008, citado por GONÇALVES, 2012).

Assim, atividades como a corrida de rua promovem benefícios fisiológicos, como melhora cardiovascular, aumento da densidade óssea e liberação de endorfinas (LAURSEN; JENKINS, 2002; ABREU; LEAL-CARDOSO; CECCATTO, 2017; PENG; ZHANG; PANG, 2025), e benefícios psicológicos e sociais, como redução do estresse, ampliação das redes de apoio e fortalecimento do sentimento de pertencimento (DOS SANTOS, 2022; CANCIAN; ALDERETE; MALACARNE, 2019).

Estudos empíricos reforçam a conexão entre motivação autodeterminada e bem-estar subjetivo. Batista et al. (2021) identificaram que a satisfação da necessidade de autonomia aumenta a motivação autodeterminada e, conseqüentemente, as emoções positivas entre atletas veteranos. De modo semelhante, Paula et al. (2010) e Antunes et al. (2023) constataram que indivíduos fisicamente ativos apresentam níveis mais altos de bem-estar subjetivo, indicando que a prática de exercícios influencia tanto o componente emocional (emoções positivas) quanto o cognitivo (satisfação com a vida).

Ao integrar essas duas perspectivas, observa-se que a Teoria da Autodeterminação explica o processo motivacional que leva ao engajamento em atividades físicas, enquanto a Teoria do Bem-Estar Subjetivo descreve os resultados desse engajamento em termos de satisfação, felicidade e qualidade de vida percebida. Assim, a BES complementa a TAD,

oferecendo uma estrutura para avaliar os efeitos emocionais e cognitivos das motivações autodeterminadas, especialmente em contextos esportivos e de promoção da saúde.

Essa integração teórica permite compreender o comportamento esportivo de forma mais ampla: a TAD esclarece por que e como as pessoas se engajam em práticas físicas, e a BES mostra o que sentem e como avaliam essas experiências. Juntas, essas teorias fornecem uma base para estudos que buscam compreender os vínculos entre motivação, engajamento, satisfação e bem-estar, especialmente no contexto das corridas de rua e da promoção de hábitos saudáveis.

A presente pesquisa fundamenta-se principalmente na Teoria da Autodeterminação (TAD), proposta por Deci e Ryan (1985, 2000), que busca compreender os processos motivacionais humanos a partir da satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento, as quais sustentam formas mais autônomas de motivação e favorecem o bem-estar e a persistência comportamental. No contexto das corridas de rua, essa teoria é articulada ao conceito de engajamento na participação, derivado dos estudos de Schaufeli e Bakker (2004) sobre engajamento, e à qualidade da experiência percebida, discutida por McDonald, Karg e Lock (2014), que abordam a dimensão afetiva e simbólica do envolvimento do consumidor em eventos esportivos.

Assim, o estudo adota da TAD os construtos de satisfação das necessidades psicológicas básicas, motivação intrínseca (regulação identificada e motivação intrínseca) e amotivação, analisando como esses fatores, influenciados pelo engajamento e pela experiência vivida, impactam os afetos (WATSON; CLARK; TELLEGEN, 1988) e a intenção de continuidade na prática esportiva (AJZEN, 1991). O diálogo entre essas abordagens permite compreender de forma integrada o papel das experiências emocionais, motivacionais e comportamentais no engajamento duradouro com as corridas de rua, fortalecendo o vínculo entre motivação autodeterminada e bem-estar subjetivo.

2.8 Identidade com a Corrida e a Moderação dos Afetos Positivos

A identidade esportiva constitui uma dimensão central na compreensão da manutenção do comportamento em modalidades de *endurance*, como a corrida de rua. Derivada dos pressupostos da Teoria da Identidade Social (TAJFEL; TURNER, 1979) e da Teoria da

Identidade (STRYKER; BURKE, 2000), a identidade com a corrida reflete o grau em que o indivíduo se define, se identifica e internaliza o papel de "ser um corredor" em seu próprio autoconceito (BREWER; VAN RAALTE; LINDER, 1993). Longe de representar apenas a prática casual ou a adesão a um hábito, a identidade atua como uma estrutura cognitiva organizadora que orienta o processamento de informações, as escolhas de estilo de vida, o direcionamento da atenção e a regulação do comportamento.

Evolutivamente, o estudo da identidade no esporte avançou de uma visão estática, centrada meramente na participação em modalidades organizadas, para uma perspectiva multidimensional e dinâmica da autodefinição (BREWER; CORNELIUS, 2001). Inicialmente introduzida por Brewer, Van Raalte e Linder (1993), a Athletic Identity foi conceituada como o grau em que um indivíduo se identifica com o papel de atleta. Subsequentes refinamentos teóricos e empíricos (BREWER; CORNELIUS, 2001) demonstraram que esse construto engloba dimensões sociais, afetivas e cognitivas, variando ao longo de um continuum de proeminência na estrutura do self.

No contexto da corrida de rua, essa evolução teórica permitiu compreender que o sujeito não apenas "pratica" a corrida de forma instrumental, mas absorve o papel social e pessoal do corredor. Esse papel passa a guiar a percepção do indivíduo em seus círculos sociais, suas rotinas diárias e sua própria autoimagem corporal e psicológica (ANDERSON, 2004; LAMONT; KENNELLY, 2012).

Embora a literatura reporte correlações entre os construtos, é fundamental diferenciar teoricamente a identidade esportiva do comprometimento com o esporte. O comprometimento, sob a ótica do envolvimento comportamental e atitudinal, refere-se à disposição motivacional, ao investimento deliberado de tempo, esforço e recursos financeiros, ou até mesmo à obrigação percebida de manter a prática da modalidade (SCANLAN et al., 1993), respondendo prioritariamente à indagação sobre o quanto o indivíduo pretende continuar investindo nessa atividade. Em contrapartida, a identidade esportiva fundamenta-se na estrutura do autoconceito, refletindo a centralidade e a proeminência do papel de corredor na arquitetura da personalidade e do self (BREWER; VAN RAALTE; LINDER, 1993), o que responde a uma questão mais profunda sobre quem o indivíduo é em sua essência.

Dessa forma, enquanto o comprometimento reflete a intenção e a perseverança direcionadas a um comportamento específico, a identidade representa o esquema de autoavaliação cognitivo e afetivo que lhe serve de base. Essa distinção teórica torna-se evidente ao observar que um praticante pode apresentar elevado comprometimento com a corrida por razões puramente instrumentais, como o controle de peso ou o cumprimento de uma recomendação médica, sem, contudo, internalizar o papel de corredor em seu autoconceito. Por outro lado, quando a identidade com a modalidade é plenamente estabelecida, a eventual interrupção da prática deixa de representar apenas a perda de uma rotina de exercícios e passa a ser vivenciada como uma ameaça real à própria integridade do *self*.

No modelo conceitual da pesquisa, a identidade com a corrida é proposta como o principal antecedente direto da intenção de continuidade. Conforme pressupõe a Teoria da Identidade (STRYKER; BURKE, 2000), o indivíduo busca agir em consonância com os papéis que definem sua estrutura pessoal. Assim, sob elevada identidade esportiva, a continuidade na modalidade passa a ser uma confirmação natural e volitiva do próprio *self*.

Contudo, a força de conversão dessa identidade em intenção de reparticipação é dinamizada pelas respostas emocionais vivenciadas durante o evento, estabelecendo os Afetos Positivos como a variável moderadora do modelo. Sustentada pela perspectiva de relacionamento em serviços de Yoshida e James (2010) e pela Teoria do Valor Percebido de Sweeney e Soutar (2001), a premissa é de que as emoções atuam como catalisadores atitudinais. Para praticantes que já possuem a autoimagem de corredor consolidada, experimentar altos níveis de entusiasmo, alegria e orgulho durante a prova funciona como um amplificador cognitivo e afetivo. Esses afetos positivos ressoam de forma congruente com o autoconceito, potencializando a propensão natural da identidade em promover e sustentar a intenção de continuidade.

Dessa forma, os afetos positivos atuam como uma condição de fronteira que intensifica a conversão da autodefinição esportiva em respostas comportamentais futuras. Para a mensuração da identidade, utiliza-se a versão refinada da *Athletic Identity Measurement Scale* (AIMS), desenvolvida por Brewer, Van Raalte e Linder (1993) e ajustada por Brewer e Cornelius (2001), instrumento que capta fidedignamente a dimensão social, o autoconceito e a exclusividade do papel de atleta. Na literatura de psicologia do esporte, a AIMS apresenta

consolidadas propriedades psicométricas, registrando consistência interna robusta, com valores de *Alfa de Cronbach* (α) sistematicamente situados entre 0,81 e 0,87.

MODELO TEÓRICO DA PESQUISA

Nessa seção são apresentadas as hipóteses que foram testadas para essa pesquisa e os principais estudos ligados ao modelo teórico proposto conforme Quadro 4.

Quadro 4. Hipóteses da pesquisa e estudos que forneceram suporte às hipóteses

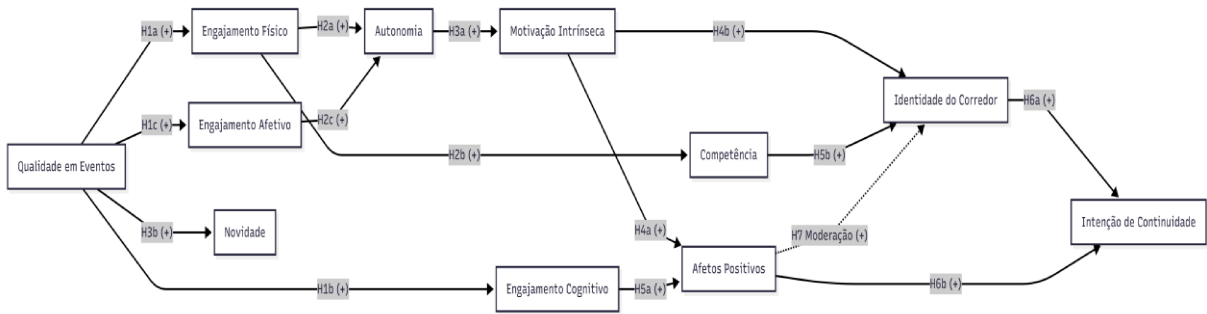
Hipótese Proposição Teórica (Caminho do Modelo Estrutural) e Estudos de Suporte (Referencial Teórico)

H1a	A Qualidade em Eventos exerce um efeito positivo sobre o Engajamento Físico de corredores de rua. YOSHIDA; JAMES (2010); GEUS; RICHARDS; TOEPOEL (2016)
H1b	A Qualidade em Eventos exerce um efeito positivo sobre o Engajamento Cognitivo de corredores de rua. YOSHIDA; JAMES (2010); GEUS; RICHARDS; TOEPOEL (2016)
H1c	A Qualidade em Eventos exerce um efeito positivo sobre o Engajamento Afetivo de corredores de rua. YOSHIDA; JAMES (2010); GEUS; RICHARDS; TOEPOEL (2016)
H2a	O Engajamento Físico exerce um efeito positivo sobre a satisfação da necessidade de Autonomia. SCHAUFELI et al. (2002); LONSDALE; HODGE; JACKSON (2007)
H2b	O Engajamento Físico exerce um efeito positivo sobre a satisfação da necessidade de Competência. SCHAUFELI et al. (2002); LONSDALE; HODGE; JACKSON (2007)
H2c	O Engajamento Afetivo exerce um efeito positivo sobre a satisfação da necessidade de Autonomia. SCHAUFELI et al. (2002); LONSDALE; HODGE; JACKSON (2007)
H3a	A satisfação da necessidade de Autonomia influencia positivamente a Motivação Intrínseca. COSTA et al. (2015); WILSON et al. (2006)
H3b	A Qualidade em Eventos exerce um efeito positivo sobre a percepção de Novidade no evento. GEUS; RICHARDS; TOEPOEL (2016)
H4a	A Motivação Intrínseca está positivamente associada aos Afetos Positivos experimentados. MULLAN; MARKLAND; INGLEDEW (1997); COSTA et al. (2015); GOUVEIA et al. (2016)
H4b	A Motivação Intrínseca exerce um efeito positivo sobre a Identidade do Corredor. DECI; RYAN (2000); HUTA; RYAN (2010)
H5a	O Engajamento Cognitivo na prática influencia positivamente os Afetos Positivos. SCHAUFELI et al. (2002); NAKAMURA; CSIKSZENTMIHALYI (2014)
H5b	A satisfação da necessidade de Competência exerce um efeito positivo sobre a Identidade do Corredor. ALLEN; MEYER (1990); DECI; RYAN (2000) (Escala AIMS)
H6a	A Identidade do Corredor exerce um efeito positivo sobre a Intenção de Continuidade na prática. ALLEN; MEYER (1990); HUTA; RYAN (2010)

H6b	Os Afetos Positivos estão positivamente associados à Intenção de Continuidade na prática. WATSON; CLARK; TELLEGEN (1988); GIACOMONI; HUTZ (1997)
H7	Os Afetos Positivos moderam a relação entre a Identidade do Corredor e a Intenção de Continuidade. YOSHIDA; JAMES (2010); SWEENEY; SOUTAR (2001)

Fonte: Elaborado pela autora.

Na Figura 3, estão dispostos os itens que mensuraram, juntamente com seus construtos, compondo o esquema do modelo proposto.



Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Qualidade em Eventos - *EVENTQUAL*

Definição Conceitual: Proposta por Calabuig-Moreno et al. (2016), a escala tem o objetivo de avaliar a qualidade externa do evento, mensurando a percepção sobre a qualidade dos serviços prestados em eventos esportivos (“*measures the spectators’ perceptions of service quality in sporting events*”). No modelo proposto, ela atua como um antecedente ambiental.

Definição Operacional: A escala final validada possui 14 itens divididos em quatro dimensões estruturais: tangíveis, *staff*, serviços complementares e acessibilidade. Seguindo a recomendação dos autores originais de que a aplicação do instrumento a outros cenários exige ajustes (“*its application to other sporting events must consider small adaptations*”), a escala *EVENTQUAL* foi originalmente desenvolvida para espectadores, sendo adaptada neste estudo para o contexto de corredores de rua, considerando as especificidades da participação ativa em eventos esportivos.

Confiabilidade (α): No estudo original de validação, a escala *EVENTQUAL* apresentou consistência interna robusta, com *Alfa de Cronbach* (α) variando entre 0,80 e 0,89 para suas dimensões primárias.

Experiência do Corredor (EES – *Event Experience Scale*)

Definição Conceitual: Refere-se à vivência subjetiva, interna e imediata do participante no decorrer do evento esportivo, englobando as reações psicológicas e emocionais que conectam os estímulos ambientais da prova às percepções individuais do atleta (De Geus, Richards e Toepoel, 2016).

Definição Operacional: Mensurada por meio da *Event Experience Scale* (EES) (De Geus et al., 2016), composta por itens respondidos em escala do tipo Likert de 7 pontos (variando de 1 = Discordo totalmente a 7 = "Concordo totalmente"). No modelo empírico da pesquisa, o construto é avaliado a partir de quatro dimensões da experiência: física, cognitiva, afetiva e percepção de novidade.

Confiabilidade (α): No estudo original de Geus et al. (2016), todas as dimensões da escala de experiência apresentaram consistência interna elevada, com valores de (α) superiores a 0,80.

Satisfação das Necessidades Psicológicas Básicas (PNSE)

Definição Conceitual: Fundamentada na Teoria da Autodeterminação (TAD) (DECI; RYAN, 2000), postula que o engajamento em atividades físicas atua satisfazendo nutrientes psicológicos essenciais para o desenvolvimento humano. No modelo final ajustado, foca-se nas dimensões de Autonomia (sentir-se em controle das próprias escolhas) e Competência (sentir-se capaz e eficaz na atividade).

Definição Operacional: Mensurada originalmente através da *Psychological Need Satisfaction in Exercise Scale* (PNSE) desenvolvida por Wilson et al. (2006) e validada no Brasil por COSTA et al. (2015). Originalmente respondida em escala Likert de 6 pontos (1 = discordo totalmente a 6 = concordo totalmente).

Confiabilidade (α): Na validação em contexto brasileiro de indivíduos ativos, a escala PNSE demonstras estabilidade metodológica estrita, exibindo *Alfas de Cronbach* (α) situados na faixa de 0,83 a 0,91.

Motivação Intrínseca (BREQ-2)

Definição Conceitual: Explica o motor psíquico de engajamento contínuo baseado na TAD. Centra-se na Motivação Intrínseca, que ocorre quando o corredor se envolve e persiste na modalidade puramente pelo prazer, interesse inerente e satisfação pessoal decorrentes da prática, agindo livre de pressões externas ou cobranças internas (DECI; RYAN, 2000).

Definição Operacional: Operacionalizada através do *Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire* (BREQ-2), proposto por Mullan, Markland e Ingledew (1997) e validado no Brasil por Gouveia et al. (2016). Originalmente, utiliza escala Likert de 5 pontos variando de 0 (não é verdade para mim) a 4 (é totalmente verdade para mim).

Confiabilidade (α): Os construtos que balizam a regulação da motivação intrínseca e intrínseca reportam índices de consistência interna ideais, com (α) sempre superiores a 0,80.

Afetos Positivos (PANAS)

Definição Conceitual: Mensura as reações e estados emocionais prazerosos ativados pela prática esportiva, expressos por meio de sentimentos como entusiasmo, determinação e interesse (WATSON; CLARK; TELLEGEN, 1988). O modelo estrutural desta pesquisa propõe uma sequência preditiva na qual a Motivação antecede os Afetos, e estes, por sua vez, antecedem a Intenção (Motivação → Afetos → Intenção). Essa engrenagem é teoricamente sustentada pelo Modelo de Processamento Afetivo de Bagozzi, Gopinath e Nyer (1999), o qual preconiza que as emoções exercem papel determinante na tomada de decisão e que as experiências emocionais prévias são forças centrais que impactam e direcionam o comportamento futuro do indivíduo.

Definição Operacional: Baseia-se na escala *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS), adaptada no Brasil por Giacomoni e Hutz (1997). Para o modelo final, utiliza-se uma versão reduzida composta por cinco itens focados estritamente em Afeto Positivo, selecionados por sua relevância no contexto esportivo (MOLINARI; PRATI, 2019; PEIXOTO et al., 2024). O construto é mensurado originalmente em escala Likert de 5 pontos (1 = muito pouco ou nada; 5 = extremamente).

Confiabilidade (α): A escala PANAS possui validação nacional consolidada com índices psicométricos elevados, exibindo *Alfa de Cronbach* (α) de aproximadamente 0,88 para a dimensão de Afetos Positivos.

Identidade com a Corrida (AIMS)

Definição Conceitual: Derivada diretamente da Teoria da Identidade Social e da *Identity Theory*. Reflete o grau em que o indivíduo se define, se identifica e internaliza o papel de "ser um corredor" em sua própria estrutura de autoconceito, estendendo-se além do hábito casual.

Definição Operacional: Avaliada com base na consagrada escala *Athletic Identity Measurement Scale* (AIMS), desenvolvida por Brewer, Van Raalte e Linder (1993) e refinada por Brewer e Cornelius (2001).

Confiabilidade (α): A escala AIMS apresenta forte consistência interna na literatura de psicologia do esporte, registrando *Alfa de Cronbach* (α) médio situado entre 0,81 e 0,87.

Intenção de Continuidade de Correr

Definição Conceitual: Representa a disposição subjetiva, o compromisso pessoal e a probabilidade percebida pelo atleta em manter a prática regular da corrida e a participação em eventos ao longo do tempo (AJZEN, 1991). Atua como o preditor mais próximo e confiável do comportamento real em marketing e comportamento do consumidor (KIM; KAPLANIDOU; JAMES, 2015).

Definição Operacional: Adaptada a partir de escalas baseadas na Teoria do Comportamento Planejado (AJZEN, 1991). Mensurada por meio de um bloco de 3 a 5 itens captados em escala Likert, avaliando o grau de concordância com a intenção futura de aderir às corridas.

Confiabilidade (α): Estudos empíricos focados em retenção esportiva e eventos (como FUNK et al., 2009; KIM et al., 2015) validam a consistência dessa medida com índices de *Alfa de Cronbach* (α) variando entre 0,82 e 0,90.

Autodeterminação na regulação do comportamento no exercício: BREQ - Motivação Intrínseca

Definição Conceitual: Ocorre quando o indivíduo se envolve na atividade de forma voluntária, percebendo-a como alinhada aos seus interesses, valores e satisfação pessoal. É central para a persistência e adesão de longo prazo (DECI; RYAN, 1985, 2000; RYAN; DECI, 2017). No modelo estrutural da pesquisa, reflete o nível máximo de autodeterminação, em que o corredor se envolve na prática esportiva puramente pelo prazer e interesse inerentes à atividade (RYAN; DECI, 2017).

Definição Operacional: Operacionalizada por meio da subescala correspondente do Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire (BREQ-2 / BREQ-3), proposta originalmente por Mullan, Markland e Ingledew (1997) e validada para o contexto brasileiro por Guedes e Sofiati (2015) e Gouveia et al. (2016). É composta por itens estruturados (ex.: "Eu participo de corridas porque acho a atividade prazerosa"), respondidos em escala do tipo Likert.

Confiabilidade (α): No estudo de validação e adaptação da escala para a população brasileira (GUEDES; SOFIATI, 2015), o construto de motivação intrínseca apresentou índices de consistência interna elevados, registrando um *Alfa de Cronbach* (α) de 0,86, o que atesta a confiabilidade e precisão da medida utilizada.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo detalha os procedimentos metodológicos que foram empregados nesta investigação. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, descritiva e de corte transversal, orientada pela perspectiva pós-positivista. Tal abordagem baseia-se na aplicação de métodos estatísticos e científicos sistemáticos para mensurar de forma precisa e objetiva as relações de causa e efeito entre construtos e variáveis latentes, permitindo a validação de modelos teóricos sobre o comportamento humano (HAIR et al., 2019).

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a relação entre a qualidade percebida dos eventos de corrida de rua e a intenção de continuidade dos corredores, considerando o papel mediador de mecanismos psicológicos fundamentados na Teoria da Autodeterminação e a identidade com a corrida, bem como o papel moderador dos afetos positivos.

Como pesquisa descritiva, procurou-se caracterizar o perfil dos participantes de corridas de rua e descrever os fatores motivacionais e emocionais que influenciam a prática, contribuindo para a compreensão do fenômeno em âmbito nacional.

Para a coleta de dados, foi utilizada a *survey*, por meio da aplicação de um questionário estruturado, composto por escalas validadas nacional e internacionalmente, que mensuram necessidades psicológicas básicas, regulações motivacionais, afetos positivos e negativos, além de variáveis sociodemográficas.

A temporalidade da pesquisa é de corte transversal, visto que a coleta dos dados foi realizada em um único momento, permitindo identificar associações entre as variáveis propostas sem acompanhar os participantes ao longo do tempo.

Após a apreciação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia – CAAE nº 94259325.1.0000.5152, aprovado em 24 de abril de 2026, iniciou-se o procedimento da coleta de dados.

Validação das Escalas para o Instrumento de Coleta de Dados

Como os construtos utilizados nesta pesquisa foram originalmente desenvolvidos em língua inglesa, aplicou-se o procedimento de tradução reversa para assegurar a equivalência linguística e cultural das escalas (HAIR et al., 2009).

Posteriormente, as versões adaptadas foram avaliadas por pesquisadores doutores da área de Administração, visando validar seu conteúdo e aprimorar o questionário. Para este estudo, todas as medidas foram padronizadas em escala Likert de sete pontos. O Quadro 4 apresenta os itens traduzidos e adaptados, juntamente com suas respectivas fontes.

Quadro 5. Escalas traduzidas e adaptadas.

Variáveis/Dimensões	Itens Adaptados e Referencial Teórico
Engajamento Físico	Estive fisicamente envolvido(a) durante toda a corrida. Me senti envolvido(a) nas atividades propostas pelo evento. Senti meu corpo totalmente engajado na atividade. SCHAUFELI et al. (2002); GUILLÉN; MARTÍNEZ-ALVARADO (2014)
Engajamento Cognitivo	Refleti sobre minha experiência durante a corrida. Pensei sobre meu desempenho ou objetivos pessoais. Apreendi algo novo com essa experiência.

Engajamento Afetivo	Interpretei ou dei significado pessoal à corrida. SCHAUFELI et al. (2002); GUILLÉN; MARTÍNEZ-ALVARADO (2014)
	Me senti empolgado(a) durante a corrida. Tive uma forte energia emocional durante o evento. O evento proporcionou momentos que considerei emocionalmente envolventes. Senti uma conexão especial com o momento da corrida. Gostaria de reviver essa experiência no futuro. SCHAUFELI et al. (2002); LONSDALE et al. (2007)
Novidade	A corrida me proporcionou uma experiência diferente do meu cotidiano. Vivenciei algo novo durante este evento. Senti que esta corrida foi única. A experiência foi diferente de outras corridas que já participei. GEUS et al. (2016); KIM et al. (2012)
Qualidade em Eventos (<i>EVENTQUAL</i>)	Acessibilidade: Processo de retirada de kit, facilidade de encontrar largada, circulação no local. <i>Staff</i> : Quantidade e preparo da equipe, atenção de organizadores e voluntários, desempenho das funções. Tangíveis: Estrutura visual (largada/chegada), instalações, qualidade do percurso, infraestrutura geral (banheiros, segurança). Serviços Complementares: Limpeza, serviços de hidratação, apoio e alimentação. YOSHIDA; JAMES (2010); GEUS et al. (2016)
Motivação Intrínseca	Eu participo de corridas porque acho a atividade prazerosa. Eu corro porque gosto da experiência em si. Eu me divirto muito durante as corridas de rua. MULLAN et al. (1997); COSTA et al. (2015)
Autonomia	Sinto que corro da maneira que eu escolho. Sinto que tenho liberdade para decidir como participar das corridas. Sinto que estou no controle das decisões sobre minha participação. Sinto que posso escolher os tipos de corridas em que participo. Sinto que participo das corridas por vontade própria. Sinto que minhas decisões sobre correr são livres e pessoais. WILSON et al. (2006); COSTA et al. (2015)
Competência	Sinto que sou capaz de completar percursos que são desafiadores. Me sinto confiante na minha capacidade de correr. Sinto que consigo superar desafios durante as corridas. Sinto que sou capaz de lidar com as dificuldades durante a corrida. Me sinto competente ao participar de corridas de rua. Me sinto satisfeito(a) com a minha capacidade de completar corridas. WILSON et al. (2006); COSTA et al. (2015)
Relacionamento	Me sinto conectado(a) a outros participantes durante o evento. Sinto que compartilho um vínculo com outros corredores. Sinto um senso de pertencimento quando participo de corridas. Sinto que faço parte de um grupo quando corro com outras pessoas. Sinto que tenho boas relações com outros corredores. Sinto que as pessoas com quem corro me compreendem. WILSON et al. (2006); COSTA et al. (2015)
Identidade do Corredor (<i>AIMS</i>)	Ser corredor(a) faz parte de quem eu sou. Eu me considero uma pessoa que pratica corrida regularmente. A corrida é uma parte importante da minha vida. Eu me identifico fortemente com a prática da corrida. Participar de corridas é algo que me define. Eu me vejo como um(a) corredor(a).

Afetos Positivos (AP)	BREWER et al. (1993); BREWER; CORNELIUS (2001)
	Entusiasmado(a) Inspirado(a) Determinado(a) Ativo(a) Orgulhoso(a) WATSON; CLARK; TELLEGEN (1988); GIACOMONI; HUTZ (1997)
Intenção de Continuidade	Pretendo continuar participando de corridas de rua nos próximos meses. É provável que eu participe de novas corridas de rua no futuro. Pretendo manter a prática de corrida de rua regularmente. Estou comprometido(a) em continuar participando de corridas de rua. CHATZISARANTIS et al. (1997); AJZEN (1991)

Fonte: Adaptado pela autora (2026) a partir da literatura.

3.1 Universo e Amostra

O universo deste estudo compreendeu corredores de rua adultos (≥ 18 anos) residentes em diferentes regiões do Brasil, que participaram de pelo menos um evento de corrida nos últimos 12 meses. Essa população foi escolhida por representar o público-alvo central da investigação, alinhando-se ao objetivo de analisar o efeito da qualidade de eventos de corrida de rua na intenção de continuidade dos participantes, através da mediação de mecanismos psicológicos (experiência, necessidades básicas, motivação e identidade) baseados na Teoria da Autodeterminação (TAD), e considerando o papel moderador dos afetos positivos.

A pesquisa adotou uma amostra não probabilística por conveniência, método adequado para estudos que buscam acessibilidade a grupos específicos (MALHOTRA, 2019). Os critérios de inclusão estabelecidos para a seleção dos participantes foram: ter participado de pelo menos um evento de corrida de rua no último ano e manter uma rotina de treinos regulares, com frequência igual ou superior a duas vezes por semana.

A coleta de dados resultou em um número amostral inicial de 615 participantes. Desses, 234 não concluíram o preenchimento do instrumento e 381 iniciaram o questionário. Entre os que iniciaram, 50 indicaram não ter participado de nenhuma corrida de rua nos últimos 12 meses, sendo, portanto, encaminhados ao final da pesquisa por não atenderem ao critério de inclusão estabelecido como praticante de corrida. Assim, a amostra final foi composta por 331 respondentes válidos.

Adicionalmente, esse quantitativo satisfaz com margem de segurança aos pressupostos da Modelagem de Equações Estruturais por Mínimos Quadrados Parciais (PLS-SEM), técnica

reconhecida por manter alto poder preditivo e estabilidade em amostras dessa magnitude (BARCLAY, 1995; RINGLE et al., 2015).

3.2 Operacionalização da Pesquisa, Coleta e Análise dos Dados

A coleta de dados foi realizada diretamente pela pesquisadora, assegurando o estrito cumprimento das diretrizes éticas estabelecidas na Resolução CNS nº 510/2016 e nos princípios da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD, Lei nº 13.709/2018).

O universo da pesquisa compreendeu corredores de rua de diferentes regiões do país, abordados por meio de uma estratégia mista de coleta de dados, que combinou ações presenciais e virtuais. A coleta de dados foi realizada no período de 05 de maio a 15 de junho de 2026. Previamente à aplicação definitiva do instrumento, foi realizado um pré-teste com 32 corredores de rua, em 05 de maio de 2026, com o objetivo de verificar a clareza, a compreensão e a adequação das questões. Uma vez confirmada a adequação do instrumento e a clareza dos itens pelos respondentes, iniciou-se a aplicação definitiva do questionário.

Os participantes que concordaram em participar da pesquisa receberam inicialmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em formato digital, contendo informações claras sobre os objetivos, os procedimentos, os possíveis riscos e benefícios do estudo, bem como sobre o caráter voluntário da participação. Após a leitura e a concordância com o TCLE, os participantes tiveram acesso ao instrumento de pesquisa, desenvolvido e disponibilizado por meio da plataforma *SurveyMonkey*, serviço destinado à elaboração e aplicação de questionários *online*. O *link* de acesso ao questionário permaneceu disponível durante o período de aplicação da pesquisa, entre 05 de maio e 15 de junho de 2026.

A divulgação de campo ocorreu diretamente com assessorias esportivas atuantes na orla de João Pessoa (PB), durante um domingo pela manhã, e foi estendida para a Maratona do Rio de Janeiro de 2026, um dos principais eventos da modalidade no cenário nacional. Nesses locais, a pesquisadora realizou a abordagem direta dos atletas, explicitando os propósitos da investigação e distribuindo cartões impressos personalizados com um *QR code* de acesso ao questionário *online*.

Complementarmente, buscando ampliar o alcance e a diversidade geográfica da amostra, o link da pesquisa foi compartilhado em comunidades e grupos de corredores no

aplicativo *WhatsApp*, além de postagens orgânicas em plataformas de redes sociais voltadas ao esporte e ao estilo de vida, especificamente o *Strava* e o *Instagram*. A divulgação também foi realizada por meio de contatos com corredores, assessorias esportivas e integrantes de comunidades relacionadas à corrida de rua, buscando alcançar participantes de diferentes regiões do território nacional. Ao término do período estabelecido, em 15 de junho de 2026, foi encerrada a aplicação do instrumento e, consequentemente, a coleta de dados.

A pesquisa utilizou o método *survey*, aplicando um questionário estruturado a corredores de rua de diferentes regiões do Brasil. O método *survey* é adequado para estudos que buscam identificar e generalizar padrões de comportamento e motivação. A aplicação desse método visou obter uma amostra diversificada em termos de distribuição geográfica e adequada aos objetivos do estudo (FOWLER, 2014).

Após a coleta, os dados foram submetidos a um rigoroso processamento. A etapa seguinte envolveu a exportação para os *softwares* de análise: o SPSS 25.0, utilizado para as análises descritivas e procedimentos iniciais de preparação e triagem dos dados, e o *SmartPLS* 4.0, empregado para a modelagem de equações estruturais que testou as hipóteses propostas.

O controle de qualidade foi mantido através de múltiplas estratégias: pré-teste do instrumento, monitoramento diário do progresso da coleta, e armazenamento seguro dos dados em nuvem com acesso restrito à pesquisadora. Todos os aspectos éticos foram rigorosamente observados, incluindo a garantia de anonimato dos participantes, a possibilidade de desistência a qualquer momento sem ônus, e a proteção integral dos dados pessoais conforme exigências legais.

Este protocolo detalhado foi desenvolvido para assegurar a qualidade metodológica, a confiabilidade dos dados coletados e a reprodutibilidade da pesquisa, mantendo a sintonia com os objetivos propostos e o referencial teórico adotado. A combinação de abordagens presenciais e digitais, associada ao rigoroso controle de qualidade, visou obter uma amostra representativa que permitiu testar adequadamente as relações propostas no modelo teórico.

3.3 Técnica para análise dos dados

A técnica para a análise dos dados da presente pesquisa foi conduzida em duas etapas principais: a análise descritiva e a técnica estatística multivariada confirmatória por meio da Modelagem de Equações Estruturais por Mínimos Quadrados Parciais (PLS-SEM).

Essas etapas visaram testar as hipóteses propostas no modelo teórico, baseado na Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 2000) e na Teoria do Bem-Estar Subjetivo (DIENER, 2000).

Foi realizada através do software SPSS (versão 25) os padrões, outliers e a distribuição dos dados. Essa etapa incluiu estatísticas descritivas (médias, desvios padrão, frequências) para caracterizar o perfil sociodemográfico dos corredores de rua em diferentes regiões do Brasil, bem como sua participação em eventos esportivos.

Com foco nas variáveis medidas pelas escalas adotadas no estudo, a *Basic Psychological Needs in Exercise Scale* (BPNES) para as necessidades psicológicas básicas, o *Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire* (BREQ) para as regulações da motivação intrínseca, a escala *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS) para os afetos positivos, e a escala de intenção de continuidade, foram calculados indicadores de tendência central e dispersão, além de análises de correlação preliminares.

A técnica de MEE realizada pelo software *SmartPLS 4.0*, permitiu testar as relações causais entre os construtos, conforme o modelo teórico proposto. A escolha pelo método *Partial Least Squares* (PLS-SEM) justifica-se pela sua capacidade de lidar com modelos complexos, amostras não normais e variáveis latentes (HAIR JR. et al., 2019).

A abordagem quantitativa permitiu testar relações causais entre os construtos, enquanto o corte transversal viabilizou a coleta em um momento específico, adequando-se ao contexto dos eventos esportivos. A escolha pelo PLS-SEM (*Partial Least Squares*) justificou-se pela capacidade de lidar com modelos complexos e amostras não normais (RINGLE et al., 2015), além de analisar simultaneamente variáveis latentes e observadas.

3.4 Instrumento de coleta de dados da pesquisa

O questionário aplicado na pesquisa encontra-se no APÊNDICE A. Os indicadores/itens dos modelos de medidas são resumidos no Quadro 6.

Quadro 6. Operacionalização dos indicadores dos construtos

Código	Item
EVENTQUAL1A	Chegar ao local da corrida foi fácil.
EVENTQUAL2A	O processo de retirada do kit foi simples e organizado.
EVENTQUAL3A	Foi fácil encontrar minha área de largada.
EVENTQUAL4A	A circulação no local do evento foi adequada (sinalização, fluxo de pessoas).
EVENTQUAL5S	Havia equipe suficiente para atender os participantes.
EVENTQUAL6S	A equipe do evento foi bem-preparada.
EVENTQUAL7S	Os organizadores e voluntários foram atenciosos.
EVENTQUAL8S	Os organizadores desempenharam bem suas funções.
EVENTQUAL9T	A estrutura do evento foi visualmente adequada (largada, chegada, percurso).
EVENTQUAL10T	As instalações e estruturas estavam bem-organizadas.
EVENTQUAL11T	A qualidade do percurso foi satisfatória.
EVENTQUAL12T	A infraestrutura geral do evento foi adequada (ex.: banheiros, hidratação, segurança).
EVENTQUAL13S	Os serviços oferecidos (hidratação, apoio, alimentação) atenderam às minhas expectativas durante o evento.
EVENTQUAL14S	A limpeza e organização geral do evento foram satisfatórias.
EESEA1	Me senti empolgado(a) durante a corrida.
EESEA2	Tive uma forte energia emocional durante o evento.
EESEA3	O evento proporcionou momentos que considerei emocionalmente envolventes.
EESEA4	Senti uma conexão especial com o momento da corrida.

EESEA5	Gostaria de reviver essa experiência no futuro.
EESEC6	Refleti sobre minha experiência durante a corrida.
EESEC7	Pensei sobre meu desempenho ou objetivos pessoais.
EESEC8	Aprendi algo novo com essa experiência.
EESEC9	Interpretei ou dei significado pessoal à corrida.
EESEF10	Estive fisicamente envolvido(a) durante toda a corrida.
EESEF11	Me senti envolvido(a) nas atividades propostas pelo evento.
EESEF12	Senti meu corpo totalmente engajado na atividade.
EESEF13	Todos os meus sentidos foram estimulados durante a corrida.
EESEF14	A corrida me proporcionou uma experiência diferente do meu cotidiano.
EESEF15	Vivenciei algo novo durante este evento.
EESEF16	Senti que esta corrida foi única.
EESEF17	A experiência foi diferente de outras corridas que já participei.
EESEF18	Saí da minha rotina ao participar deste evento.
PNSE1C	Sinto que sou capaz de completar percursos de corrida que são desafiadores para mim.
PNSE2C	Me sinto confiante na minha capacidade de correr mesmo em condições exigentes.
PNSE3C	Sinto que consigo superar desafios durante as corridas.
PNSE4C	Sinto que sou capaz de lidar com as dificuldades durante a corrida.
PNSE5C	Me sinto competente ao participar de corridas de rua.
PNSE6C	Me sinto satisfeito(a) com a minha capacidade de completar corridas.
PNSE7A	Sinto que corro da maneira que eu escolho.

PNSE8A	Sinto que tenho liberdade para decidir como participar das corridas.
PNSE9A	Sinto que estou no controle das decisões sobre minha participação em corridas.
PNSE10A	Sinto que posso escolher os tipos de corridas em que participo.
PNSE11A	Sinto que participo das corridas por vontade própria.
PNSE12A	Sinto que minhas decisões sobre correr são livres e pessoais.
PNSE13R	Me sinto conectado(a) a outros participantes durante o evento.
PNSE14R	Sinto que compartilho um vínculo com outros corredores.
PNSE15R	Sinto um senso de pertencimento quando participo de corridas.
PNSE16R	Sinto que faço parte de um grupo quando corro com outras pessoas.
PNSE17R	Sinto que tenho boas relações com outros corredores.
PNSE18R	Sinto que as pessoas com quem corro me compreendem.
BREAQMOT1	Eu participo de corridas porque acho a atividade prazerosa.
BREAQMOT2	Eu corro porque gosto da experiência em si.
BREAQMOT3	Eu me divirto muito durante as corridas de rua.
PANASAF1	Entusiasmado(a)
PANASAF2	Inspirado(a)
PANASAF3	Determinado(a)
PANASAF4	Ativo(a)
PANASAF5	Orgulhoso(a)
AIMS1	Ser corredor(a) faz parte de quem eu sou.
AIMS2	Eu me considero uma pessoa que pratica corrida regularmente.
AIMS3	A corrida é uma parte importante da minha vida.

AIMS4	Eu me identifico fortemente com a prática da corrida.
AIMS5	Participar de corridas é algo que me define.
AIMS6	Eu me vejo como um(a) corredor(a).
IC1	Pretendo continuar participando de corridas de rua nos próximos meses.
IC2	É provável que eu participe de novas corridas de rua no futuro.
IC3	Farei esforço para continuar participando de corridas de rua.
IC4	Pretendo manter a prática de corrida de rua regularmente.
IC5	Estou comprometido(a) em continuar participando de corridas de rua.

Fonte: Elaborado pela autora. (2026)

3.5 Etapas da Pesquisa

O presente estudo adotou uma abordagem metodológica quantitativa, seguindo um delineamento sistemático estruturado em etapas sequenciais, conforme preconizado pela literatura especializada em métodos de pesquisa. O processo iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica e revisão de literatura aprofundada, destinada a estabelecer uma fundamentação teórica para consolidar o referencial sobre o tema investigado.

Com base na fundamentação teórica estabelecida, foram propostas as hipóteses e elaborado o modelo conceitual, que delineou as relações entre os construtos investigados. Subsequentemente, foi realizada a validação das escalas de mensuração. Esse processo envolveu a adaptação e o ajuste dos instrumentos utilizados na pesquisa, incluindo questionários e escalas psicométricas, com o objetivo de assegurar sua adequação ao contexto específico do estudo.

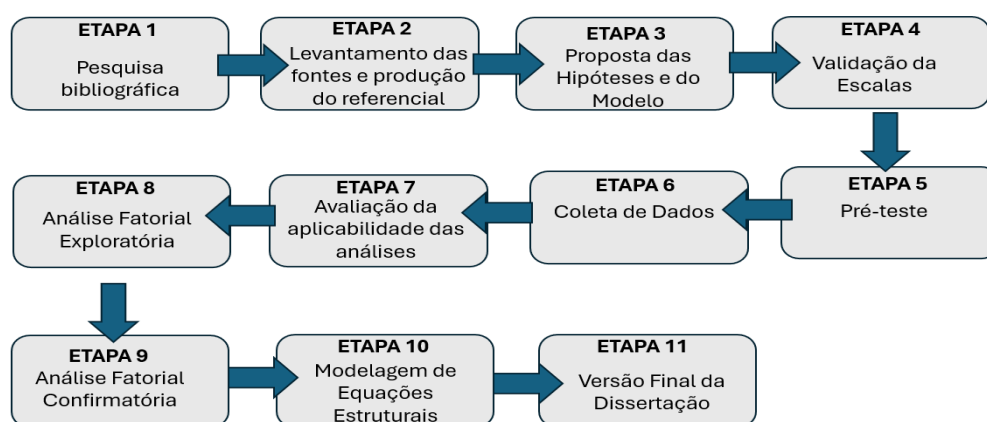
Antes da coleta definitiva dos dados, foi realizado um pré-teste do instrumento com 32 corredores de rua, em 05 de maio de 2026. Essa aplicação teve como objetivo identificar possíveis ambiguidades, dificuldades de compreensão ou inadequações no instrumento. Após a aplicação atestar a validade e a fácil compreensão do questionário, iniciou-se a etapa de coleta definitiva dos dados.

A coleta de dados foi realizada no período de 05 de maio a 15 de junho de 2026, por meio da aplicação do questionário à amostra definida, seguindo procedimentos destinados a assegurar a qualidade e a integridade dos dados obtidos. Concluída a coleta, os dados foram submetidos aos procedimentos de preparação, triagem e análise, incluindo a avaliação de padrões, valores discrepantes (*outliers*) e características da distribuição dos dados.

Na etapa seguinte, foi empregada a Modelagem de Equações Estruturais por Mínimos Quadrados Parciais (*Partial Least Squares Structural Equation Modeling* – PLS-SEM), por meio do software *SmartPLS* 4.0, para testar o modelo teórico proposto e verificar as hipóteses de pesquisa, analisando as relações hipotetizadas entre os construtos.

Por fim, os resultados obtidos foram consolidados na versão final da dissertação, integrando de forma coerente a fundamentação teórica, os procedimentos metodológicos, as análises realizadas e as conclusões do estudo.

Figura 2- Etapas da pesquisa



Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a caracterização da amostra descrevendo os procedimentos adotados para a preparação e tratamento da base de dados, juntamente com as estatísticas descritivas dos indicadores e construtos investigados.

4.1 Caracterização da Amostra

O tratamento da base de dados antecedeu a estatística descritiva. A coleta foi realizada por meio da plataforma *SurveyMonkey*, mediante a aplicação de questionário destinado a corredores de rua que participaram de, pelo menos, um evento oficial nos últimos 12 meses. A coleta de dados resultou em um número amostral inicial de 615 participantes. Desses, 234 não concluíram o preenchimento do instrumento e 381 iniciaram o questionário. Entre os que iniciaram, 50 indicaram não ter participado de nenhuma corrida de rua nos últimos 12 meses, sendo, portanto, encaminhados ao final da pesquisa por não atenderem ao critério de inclusão estabelecido como praticante de corrida. Assim, a amostra final foi composta por 331 respondentes válidos. Para verificar a adequação do tamanho amostral, realizou-se o cálculo no *software* G-Power. Considerando um tamanho de efeito de 0,15, erro de 0,05 e poder de 0,95, obteve-se um tamanho amostral mínimo de 74 participantes, o que indica que a amostra final de 331 respondentes superou o tamanho mínimo requerido para as análises propostas.

Em relação ao perfil demográfico, o sexo feminino representou 57,1% (n = 189) dos respondentes, enquanto o sexo masculino correspondeu a 42,9% (n = 142). A faixa etária de 18 a 34 anos concentrou 41,1% da amostra, seguida pelo grupo de 35 a 44 anos, com 36,0%.

No que tange ao nível de experiência com a corrida, 61,3% dos participantes se autodeclararam em nível intermediário, 26,9% indicaram o nível iniciante e 11,8% apontaram o nível avançado ou de alta performance. Quanto ao tempo de prática, a faixa de um a cinco anos de vivência no esporte reuniu 51,1% da amostra, enquanto o grupo com mais de cinco anos de prática correspondeu a 23,0%.

O volume de participação em eventos oficiais indicou que 30,2% dos corredores participaram de três a cinco provas nos últimos 12 meses, e 25,4% completaram mais de dez eventos no mesmo período. As distâncias de 5 km e 10 km totalizaram 80,7% das respostas de preferência. Além disso, 35,0% dos corredores relataram contar com o suporte de assessorias esportivas e 24,8% indicaram integrar grupos de corrida.

No aspecto financeiro, o investimento anual na modalidade situou-se entre R\$ 501,00 e R\$ 2.000,00 para 52,6% da amostra. Em relação à logística de participação, o deslocamento para os eventos mais recentes foi de até 20 km em 67,1% dos relatos.

Quanto à distribuição geográfica, a amostra foi composta por corredores de rua residentes em 17 estados do território nacional. Essa distribuição foi apresentada com finalidade exclusivamente descritiva, permitindo caracterizar a abrangência geográfica dos participantes da pesquisa. Não foram realizadas análises comparativas entre estados ou regiões, nem foram testadas diferenças regionais nas relações propostas pelo modelo teórico.

O estado de Minas Gerais registrou a maior concentração de respostas, correspondendo a 53,78% do total de participantes (n = 178). Na sequência, constataram-se participações distribuídas entre os estados de São Paulo com 13,60% (n = 45), Goiás com 10,27% (n = 34) e Rio de Janeiro com 9,97% (n = 33).

Os demais respondentes distribuíram-se pelas seguintes unidades federativas: Paraíba (2,42%), Distrito Federal (2,11%), Rio Grande do Sul (1,51%), Santa Catarina (1,51%), Paraná (1,21%) e Pernambuco (0,91%). Por fim, os estados da Bahia e do Rio Grande do Norte registraram 0,60% de participação cada, enquanto Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Piauí e Tocantins representaram, individualmente, 0,30% da amostra total investigada.

A Tabela 1 apresenta a distribuição dos 331 participantes por faixa etária. A amostra foi composta predominantemente por adultos jovens, com 41,1% dos respondentes na faixa de 18 a 34 anos e 36,0% entre 35 e 44 anos. Somados, esses grupos representam 77,1% da amostra. As faixas de 45 a 54 anos e de 55 anos ou mais correspondem a 17,5% e 5,4%, respectivamente, indicando que a prática da modalidade entre os participantes do estudo é mais representativa nos grupos etários mais jovens.

Tabela 1 - Distribuição da amostra por faixa etária

Faixa etária	Frequência	%
18 a 34 anos	136	41,1
35 a 44 anos	119	36,0
45 a 54 anos	58	17,5
55 anos ou mais	18	5,4
Total	331	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

A Tabela 2 apresenta a experiência declarada pelos participantes na modalidade. A maioria dos respondentes classifica-se como corredor intermediário, correspondendo a 61,3% (n = 203) da amostra. O grupo de iniciantes totaliza 26,9% (n = 89), enquanto corredores avançados ou de performance representam 11,8% (n = 39). Essa distribuição indica que a maior parte dos participantes possui uma base de prática estabelecida, o que é relevante para analisar a construção da identidade esportiva e a intenção de continuidade na prática da corrida.

Tabela 2. Experiência declarada na corrida

Experiência	Frequência	%
Iniciante	89	26,9
Intermediário	203	61,3
Avançado/Performance	39	11,8
Total	331	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A Tabela 3 detalha o tempo de prática dos corredores na modalidade. Pouco mais da metade da amostra (51,1%) iniciou a prática há menos de dois anos, período que compreende corredores em fases iniciais ou de transição. Complementarmente, 26,0% dos participantes relatam entre dois e cinco anos de prática, enquanto 23,0% possuem mais de cinco anos de experiência. Essa distribuição mostra que a amostra contempla tanto praticantes em processo de consolidação do hábito quanto corredores veteranos. Tal diversidade de tempo de vivência no esporte é relevante para compreender como a experiência acumulada se relaciona com a apropriação de dados de aplicativos e com a construção da identidade do corredor ao longo do tempo.

Tabela 3. Distribuição da amostra por tempo de prática da corrida

Tempo de prática	Frequência	% do total	% acumulada
< 6 meses	34	10,3	10,3
6 meses a 1 ano	52	15,7	26,0
1 a 2 anos	83	25,1	51,1
2 a 5 anos	86	26,0	77,0
> 5 anos	76	23,0	100,0

Total	331	100,0	100,0
-------	-----	-------	-------

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

4.2 Dados Comportamentais

A Tabela 4 apresenta a frequência de participação em eventos oficiais nos últimos 12 meses. A maior porção verificada de respondentes (75,5%) concluiu três ou mais provas no período, sendo que 25,4% participaram de mais de dez corridas. Os grupos que realizaram de seis a dez provas e apenas uma ou duas somaram, respectivamente, 19,9% e 24,5% da amostra. Esses resultados demonstram um público ativo, cuja assiduidade em eventos justifica a inclusão do construto 'Qualidade em Eventos' no modelo de análise. Tal regularidade reforça como as experiências em competições contribuem para o fortalecimento da identidade do corredor e para o uso frequente de aplicativos de monitoramento.

Tabela 4. Participação em corridas de rua nos últimos 12 meses

Participação em corridas	Frequência	% do total	% acumulada
1 a 2 corridas	81	24,5	24,5
3 a 5 corridas	100	30,2	54,7
6 a 10 corridas	66	19,9	74,6
Mais de 10 corridas	84	25,4	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A Tabela 5 apresenta as distâncias mais frequentes nas provas disputadas pelos participantes. A maioria dos corredores concentra-se em provas de 5 km (52,3%) e 10 km (28,4%), totalizando 80,7% da amostra. Essa preferência reflete a popularidade dessas distâncias no cenário das corridas de rua, que atendem tanto a novos praticantes quanto a corredores que buscam manter o condicionamento físico. As provas de maior resistência, como a meia maratona (14,5%) e a maratona (4,8%), compõem os 19,3% restantes da amostra, representando o grupo de praticantes voltado ao treinamento de alto volume.

Tabela 5. Distância mais frequentemente percorrida em eventos de corrida

Distância	Frequência	% do total	% acumulada
5 km	173	52,3	52,3
10 km	94	28,4	80,7

21 km (meia maratona)	48	14,5	95,2
42 km (maratona)	16	4,8	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A Tabela 6 apresenta o investimento anual realizado pelos participantes em corrida de rua, considerando gastos com inscrições, equipamentos e acessórios. Entre os respondentes, 27,2% informaram investir entre R\$ 1.001,00 e R\$ 2.000,00 por ano, enquanto 25,4% relataram investir entre R\$ 501,00 e R\$ 1.000,00. Essas duas faixas reúnem 52,6% da amostra. Além disso, 25,9% dos participantes declararam investir acima de R\$ 2.000,00 anuais na prática da corrida de rua.

Tabela 6. Investimento anual na prática da corrida de rua

	Frequência	% do total	% acumulada
Até R\$500,00	71	21,5	21,5
R\$501,00 a R\$1000,00	84	25,4	46,9
R\$1001,00 a R\$2000,00	90	27,2	74,1
R\$2001,00 a R\$5000,00	66	19,9	94,0
Acima de R\$5000,00	20	6,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

5. ANÁLISE DESCRITIVA DOS INDICADORES

Em relação à média, constata-se uma tendência de avaliações positivas: a maior média foi registrada pelo indicador PNSE11A (6,69), enquanto a menor foi do EESEF17 (5,19), ambas posicionadas do meio para o topo da escala. Esta inclinação para a concordância é confirmada pela mediana, que se concentrou fortemente nos pontos 6 e 7 para todos os indicadores, revelando uma assimetria na distribuição.

Quanto à dispersão, o desvio-padrão indica o nível de heterogeneidade das opiniões. O indicador EESEF16 apresentou a maior dispersão (1,76), sugerindo visões mais divergentes sobre o aspecto físico. Em contrapartida, o indicador IC4 obteve o menor desvio-padrão (0,37), sinalizando um alto consenso entre os corredores quanto à intenção de continuidade. Por fim, os resultados do teste de *Shapiro-Wilk* (W) e os respectivos valores de significância ($p < 0,001$) indicam a não normalidade da distribuição dos dados para todos os indicadores, o que é um

comportamento esperado em amostras de estudos comportamentais. Para compreender a distribuição e a variabilidade das respostas obtidas, realizou-se a análise descritiva dos indicadores que compõem as escalas do modelo. A Tabela 7 apresenta as medidas de tendência central (média e mediana), dispersão (desvio-padrão) e os limites de variação (mínimo e máximo), além do teste de normalidade (W de *Shapiro-Wilk*).

Tabela 7. Análise descritiva das variáveis

Indicadores	N	Media	Mediana	Desvio-padrão	Minino	Máximo	<i>W</i>	<i>p</i>
AIMS1	331	5.64	6	1.36	1	7	0.840	< .001
AIMS2	331	5.95	6	1.24	2	7	0.775	< .001
AIMS3	331	5.98	6	1.13	2	7	0.784	< .001
AIMS4	331	6.07	6	1.11	1	7	0.749	< .001
AIMS5	331	5.24	6	1.59	1	7	0.882	< .001
AIMS6	331	5.71	6	1.43	1	7	0.819	< .001
BREAQMOT1	331	6.38	7	0.87	2	7	0.691	< .001
BREAQMOT2	331	6.40	7	0.84	1	7	0.667	< .001
BREAQMOT3	331	6.36	7	0.91	2	7	0.691	< .001
EESEA1	331	6.37	7	0.86	2	7	0.687	< .001
EESEA2	331	6.10	6	1.13	1	7	0.756	< .001
EESEA3	331	6.01	6	1.21	1	7	0.779	< .001
EESEA4	331	6.11	6	1.11	1	7	0.760	< .001
EESEA5	331	6.49	7	0.94	1	7	0.597	< .001
EESEC6	331	6.12	6	1.14	1	7	0.738	< .001
EESEC7	331	6.24	7	1.11	2	7	0.680	< .001
EESEC8	331	6.08	6	1.17	1	7	0.751	< .001
EESEC9	331	6.01	6	1.30	1	7	0.747	< .001
EESEF10	331	6.41	7	0.81	2	7	0.705	< .001
EESEF11	331	5.80	6	1.33	1	7	0.818	< .001
EESEF12	331	6.20	6	0.98	1	7	0.762	< .001
EESEF13	331	6.08	6	1.07	2	7	0.772	< .001

EESEF14	331	6.31	7	0.96	1	7	0.698	< .001
EESEF15	331	5.79	6	1.45	1	7	0.788	< .001
EESEF16	331	5.26	6	1.76	1	7	0.854	< .001
EESEF17	331	5.19	6	1.72	1	7	0.870	< .001
EESEF18	331	5.56	6	1.64	1	7	0.841	< .001
EVENTQUAL1A	331	6.11	6	1.20	1	7	0.721	< .001
EVENTQUAL2A	331	5.91	6	1.23	1	7	0.796	< .001
EVENTQUAL3A	331	6.24	6	1.02	1	7	0.705	< .001
EVENTQUAL4A	331	5.85	6	1.25	1	7	0.805	< .001
EVENTQUAL5S	331	5.76	6	1.28	1	7	0.826	< .001
EVENTQUAL6S	331	5.79	6	1.23	1	7	0.830	< .001
EVENTQUAL7S	331	6.15	6	0.98	2	7	0.775	< .001
EVENTQUAL8S	331	5.93	6	1.15	2	7	0.804	< .001
EVENTQUAL9T	331	6.21	6	0.99	1	7	0.745	< .001
EVENTQUAL10T	331	6.07	6	1.03	1	7	0.781	< .001
EVENTQUAL11T	331	6.04	6	1.09	1	7	0.774	< .001
EVENTQUAL12T	331	5.61	6	1.39	1	7	0.828	< .001
EVENTQUAL13S	331	5.71	6	1.35	1	7	0.821	< .001
EVENTQUAL14S	331	5.86	6	1.25	1	7	0.784	< .001
IC1	331	5.90	6	0.40	2	6	0.258	< .001
IC2	331	5.94	6	0.39	2	6	0.155	< .001
IC3	331	5.85	6	0.60	1	6	0.312	< .001
IC4	331	5.92	6	0.37	3	6	0.240	< .001
IC5	331	5.80	6	0.62	2	6	0.371	< .001
PANASAF1	331	6.43	7	0.80	1	7	0.655	< .001
PANASAF2	331	6.36	7	0.93	1	7	0.650	< .001
PANASAF3	331	6.51	7	0.71	2	7	0.677	< .001
PANASAF4	331	6.61	7	0.57	4	7	0.655	< .001
PANASAF5	331	6.39	7	0.98	1	7	0.651	< .001

PNSE10A	331	6.51	7	0.75	3	7	0.658	< .001
PNSE11A	331	6.69	7	0.56	4	7	0.583	< .001
PNSE12A	331	6.67	7	0.60	2	7	0.570	< .001
PNSE13R	331	5.68	6	1.39	1	7	0.826	< .001
PNSE14R	331	5.61	6	1.40	1	7	0.839	< .001
PNSE15R	331	5.87	6	1.33	1	7	0.778	< .001
PNSE16R	331	5.82	6	1.36	1	7	0.781	< .001
PNSE17R	331	5.92	6	1.17	1	7	0.797	< .001
PNSE18R	331	5.81	6	1.22	1	7	0.825	< .001
PNSE1C	331	6.26	7	0.99	2	7	0.716	< .001
PNSE2C	331	6.02	6	1.13	1	7	0.773	< .001
PNSE3C	331	6.29	6	0.90	1	7	0.726	< .001
PNSE4C	331	6.20	6	0.95	1	7	0.745	< .001
PNSE5C	331	6.32	7	0.95	1	7	0.680	< .001
PNSE6C	331	6.19	6	1.06	1	7	0.718	< .001
PNSE7A	331	5.93	6	1.15	1	7	0.805	< .001
PNSE8A	331	6.29	7	0.92	3	7	0.726	< .001
PNSE9A	331	6.37	7	0.83	2	7	0.715	< .001

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Após a análise dos indicadores individuais, a Tabela 8 consolida a estatística descritiva no nível dos construtos latentes. Esta agregação permite uma visão panorâmica do comportamento das variáveis no modelo, facilitando a interpretação das percepções globais dos participantes sobre os fatores psicológicos, motivacionais e de qualidade percebida referentes aos eventos de corrida de rua investigados.

Quanto à variabilidade, o desvio-padrão apresentou uma amplitude entre 0,45, no construto de Intenção de Continuidade (IC), e 1,31, no construto de Identidade do Corredor (AIMS). Cabe destacar uma particularidade em relação ao construto IC: embora o instrumento de coleta tenha oferecido uma escala Likert padronizada de 7 pontos, o valor máximo efetivamente observado nas respostas foi 6 (nenhum respondente assinalou o extremo superior 7). O baixo desvio-padrão observado em IC, acompanhado por esse intervalo empírico restrito

de respostas (entre 2 e 6), denota um elevado consenso entre os participantes quanto à intenção de prosseguir com a prática, indicando que o nível 6 funcionou como um teto de concordância para a amostra. Em contrapartida, construtos como AIMS e EESEF, embora sustentados por modas elevadas, exibiram maior dispersão e a utilização integral da amplitude da escala (mínimo de 1 e máximo de 7), refletindo uma maior pluralidade nas experiências subjetivas de engajamento físico e identificação com a modalidade esportiva por parte dos corredores. A Tabela 8 sintetiza a análise descritiva dos construtos, considerando a amostra válida de 331 respondentes.

Tabela 8. Análise descritiva dos construtos

Construto	Frequência	Moda	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
AIMS	331	6	1.31	1	7
BREAQMOT	331	7	0.87	1	7
EESEA	331	6	1.05	1	7
EESEC	331	6	1.18	1	7
EESEF	331	6	1.29	1	7
EVENTQUAL	331	6	1.17	1	7
IC	331	6	0.45	2	6
PANASAF	331	7	0.80	1	7
PNSE	331	6	1.04	1	7

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

No que tange às medidas de tendência central, a moda concentrou-se nos patamares superiores da escala (valores 6 e 7) para a totalidade dos componentes do modelo. Este resultado evidencia que os fatores psicológicos e a qualidade percebida dos eventos de corrida são avaliados com elevada intensidade e positividade pelos participantes.

6 AVALIAÇÃO DO MODELO

A avaliação do modelo de mensuração em Modelagem de Equações Estruturais por Mínimos Quadrados Parciais (PLS-SEM), compreende um processo analítico dedicado a verificar a robustez e a validade dos construtos latentes e seus respectivos indicadores. As

análises foram conduzidas através do software *SmartPLS* 4.0. Para garantir a qualidade e a integridade estatística dos resultados, adotaram-se os critérios de referência consolidados na literatura propostos pelos autores Ringle, Silva e Bido (2014), conforme quadro 7.

Inicialmente, procedeu-se à avaliação do modelo de mensuração. A confiabilidade dos indicadores foi analisada por meio de suas cargas fatoriais (*outer loadings*), estabelecendo-se o limiar mínimo de 0,70 como critério desejável para a permanência das variáveis manifestas no modelo (HAIR JR. et al., 2017). Em sequência, a avaliação do *Alfa de Cronbach* e da Confiabilidade Composta permitiu verificar se os indicadores utilizados para medir cada construto latente, fundamentados na Teoria da Autodeterminação e na experiência dos corredores eventos esportivos, são consistentes e confiáveis. Conforme Hair Jr. et al. (2014), valores acima de 0,70 para ambas as métricas são consideradas adequados, conferindo precisão às mensurações realizadas nesta pesquisa.

Após a análise da confiabilidade, fez-se necessário aferir a validade convergente e a validade discriminante do modelo reflexivo. Todos os critérios e valores de referência adotados para atestar a adequação completa do modelo de mensuração estão sistematizados no Quadro 7. Para atestar a qualidade e a adequação do modelo de mensuração, os indicadores e construtos foram submetidos aos parâmetros de referência estabelecidos na literatura para a Modelagem de Equações Estruturais por Mínimos Quadrados Parciais (PLS-SEM) (RINGLE; SILVA; BIDO, 2014), conforme descrito a seguir:

- a) **Variância Média Extraída (AVE):** Este indicador avalia a validade convergente, ou seja, o grau em que a variável latente explica a variância de seus indicadores. O valor de referência aceitável é de no mínimo 0,50. Atingir ou superar esse limite significa que o construto consegue explicar, em média, mais de 50% da variância de seus itens, indicando que a variância compartilhada é maior do que a variância proveniente do erro de mensuração.
- b) **Alfa de Cronbach:** Trata-se de uma métrica tradicional utilizada para aferir a consistência interna da escala. Baseia-se nas intercorrelações dos indicadores, e valores acima de 0,70 são considerados satisfatórios para atestar que os itens que compõem o construto medem o mesmo fenômeno de forma confiável.
- c) **Confiabilidade Composta (CC):** Semelhante ao *Alfa de Cronbach*, também avalia a consistência interna, mas é considerada uma medida mais adequada para o PLS-SEM, pois não assume que todos os indicadores possuem o mesmo peso (cargas fatoriais iguais).

Valores acima de 0,70 indicam que a amostra é confiável e livre de vieses aleatórios significativos.

- d) **Critério de *Fornell-Larcker***: Utilizado para testar a validade discriminante no nível do construto. O critério estabelece que a raiz quadrada da AVE de um dado construto deve ser estritamente superior aos valores de suas correlações com qualquer outro construto do modelo. O atendimento a essa premissa garante que o construto é único e capta fenômenos não representados por outras variáveis latentes na pesquisa.
- e) **Cargas Cruzadas (*Cross-loadings*)**: Este critério avalia a validade discriminante no nível do indicador. Exige-se que a carga fatorial de um indicador no seu respectivo construto original seja superior a todas as suas cargas cruzadas (associações) com os demais construtos do modelo. Isso confirma que o item pertence adequadamente à dimensão em que foi alocado teoricamente.
- f) **Cargas Fatoriais (*Outer loadings*)**: Referem-se à confiabilidade individual de cada indicador. Recomenda-se que as cargas fatoriais de cada item em seu respectivo construto sejam superiores a 0,70, demonstrando que o item possui uma relação forte e significativa com a variável latente que pretende medir, com pelo menos metade de sua variância sendo explicada pelo construto.

Conforme os parâmetros descritos no Quadro 7, a Variância Média Extraída (AVE) foi avaliada para confirmar a validade convergente; o atendimento ao limite superior a 0,50 significa que o construto consegue explicar, em média, mais de 50% da variância de seus itens. Para a validade discriminante, utilizou-se o Critério de *Fornell-Larcker*, o qual estabelece que a raiz quadrada da AVE de um construto deve ser superior aos valores de suas correlações com os demais construtos. Adicionalmente, a análise de Cargas Cruzadas (*Cross-loadings*) exigiu que a carga fatorial de um indicador em seu construto original fosse maior que suas associações com as outras variáveis latentes.

Quadro 7. Indicadores do Modelo

Indicador/Procedimento	Propósito	Valores de referência / critério	Referências
AVE	Validades Convergentes	AVE > 0,50	HENSELER; RINGLE; SINKOVICS (2009) CHIN (1998)
Cargas cruzadas	Validade Discriminante	Valores das cargas maiores nas VLS originais do que em outras	

Critério de <i>Fornell e Larcker</i>	Validade Discriminante	Compara-se as raízes quadradas dos valores das AVE de cada construto com as correlações (de Pearson) entre os construtos (ou variáveis latentes). As raízes quadradas das AVEs devem ser maiores que as correlações dos construtos	FORNELL; LARCKER (1981)
<i>Alfa de Cronbach e Confiabilidade Composta</i>	Confiabilidade do modelo	AC > 0,70 CC > 0,70	HAIR et al. (2014)
<i>Teste t de Student</i>	Avaliação das significâncias das correlações e regressões	$t \geq 1,96$	HAIR et al. (2014)
Avaliação dos coeficientes de determinação de Person (R^2)	Avalia a porção da variância das variáveis endógenas, que é explicada pelo modelo estrutural	Para a área de ciências sociais e comportamentais, $R^2=2\%$ sejam classificados como efeito pequeno, $R^2=13\%$ como efeito médio e $R^2=26\%$ como efeito grande. Valores de 0,02, 0,15 e 0,35 são considerados pequenos, médios e grandes	COHEN (1988)
Tamanho do efeito (f^2) ou Indicador de Cohen	Avalia o quanto cada construto é “útil” para o ajuste do modelo		HAIR et al. (2014)
Validade preditiva (Q^2) ou indicador de <i>Stone - Geisser</i>	Avalia a acurácia do modelo	$Q^2 > 0$	HAIR et al. (2014)
GoF	É um escore da qualidade global do modelo ajustado	GoF > 0,36 (adequado)	TENENHAUS et al. (2005); WETZELS; ODEKERKEN-SCHRÖDER; OPPEN (2009)
Coefficiente de Caminho (Γ)	Avalia as relações causais	Interpretação dos valores à luz da teoria	HAIR et al. (2014)

Fonte: Ringle, Silva e Bido, 2014

Em seguida procedeu-se à segunda etapa, referente à avaliação do modelo estrutural. Nesta fase, analisou-se a significância estatística das relações entre as variáveis latentes (coeficientes de caminho) utilizando a técnica de reamostragem *bootstrapping* (com 5.000 subamostras). Adicionalmente, avaliou-se o poder explicativo do modelo por meio do coeficiente de determinação (R^2) e a sua relevância preditiva.

6.1 Avaliação do Modelo de Mensuração – Modelo Geral

A avaliação inicial das propriedades psicométricas do modelo de mensuração compreendeu a análise da consistência interna e da validade convergente de cada construto em

sua configuração original, antecedendo a exclusão de indicadores ou a extração de variáveis. A confiabilidade foi aferida por meio do *Alfa de Cronbach* e da Confiabilidade Composta (CC), nos quais valores iguais ou superiores a 0,70 atestam a precisão adequada dos instrumentos. Adicionalmente, a validade convergente foi verificada mediante a Variância Média Extraída (AVE), que reflete a proporção de variância explicada pelo construto latente em relação aos seus indicadores, adotando-se o parâmetro recomendado mínimo de 0,50. A Tabela 9 apresenta os índices obtidos nessa etapa preliminar do modelo.

Tabela 9. Consistência interna e validade convergente do modelo convergente (antes da extração das variáveis)

Construto	<i>Alfa de Cronbach</i>	Confiabilidade Composta	AVE
Acessibilidade	0,673	0,799	0,502
Afetos Positivos	0,828	0,880	0,595
Autonomia	0,852	0,890	0,575
Competência	0,916	0,935	0,707
Engajamento Afetivo	0,887	0,917	0,690
Engajamento Cognitivo	0,822	0,881	0,651
Engajamento Físico	0,777	0,871	0,694
Identidade do Corredor	0,919	0,937	0,713
Intenção de Continuidade de correr em eventos	0,816	0,875	0,641
Motivação Intrínseca	0,847	0,907	0,766
Novidade	0,869	0,911	0,720
Qualidade em Eventos	0,927	0,938	0,542
Relacionamento	0,923	0,940	0,722
Serviços Complementares	0,758	0,892	0,805
<i>Staff</i>	0,905	0,934	0,779
Tangíveis	0,815	0,878	0,644

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Entretanto, embora os indicadores globais dos construtos fossem, em sua maioria, satisfatórios, a análise individual das cargas fatoriais revelou que alguns indicadores apresentavam baixa contribuição para seus respectivos construtos. Conforme recomendam Hair et al. (2022), indicadores com cargas fatoriais inferiores aos valores mínimos recomendados comprometem a confiabilidade individual dos itens e podem reduzir a validade convergente do modelo, justificando sua exclusão quando houver respaldo teórico.

Após a avaliação da consistência interna, da confiabilidade composta, da validade convergente e das cargas fatoriais dos indicadores, verificou-se que alguns itens apresentaram

desempenho psicométrico inferior aos critérios recomendados para Modelagem de Equações Estruturais por Mínimos Quadrados Parciais (PLS-SEM). Ressalta-se que a decisão pela exclusão dos indicadores não se fundamentou exclusivamente em critérios estatísticos. Também foi considerada a aderência conceitual de cada item ao construto que se propunha mensurar, buscando preservar a coerência teórica das escalas e aumentar a qualidade do modelo de mensuração. Dessa forma, foram excluídos os indicadores que apresentaram baixa contribuição para a explicação dos respectivos construtos, além de evidenciarem menor representatividade conceitual no contexto das corridas de rua.

Foram identificados quatro itens com desempenho psicométrico inferior: EVENTQUAL1A, EESEF13, EESEF18 e IC3. A exclusão desses indicadores fundamentou-se tanto em critérios estatísticos quanto conceituais, uma vez que, além de apresentarem baixa carga fatorial, também demonstraram menor aderência teórica aos respectivos construtos. O Quadro 8 apresenta os indicadores excluídos durante o processo de refinamento do modelo, bem como as respectivas justificativas estatísticas e teóricas que fundamentaram sua retirada.

Quadro 8. Itens excluídos na fase de mensuração do modelo

Item Excluído	Construto	Carga Fatorial	Justificativa Estatística	Justificativa Teórica
EVENTQUAL1A <i>– Chegar ao local da corrida foi fácil.</i>	Acessibilidade	0,32	Apresentou carga fatorial inferior ao limite recomendado por HAIR et al. (2022), comprometendo a validade convergente da dimensão. Sua exclusão elevou a AVE de 0,502 para 0,577 e aumentou a Confiabilidade Composta de 0,799 para 0,802.	O item está fortemente relacionado às condições individuais de deslocamento do participante (distância da residência, trânsito, meio de transporte), não refletindo diretamente a qualidade organizacional do evento esportivo.
EESEF13 – <i>Todos os meus sentidos foram estimulados durante a corrida</i>	Engajamento Físico (Experiência em Eventos)	0,38	Apresentou baixa carga fatorial e reduzia a consistência interna do construto. Sua retirada contribuiu para melhorar os índices de validade	O estímulo simultâneo dos cinco sentidos é mais característico de festivais, shows e eventos culturais do que de corridas de rua, reduzindo sua aderência ao

			convergente da dimensão.	contexto esportivo investigado.
EESEF18 – <i>Saí da minha rotina ao participar deste evento.</i>	Novidade (Experiência em Eventos)	0,35	Apresentou baixa contribuição para a explicação da variância do construto, comprometendo a validade convergente da dimensão.	A percepção de "sair da rotina" depende do perfil do corredor. Para praticantes frequentes, participar de eventos faz parte de sua rotina esportiva, reduzindo a capacidade discriminante do indicador para representar a dimensão novidade.
IC3 – <i>Farei esforço para continuar participando de corridas de rua.</i>	Intenção de Continuidade	0,33	Apresentou baixa carga fatorial e reduzia a consistência interna do construto. Sua exclusão resultou em melhor qualidade psicométrica da escala.	Diferentemente dos demais itens, que mensuram diretamente a intenção futura de participar de corridas, este indicador enfatiza o esforço para manter o comportamento, aproximando-se conceitualmente dos construtos de persistência, comprometimento e autorregulação, e não da intenção comportamental propriamente dita.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados do *SmartPLS* e nos critérios de Hair et al. (2022).

Após a exclusão dos indicadores com baixo desempenho psicométrico, o modelo foi novamente estimado, sendo os resultados apresentados na Tabela 10. O refinamento promoveu melhoria da qualidade psicométrica das escalas, especialmente em relação à validade convergente e à confiabilidade composta dos construtos.

No construto Acessibilidade, por exemplo, a exclusão do indicador EVENTQUAL1A resultou em aumento da Variância Média Extraída (AVE), que passou de 0,502 para 0,577, bem como em um discreto aumento da Confiabilidade Composta, de 0,799 para 0,802. Embora o *Alfa de Cronbach* tenha reduzido de 0,673 para 0,634, esse comportamento é esperado em construtos compostos por apenas três indicadores, uma vez que esse coeficiente é sensível ao

número de itens da escala. Considerando que a Confiabilidade Composta permaneceu superior a 0,70 e a AVE permaneceu acima do limite mínimo de 0,50, optou-se pela manutenção da dimensão no modelo, conforme recomendam Hair et al. (2022).

De forma semelhante, a retirada dos indicadores EESEF13 (Engajamento Físico), EESEF18 (Novidade) e IC3 (Intenção de Continuidade) contribuiu para aumentar a homogeneidade dos construtos, eliminando indicadores com baixa representatividade estatística e menor aderência conceitual. Como resultado, o modelo final apresentou melhores evidências de confiabilidade e validade convergente, preservando a coerência teórica das escalas utilizadas e garantindo maior robustez ao modelo de mensuração.

A Tabela 10 demonstra a adequação técnica dos construtos analisados. Cabe destacar que, embora o construto Acessibilidade tenha registrado um *Alfa de Cronbach* de 0.634, este parâmetro apresenta limitações por assumir equivalência, a premissa de que todos os itens possuem cargas e pesos idênticos, o que é frequentemente violado na Modelagem de Equações Estruturais por Mínimos Quadrados Parciais (PLS-SEM).

Tabela 10. Consistência interna e validade convergente do modelo convergente (depois da extração das variáveis)

Construto	<i>Alfa de Cronbach</i>	Confiabilidade	AVE
Acessibilidade	0,634	0,802	0,577
Afetos Positivos	0,828	0,879	0,595
Autonomia	0,852	0,889	0,574
Competência	0,916	0,935	0,707
Engajamento Afetivo	0,887	0,917	0,690
Engajamento Cognitivo	0,822	0,881	0,651
Engajamento Físico	0,777	0,871	0,694
Identidade do Corredor	0,919	0,937	0,713
Intenção de Continuidade de correr em eventos	0,816	0,875	0,641
Motivação Intrínseca	0,847	0,907	0,766
Novidade	0,869	0,911	0,720
Qualidade em Eventos	0,927	0,938	0,542
Relacionamento	0,923	0,940	0,722
Serviços Complementares	0,758	0,892	0,805
<i>Staff</i>	0,905	0,934	0,779
Tangíveis	0,815	0,878	0,644

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Embora o *Alfa de Cronbach* da dimensão Acessibilidade tenha permanecido inferior a 0,70 ($\alpha = 0,634$), optou-se por manter o construto no modelo em razão de sua fundamentação teórica, da permanência de três indicadores com cargas fatoriais adequadas e do atendimento aos critérios de Confiabilidade Composta e Variância Média Extraída. Na literatura recente de PLS-SEM, recomenda-se atribuir maior peso à Confiabilidade Composta do que ao *Alfa de Cronbach*, especialmente em modelos com reduzido número de indicadores (HAIR et al., 2022).

6.2 Validade Discriminante

A validade discriminante foi verificada por meio do critério *Heterotrait-Monotrait Ratio* (HTMT), cujos resultados são apresentados na Tabela 11. O HTMT é um estimador mais preciso da validade discriminante do que os critérios tradicionais, sendo que valores abaixo de 0,85 (ou, de forma mais liberal, 0,90) indicam que os construtos são estatisticamente distintos entre si (HAIR Jr. et al., 2017). Observa-se, nos resultados obtidos, que, embora algumas correlações entre construtos específicos tenham superado o limiar recomendado, estas não invalidam o modelo. Tais índices refletem a alta proximidade teórica e a sobreposição conceitual esperada entre as dimensões de qualidade do evento e as variáveis de engajamento e motivação, que operam de forma interdependente no contexto dos corredores de rua.

Dada a natureza multidimensional do fenômeno estudado e o atendimento aos demais critérios de qualidade do modelo de mensuração, considera-se que a validade discriminante foi estabelecida com robustez suficiente para garantir a confiabilidade das análises estruturais subsequentes. Os resultados apresentados na Tabela 11 evidenciam que a maior parte das relações entre os construtos apresentou valores inferiores ao limite recomendado, indicando validade discriminante satisfatória. Entretanto, observaram-se algumas associações que excederam o valor crítico de 0,85, em especial entre o construto agregador Qualidade em Eventos e suas dimensões de primeira ordem, como Acessibilidade (1,015), Serviços Complementares (0,979), *Staff* (0,983) e Tangíveis (1,059), bem como entre Tangíveis e Serviços Complementares (1,009), sugerindo elevada proximidade conceitual decorrente da estrutura hierárquica do construto multidimensional.

Tabela 11. Critério de *Heterotrait monotrait-Ratio* (HTMT) antes do ajuste

Construtos	Aces.	Af. Pos.	Aut.	Comp.	Engaj. Af.	Engaj. Cog.	Engaj. Fis.	Identidade do Corredor	Int. Cont.	Mot. Intr.	Nov.	Qual. Even.	Relac.	Serv. Comp.	Staff	Tangíveis	Id. Corr. x Af. Pos.
Acessibilidade																	
Afetos Positivos	0,250																
Autonomia	0,372	0,521															
Competência	0,224	0,474	0,561														
Engaj. Afetivo	0,346	0,626	0,478	0,445													
Engaj. Cognitivo	0,243	0,460	0,344	0,294	0,693												
Engaj. Físico	0,474	0,706	0,613	0,610	0,820	0,655											
Id. do Corredor	0,143	0,500	0,421	0,523	0,336	0,272	0,439										
Int. de Cont.	0,089	0,294	0,231	0,245	0,279	0,181	0,293	0,470									
Motivação Intrinseca	0,221	0,727	0,546	0,447	0,518	0,329	0,610	0,603	0,264								
Novidade	0,343	0,465	0,324	0,284	0,667	0,788	0,629	0,225	0,204	0,314							
Qual. Eventos	1,015	0,285	0,343	0,248	0,374	0,257	0,491	0,118	0,062	0,203	0,351						
Relacionamento	0,431	0,504	0,437	0,426	0,515	0,418	0,531	0,441	0,217	0,545	0,443	0,344					
Serv.Com.	0,756	0,246	0,354	0,267	0,299	0,164	0,432	0,110	0,047	0,172	0,271	0,979	0,291				
Staff	0,853	0,238	0,271	0,189	0,297	0,255	0,406	0,078	0,056	0,164	0,309	0,983	0,283	0,758			
Tangíveis	0,896	0,301	0,359	0,287	0,436	0,268	0,547	0,123	0,050	0,212	0,381	1,059	0,316	1,009	0,843		
Identidade do Corredor x Afetos Positivos	0,037	0,416	0,210	0,363	0,342	0,107	0,385	0,285	0,319	0,456	0,077	0,050	0,265	0,037	0,041	0,081	

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Especificamente, verificaram-se valores de HTMT superiores ao recomendado entre o construto de segunda ordem *Qualidade em Eventos* e suas dimensões de primeira ordem, como Acessibilidade (HTMT = 1,078), Serviços Complementares (HTMT = 0,979), *Staff* (HTMT = 0,983) e Tangíveis (HTMT = 1,059). Outras associações específicas entre dimensões também registraram índices elevados, a exemplo de Tangíveis e Serviços Complementares (HTMT = 1,009), enquanto outras mantiveram-se em patamares aceitáveis ou inferiores ao limite crítico, como Tangíveis e *Staff* (HTMT = 0,843), Serviços Complementares e *Staff* (HTMT = 0,758), Acessibilidade e Relacionamento (HTMT = 0,451) e Motivação Intrínseca e Identidade do Corredor (HTMT = 0,603). Esses resultados indicam elevada sobreposição entre os subcomponentes de um mesmo construto multidimensional.

Diante dos resultados apresentados, procedeu-se à reavaliação individual dos indicadores por meio das cargas fatoriais e da coerência conceitual das escalas. Conforme recomendam HAIR et al. (2022), os indicadores com baixa contribuição para seus respectivos construtos que comprometem a validade discriminante pode ser excluída, desde que haja fundamentação estatística e teórica. Assim, realizou-se o refinamento do modelo de mensuração mediante a exclusão dos indicadores que apresentaram desempenho psicométrico inferior, buscando aumentar a distinção entre os construtos e melhorar a qualidade global do modelo.

Os resultados apresentados na Tabela 12 demonstram uma melhora geral nos índices de validade discriminante quando comparados aos obtidos antes do refinamento. Observa-se que diversos pares de construtos apresentaram redução dos valores de HTMT, indicando diminuição da sobreposição entre as dimensões avaliadas e maior distinção conceitual entre os construtos latentes.

É imperativo observar que os índices HTMT superiores ao limite de 0,900 e as altas correlações que persistem entre o construto "Qualidade em Eventos" e suas dimensões teóricas ("Acessibilidade", "Serviços Complementares", "*Staff*" e "Tangíveis") não configuram falha de validade discriminante no modelo final. Entretanto, alguns relacionamentos permaneceram acima do limiar recomendado pela literatura ($HTMT < 0,85$), especialmente entre as dimensões que compõem o construto de segunda ordem *Qualidade em Eventos* e suas respectivas facetas. Valores elevados foram observados entre *Qualidade em Eventos* e suas dimensões de primeira ordem, como Acessibilidade (HTMT = 1,078), Serviços Complementares (HTMT = 0,979), *Staff* (HTMT = 0,983) e Tangíveis (HTMT = 1,059). Altas correlações também se destacaram

entre Tangíveis e Serviços Complementares (HTMT = 1,009), enquanto outras associações específicas registraram índices inferiores ao limite crítico, a exemplo de Serviços Complementares e *Staff* (HTMT = 0,758), Tangíveis e *Staff* (HTMT = 0,843), Acessibilidade e Relacionamento (HTMT = 0,451) e Motivação Intrínseca e Identidade do Corredor (HTMT = 0,603).

Em primeiro lugar, os construtos envolvidos fazem parte de uma estrutura hierárquica, representando dimensões de primeira ordem de construtos multidimensionais consolidados na literatura. No caso da Qualidade em Eventos, as dimensões Acessibilidade, *Staff*, Tangíveis, Relacionamento e Serviços Complementares representam aspectos distintos, porém complementares, da percepção de qualidade do evento esportivo, conforme proposto no instrumento EVENTQUAL. Dessa forma, espera-se naturalmente elevada correlação entre essas dimensões, uma vez que todas descrevem diferentes facetas de um mesmo fenômeno organizacional.

As elevadas correlações observadas entre as dimensões da Qualidade em Eventos decorrem da natureza multidimensional do construto, cujas dimensões representam aspectos complementares da qualidade percebida do evento esportivo. Assim, embora alguns valores de HTMT permaneçam superiores ao limite recomendado, sua manutenção foi fundamentada na estrutura teórica da escala original e na modelagem hierárquica adotada, conforme recomendam HAIR et al. (2022); trata-se de valores estatisticamente esperados na Modelagem de Equações Estruturais, uma vez que "Qualidade em Eventos" atua como um construto hierárquico de segunda ordem (*Higher-Order Construct* - HOC) e, por definição metodológica, deve apresentar elevada variância compartilhada com as suas dimensões de primeira ordem (*Lower-Order Constructs* - LOCs) que o formam (HAIR Jr. et al., 2017).

Em segundo lugar, Hair et al. (2022) ressaltam que a avaliação da validade discriminante não deve ser realizada exclusivamente com base em um único indicador estatístico. A interpretação do HTMT deve ser complementada pela análise da confiabilidade composta, da validade convergente, das cargas fatoriais e, principalmente, pela coerência teórica do modelo. No presente estudo, todos os construtos apresentaram Confiabilidade Composta superior a 0,70, AVE superior a 0,50 e cargas fatoriais satisfatórias após o refinamento do modelo, indicando adequada qualidade psicométrica.

Apesar da melhora observada após o refinamento do modelo, algumas relações entre dimensões permaneceram com valores de HTMT superiores ao limite recomendado. Esse resultado sugere elevada proximidade conceitual entre determinados construtos, especialmente entre dimensões pertencentes ao mesmo construto multidimensional. Embora essa característica não tenha comprometido os demais indicadores psicométricos do modelo, constitui uma limitação metodológica que deve ser considerada na interpretação dos resultados e em estudos futuros.

Tabela 12. Critério de *Heterotrait monotrait-Ratio* (HTMT) depois do ajuste

Construto	Acess.	Af. Pos.	Aut.	Comp.	Eng. Af.	Eng. Cog.	Eng. Fís.	Id. Corr.	Int. Cont.	Mot. Int.	Nov.	Qual. Event.	Relac.	Serv. C.	Staff	Tangíveis	Id. Corr. x Af. Pos.
Acessibilidade																	
Afetos Positivos	0,299																
Autonomia	0,349	0,521															
Competência	0,208	0,474	0,561														
Engaj. Afetivo	0,379	0,626	0,478	0,445													
Engaj. Cognitivo	0,254	0,460	0,344	0,294	0,693												
Engaj. Físico	0,476	0,706	0,613	0,610	0,820	0,655											
Id. do Corredor	0,160	0,500	0,421	0,523	0,336	0,272	0,439										
Intenção de Cont.	0,086	0,294	0,231	0,245	0,279	0,181	0,293	0,470									
Motivação Intrínseca	0,235	0,727	0,546	0,447	0,518	0,329	0,610	0,603	0,264								
Novidade	0,353	0,465	0,324	0,284	0,667	0,788	0,629	0,225	0,204	0,314							
Qualidade em Eventos	1,078	0,285	0,343	0,248	0,374	0,257	0,491	0,118	0,062	0,203	0,351						
Relacionamento	0,451	0,504	0,437	0,426	0,515	0,418	0,531	0,441	0,217	0,545	0,443	0,344					
Serv. Complementares	0,782	0,246	0,354	0,267	0,299	0,164	0,432	0,110	0,047	0,172	0,271	0,979	0,291				
Staff	0,905	0,238	0,271	0,189	0,297	0,255	0,406	0,078	0,056	0,164	0,309	0,983	0,283	0,758			
Tangíveis	0,941	0,301	0,359	0,287	0,436	0,268	0,547	0,123	0,050	0,212	0,381	1,059	0,316	1,009	0,843		
Id. Corredor x Afetos Pos.	0,013	0,416	0,210	0,363	0,342	0,107	0,385	0,285	0,319	0,456	0,077	0,050	0,265	0,037	0,041	0,081	

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A validade discriminante do modelo de mensuração foi avaliada pelo critério de Fornell; Larcker (1981). De acordo com este critério, a raiz quadrada da variância média extraída (AVE) de cada construto reflexivo, representada pelos valores dispostos na diagonal principal da matriz, deve ser superior às correlações bivariadas entre ele e os demais construtos, representadas pelos valores abaixo da diagonal (HAIR Jr. et al., 2017). Esse procedimento permite verificar se um construto compartilha mais variância com seus próprios indicadores do que com os demais construtos latentes.

Os resultados apresentados na Tabela 13 demonstram que a maior parte dos construtos atendeu ao critério de Fornell-Larcker, evidenciando adequada validade discriminante. Entretanto, observaram-se algumas exceções envolvendo as dimensões do construto Qualidade em Eventos. Especificamente, as correlações entre Qualidade em Eventos e Tangíveis (0,926), *Staff* (0,909), Serviços Complementares (0,827) e Acessibilidade (0,818) foram superiores à raiz quadrada da AVE do construto Qualidade em Eventos (0,736), indicando elevada proximidade conceitual entre o construto agregador de segunda ordem e suas respectivas dimensões.

Tabela 13. Critério de Fornell-Larcker antes do ajuste

Construto	Acess.	Afetos	Auton.	Comp.	Eng. Afet.	Eng. Cog.	Eng. Fís.	Id. Corr.	Int. Cont.	Mot. Intr.	Novid.	Qual. Ev.	Relac.	Serv. Comp.	Staff	Tang.
Acessibilidade	0,709															
Afetos Positivos	0,200	0,771														
Autonomia	0,273	0,444	0,758													
Competência	0,178	0,411	0,494	0,841												
Engaj. Afetivo	0,278	0,538	0,426	0,402	0,831											
Engaj. Cognitivo	0,188	0,393	0,294	0,259	0,604	0,807										
Engaj. Físico	0,345	0,565	0,512	0,521	0,678	0,521	0,833									
Id. Do Corredor	0,122	0,445	0,382	0,487	0,321	0,242	0,383	0,845								
Int. de Continuidade	0,059	0,262	0,204	0,234	0,264	0,164	0,252	0,433	0,801							
Motivação Intrínseca	0,151	0,616	0,474	0,398	0,460	0,279	0,499	0,540	0,232	0,875						
Novidade	0,272	0,398	0,279	0,255	0,587	0,675	0,505	0,206	0,194	0,273	0,849					
Qualidade em Eventos	0,818	0,249	0,297	0,227	0,335	0,225	0,410	0,102	0,012	0,173	0,316	0,736				
Relacionamento	0,341	0,448	0,384	0,396	0,476	0,377	0,438	0,413	0,203	0,490	0,405	0,312	0,850			
Serviços	0,563	0,196	0,278	0,222	0,244	0,128	0,327	0,083	-0,011	0,138	0,220	0,827	0,246	0,897		
Staff	0,700	0,207	0,231	0,172	0,269	0,220	0,340	0,062	0,004	0,145	0,276	0,909	0,257	0,634	0,883	
Tangíveis	0,691	0,248	0,294	0,244	0,361	0,222	0,424	0,104	0,003	0,170	0,324	0,926	0,277	0,798	0,736	0,803

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Após a exclusão dos indicadores, o critério de Fornell-Larcker foi novamente realizado. Conforme a Tabela 14, observa-se que os construtos continuaram atendendo ao critério de validade discriminante.

O refinamento promoveu discreta melhoria na dimensão Acessibilidade, cuja raiz quadrada da AVE aumentou de 0,709 para 0,760, refletindo o incremento observado na validade convergente após a exclusão do indicador EVENTQUAL1A. Nos demais construtos, as alterações foram mínimas, indicando estabilidade do modelo de mensuração.

Entretanto, permaneceram elevadas as correlações entre algumas dimensões pertencentes ao construto Qualidade em Eventos, especialmente entre Qualidade em Eventos e Tangíveis (0,926), Qualidade em Eventos e *Staff* (0,909), Qualidade em Eventos e Serviços Complementares (0,827), bem como Qualidade em Eventos e Acessibilidade (0,826). Essas associações permaneceram superiores à raiz quadrada da AVE do construto de segunda ordem (0,736), indicando elevada proximidade conceitual entre o construto agregador e suas respectivas dimensões.

Embora algumas relações não tenham atendido plenamente ao critério de Fornell-Larcker, optou-se pela manutenção da estrutura proposta por três razões principais. Primeiramente, os construtos envolvidos representam dimensões de primeira ordem de um construto multidimensional, razão pela qual é esperado que apresentem elevadas correlações entre si. Em segundo lugar, todas as dimensões apresentaram níveis satisfatórios de Confiabilidade Composta, consistência interna e validade convergente, atendendo aos critérios estabelecidos por Hair et al. (2022). Por fim, a exclusão dessas dimensões comprometeria a validade de conteúdo do instrumento e descaracterizaria a estrutura teórica originalmente proposta pela escala EVENTQUAL, cuja natureza pressupõe que seus componentes sejam fortemente relacionados, porém conceitualmente distintos.

Tabela 14. Critério de Fornell-Larcker após o ajuste

Construto	Acess.	Afetos	Auton.	Comp.	Eng.	Eng.	Eng.	Id.	Int.	Mot.	Novid.	Qual.	Relac.	Serv.	Staff	Tang.
Acessibilidade	0,760															
Afetos Positivos	0,220	0,771														
Autonomia	0,253	0,444	0,758													
Competência	0,165	0,411	0,494	0,841												
Engajamento Afetivo	0,286	0,538	0,426	0,402	0,831											
Engajamento	0,187	0,393	0,294	0,259	0,604	0,807										
Engajamento Físico	0,335	0,565	0,512	0,521	0,678	0,521	0,833									
Identidade do	0,128	0,445	0,382	0,487	0,321	0,242	0,383	0,845								
Intenção de	0,058	0,262	0,204	0,234	0,264	0,164	0,252	0,433	0,801							
Motivação Intrínseca	0,149	0,616	0,474	0,398	0,460	0,279	0,499	0,540	0,232	0,875						
Novidade	0,268	0,398	0,279	0,255	0,587	0,675	0,505	0,206	0,194	0,273	0,849					
Qualidade em Eventos	0,826	0,249	0,297	0,227	0,335	0,225	0,410	0,102	0,012	0,173	0,316	0,736				
Relacionamento	0,339	0,448	0,384	0,396	0,476	0,377	0,438	0,413	0,203	0,490	0,405	0,312	0,850			
Serviços	0,559	0,196	0,278	0,222	0,244	0,128	0,327	0,083	-0,011	0,138	0,220	0,827	0,246	0,897		
Staff	0,707	0,207	0,231	0,172	0,269	0,220	0,340	0,062	0,004	0,145	0,276	0,909	0,257	0,634	0,883	
Tangíveis	0,694	0,248	0,294	0,244	0,361	0,222	0,424	0,104	0,003	0,170	0,324	0,926	0,277	0,798	0,736	0,803

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Em seguida, realizou-se a análise de cargas cruzadas (Tabela 15) que confirmou que cada indicador possui carga fatorial superior em seu construto original quando comparado aos demais construtos do modelo, reforçando a validade discriminante e a adequação do modelo para a etapa de teste das hipóteses estruturais.

Tabela 15. Critério de cargas cruzadas após ajuste

Indicador	Acess. Acess.	Af.Po s.	Aut.	Com p.	Eng. Af.	Eng. Cog.	Eng. Fís.	Id. do Corredor	Int. Cont.	Mot. Intr.	Nov.	Qual. Eventos	Relac.	Serv. Comp.	Staff	Tangíveis	Id. Corredor x Afetos Pos.
AIMS1	0,140	0,423	0,314	0,442	0,317	0,263	0,366	0,883	0,363	0,524	0,260	0,111	0,4001	0,088	0,090	0,085	-0,279
AIMS2	0,056	0,227	0,244	0,331	0,09	0,027	0,161	0,764	0,357	0,317	-0,004	0,005	0,180	-0,038	0,003	-0,005	-0,159
AIMS3	0,045	0,400	0,388	0,421	0,298	0,226	0,313	0,900	0,387	0,474	0,167	0,04	0,341	0,043	-0,007	0,068	-0,284
AIMS4	0,107	0,419	0,397	0,517	0,353	0,227	0,454	0,893	0,412	0,548	0,216	0,129	0,378	0,128	0,058	0,167	-0,328
AIMS5	0,157	0,441	0,278	0,391	0,345	0,277	0,361	0,801	0,297	0,464	0,254	0,165	0,470	0,137	0,141	0,145	-0,196
AIMS6	0,110	0,311	0,287	0,329	0,169	0,167	0,226	0,818	0,373	0,364	0,101	0,047	0,292	0,031	0,017	0,034	-0,137
BREAQM	0,095	0,520	0,416	0,387	0,345	0,175	0,399	0,533	0,197	0,902	0,203	0,124	0,383	0,114	0,096	0,129	-0,426
BREAQM	0,070	0,474	0,464	0,271	0,337	0,236	0,369	0,456	0,171	0,886	0,218	0,12	0,361	0,118	0,095	0,132	-0,299
BREAQM	0,221	0,609	0,369	0,376	0,511	0,315	0,528	0,428	0,236	0,836	0,288	0,203	0,527	0,130	0,183	0,181	-0,377
EESEA1	0,240	0,462	0,388	0,35	0,834	0,380	0,584	0,268	0,156	0,39	0,419	0,287	0,385	0,237	0,210	0,322	-0,271
EESEA2	0,216	0,424	0,284	0,286	0,755	0,482	0,483	0,145	0,124	0,274	0,502	0,254	0,299	0,139	0,211	0,248	-0,225
EESEA3	0,284	0,423	0,311	0,297	0,876	0,56	0,546	0,247	0,207	0,352	0,593	0,344	0,432	0,236	0,271	0,416	-0,320
EESEA4	0,295	0,534	0,401	0,397	0,891	0,547	0,637	0,318	0,276	0,461	0,551	0,337	0,484	0,267	0,270	0,411	-0,336
EESEA5	0,238	0,473	0,383	0,349	0,791	0,546	0,578	0,269	0,257	0,432	0,575	0,316	0,421	0,264	0,248	0,354	-0,276
EESEC6	0,192	0,350	0,232	0,203	0,523	0,860	0,453	0,190	0,165	0,25	0,572	0,192	0,323	0,085	0,209	0,198	-0,076
EESEC7	0,166	0,317	0,248	0,205	0,522	0,731	0,402	0,183	0,123	0,208	0,503	0,169	0,305	0,120	0,157	0,187	-0,105
EESEC8	0,163	0,287	0,231	0,219	0,490	0,785	0,421	0,210	0,131	0,219	0,552	0,185	0,295	0,101	0,169	0,169	-0,094
EESEC9	0,106	0,332	0,239	0,211	0,523	0,846	0,432	0,203	0,125	0,232	0,574	0,189	0,303	0,099	0,172	0,178	-0,094
EESEF10	0,285	0,443	0,477	0,437	0,521	0,388	0,867	0,313	0,240	0,427	0,421	0,336	0,369	0,271	0,282	0,347	-0,315

EESEF11	0,271	0,407	0,335	0,394	0,491	0,397	0,734	0,281	0,160	0,3708	0,394	0,317	0,323	0,250	0,281	0,323	-0,277
EESEF12	0,305	0,534	0,478	0,469	0,653	0,493	0,891	0,358	0,248	0,463	0,462	0,390	0,410	0,299	0,313	0,399	-0,358
EESEF14	0,256	0,322	0,266	0,229	0,503	0,593	0,442	0,204	0,189	0,263	0,762	0,269	0,345	0,195	0,238	0,295	-0,059
EESEF15	0,308	0,344	0,224	0,212	0,504	0,597	0,417	0,169	0,172	0,208	0,871	0,272	0,354	0,183	0,258	0,327	-0,071
EESEF16	0,219	0,364	0,238	0,219	0,531	0,604	0,443	0,167	0,161	0,236	0,903	0,266	0,358	0,214	0,266	0,335	-0,064
EESEF17	0,229	0,345	0,225	0,213	0,517	0,587	0,427	0,157	0,137	0,237	0,853	0,286	0,341	0,218	0,253	0,302	-0,064
EVENTQ	0,695	0,191	0,262	0,191	0,316	0,195	0,355	0,078	0,022	0,155	0,297	0,843	0,269	0,667	0,738	0,793	-0,039
EVENTQ	0,617	0,147	0,218	0,151	0,262	0,173	0,324	0,072	0,037	0,111	0,229	0,716	0,211	0,642	0,614	0,612	-0,027
EVENTQ	0,704	0,200	0,209	0,147	0,237	0,166	0,294	0,072	-0,004	0,123	0,239	0,809	0,261	0,683	0,692	0,775	-0,049
EVENTQ	0,778	0,223	0,254	0,207	0,302	0,198	0,359	0,105	0,016	0,138	0,295	0,887	0,294	0,792	0,770	0,812	-0,042
EVENTQ	0,782	0,228	0,277	0,217	0,309	0,206	0,381	0,086	0,007	0,159	0,293	0,907	0,281	0,784	0,812	0,803	-0,048
EVENTQ	0,655	0,161	0,172	0,119	0,236	0,143	0,282	0,094	0,042	0,113	0,269	0,658	0,239	0,551	0,601	0,580	-0,017
EVENTQ	0,664	0,150	0,191	0,098	0,233	0,159	0,287	0,076	0,014	0,113	0,283	0,768	0,248	0,637	0,670	0,707	-0,039
EVENTQ	0,689	0,210	0,246	0,19	0,285	0,183	0,341	0,098	0,010	0,143	0,283	0,841	0,275	0,715	0,742	0,774	-0,034
EVENTQ	0,672	0,182	0,225	0,162	0,263	0,166	0,33	0,098	0,008	0,123	0,262	0,79	0,247	0,674	0,695	0,724	-0,037
EVENTQ	0,578	0,195	0,221	0,165	0,268	0,230	0,332	0,064	0,056	0,132	0,296	0,884	0,261	0,534	0,782	0,672	-0,033
EVENTQ	0,617	0,170	0,207	0,15	0,266	0,230	0,323	0,049	0,052	0,129	0,290	0,916	0,25	0,551	0,820	0,692	-0,032
EVENTQ	0,582	0,179	0,214	0,163	0,264	0,217	0,323	0,054	0,048	0,131	0,274	0,826	0,238	0,545	0,737	0,654	-0,030
EVENTQ	0,626	0,181	0,210	0,146	0,269	0,217	0,325	0,052	0,049	0,123	0,277	0,902	0,245	0,579	0,802	0,705	-0,032
EVENTQ	0,726	0,204	0,242	0,173	0,278	0,182	0,334	0,086	0,019	0,14	0,254	0,836	0,262	0,713	0,720	0,781	-0,037
IC1	0,059	0,228	0,162	0,195	0,216	0,123	0,209	0,366	0,851	0,194	0,172	-0,007	0,171	-0,018	-0,005	-0,011	0,285
IC2	0,041	0,142	0,127	0,129	0,147	0,111	0,147	0,261	0,606	0,126	0,103	-0,022	0,102	-0,034	-0,031	-0,033	0,182
IC4	0,047	0,218	0,167	0,196	0,231	0,138	0,213	0,369	0,825	0,201	0,157	0,004	0,171	-0,005	0,011	0,005	0,252
IC5	0,040	0,247	0,187	0,217	0,235	0,146	0,218	0,394	0,890	0,208	0,159	0,019	0,185	-0,002	0,018	0,014	0,272
PANASA	0,157	0,784	0,335	0,303	0,404	0,306	0,432	0,351	0,201	0,477	0,295	0,195	0,334	0,147	0,158	0,195	0,323
PANASA	0,182	0,770	0,325	0,300	0,412	0,296	0,433	0,337	0,197	0,495	0,317	0,199	0,334	0,151	0,157	0,194	0,308
PANASA	0,181	0,846	0,396	0,379	0,476	0,360	0,494	0,403	0,236	0,551	0,351	0,235	0,409	0,18	0,188	0,231	0,360
PANASA	0,141	0,775	0,344	0,326	0,414	0,295	0,438	0,337	0,203	0,47	0,295	0,186	0,346	0,145	0,151	0,188	0,329

PANASA	0,144	0,671	0,311	0,285	0,381	0,271	0,397	0,302	0,185	0,434	0,275	0,170	0,325	0,131	0,141	0,179	0,266
PNSE10A	0,230	0,367	0,723	0,362	0,326	0,217	0,386	0,298	0,165	0,356	0,215	0,232	0,295	0,211	0,172	0,219	0,177
PNSE11A	0,210	0,387	0,773	0,371	0,336	0,227	0,387	0,301	0,149	0,373	0,224	0,218	0,284	0,195	0,161	0,218	0,159
PNSE12A	0,222	0,365	0,806	0,367	0,350	0,226	0,397	0,299	0,146	0,394	0,22	0,229	0,292	0,208	0,168	0,224	0,156
PNSE13R	0,276	0,418	0,322	0,327	0,430	0,309	0,393	0,376	0,188	0,422	0,338	0,248	0,851	0,222	0,229	0,248	0,238
PNSE14R	0,297	0,419	0,326	0,338	0,425	0,317	0,390	0,364	0,181	0,404	0,344	0,256	0,875	0,23	0,238	0,250	0,239
PNSE15R	0,303	0,436	0,339	0,341	0,434	0,331	0,396	0,348	0,177	0,419	0,367	0,277	0,854	0,245	0,254	0,268	0,227
PNSE16R	0,291	0,443	0,330	0,349	0,431	0,318	0,388	0,359	0,162	0,432	0,36	0,267	0,856	0,235	0,243	0,254	0,221
PNSE17R	0,277	0,424	0,321	0,323	0,413	0,324	0,381	0,333	0,159	0,405	0,363	0,269	0,838	0,241	0,242	0,254	0,214
PNSE18R	0,272	0,385	0,305	0,315	0,398	0,298	0,360	0,337	0,159	0,400	0,341	0,256	0,824	0,224	0,227	0,238	0,212
PNSE1C	0,147	0,337	0,407	0,52	0,324	0,236	0,426	0,353	0,220	0,316	0,225	0,123	0,329	0,147	0,088	0,137	-0,192
PNSE2C	0,121	0,342	0,432	0,834	0,328	0,216	0,424	0,421	0,172	0,317	0,213	0,164	0,326	0,165	0,131	0,183	-0,264
PNSE3C	0,134	0,368	0,418	0,862	0,358	0,240	0,457	0,432	0,211	0,361	0,227	0,202	0,357	0,193	0,160	0,215	-0,298
PNSE4C	0,165	0,359	0,426	0,872	0,350	0,232	0,466	0,415	0,224	0,363	0,223	0,202	0,349	0,195	0,159	0,218	-0,293
PNSE5C	0,147	0,35	0,438	0,867	0,355	0,221	0,449	0,425	0,203	0,350	0,223	0,198	0,35	0,192	0,151	0,213	-0,283
PNSE6C	0,149	0,293	0,356	0,742	0,283	0,157	0,360	0,339	0,152	0,277	0,169	0,157	0,285	0,167	0,121	0,182	-0,227
PNSE7A	0,181	0,314	0,650	0,323	0,269	0,180	0,309	0,244	0,135	0,310	0,193	0,186	0,239	0,172	0,139	0,167	-0,164
PNSE8A	0,212	0,344	0,756	0,353	0,327	0,211	0,379	0,294	0,152	0,357	0,215	0,216	0,295	0,198	0,160	0,206	-0,179
PNSE9A	0,209	0,367	0,825	0,381	0,354	0,245	0,417	0,321	0,168	0,3902	0,225	0,243	0,315	0,218	0,180	0,233	-0,192

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

6.3 Avaliação do Modelo Estrutural

Nesta seção é apresentada a análise do modelo estrutural, avaliando as relações entre os construtos, ou seja, as relações causais definidas nas hipóteses deste estudo. Para isso, foi avaliado o coeficiente de determinação (R^2), sua validade preditiva com o uso do indicador de *Stone-Geisser* (Q^2), o valor e significância dos coeficientes de caminho, e o tamanho de efeito (f^2). Sendo possível observar o ajuste dos dados coletados ao modelo teórico (RINGLE et al., 2014). Para o teste de hipóteses (*Teste t de Student*) desta pesquisa, os valores de t maiores ou iguais a 1,96 e os valores de p menores ou iguais a 0,05 denotam significância estatística para todas as hipóteses.

Concluída a etapa de validação do modelo de mensuração, procedeu-se à avaliação do modelo estrutural para o teste das hipóteses da pesquisa. A significância estatística das relações propostas foi analisada por meio do procedimento de *Bootstrapping* (com 5.000 subamostras), adotando-se como parâmetros de aceitação valores t superiores a 1,96 e valores p inferiores a 0,05, o que representa um nível de significância de 5% (HAIR Jr. et al., 2017).

A Tabela 16 sintetiza os resultados estruturais, evidenciando os coeficientes de caminho (β), as estatísticas t , os valores p e a decisão final para cada uma das quinze hipóteses formuladas. Conforme os dados apresentados, o modelo teórico obteve um expressivo grau de confirmação empírica, com quatorze caminhos estruturais suportados. As exceções referem-se às hipóteses H6b e H7. A hipótese H6b indicou que, nesta amostra, a relação direta entre Afetos Positivos e a Intenção de Continuidade não apresentou significância estatística. A hipótese H7 também não foi suportada: embora a interação entre a Identidade do Corredor e os Afetos Positivos tenha apresentado significância estatística ($p = 0,005$), o coeficiente de caminho assumiu um sinal negativo ($\beta = -0,157$), contrariando a premissa de um efeito moderador positivo (amplificador).

Tabela 16. Avaliação do teste de hipóteses

Hipótese	Caminho do Modelo Estrutural	Coefficiente (β)	Estatística T	Valor P	Status da Hipótese
H1a	Qualidade em Eventos → Engajamento Físico	0,410	6,7080	0,0000	Suportada

H1b	Qualidade em Eventos → Engajamento Cognitivo	0,224	4,1830	0,0000	Suportada
H1c	Qualidade em Eventos → Engajamento Afetivo	0,336	5,9000	0,0000	Suportada
H2a	Engajamento Físico → Autonomia	0,413	6,6330	0,0000	Suportada
H2b	Engajamento Físico → Competência	0,520	8,4680	0,0000	Suportada
H2c	Engajamento Afetivo → Autonomia	0,146	2,2550	0,0240	Suportada
H3a	Autonomia → Motivação Intrínseca	0,276	4,5920	0,0000	Suportada
H3b	Qualidade em Eventos → Novidade	0,316	5,4930	0,0000	Suportada
H4a	Motivação Intrínseca → Afetos Positivos	0,541	11,3730	0,0000	Suportada
H4b	Motivação Intrínseca → Identidade do Corredor	0,417	5,0440	0,0000	Suportada
H5a	Engajamento Cognitivo → Afetos Positivos	0,173	5,2630	0,0000	Suportada
H5b	Competência → Identidade do Corredor	0,278	5,7420	0,0000	Suportada
H6a	Identidade do Corredor → Intenção de Continuidade	0,366	5,2990	0,0000	Suportada
H6b	Afetos Positivos → Intenção de Continuidade	0,022	0,3590	0,7180	Não Suportada
H7 (Mod)	Identidade do Corredor x Afetos Positivos → Intenção	-0,157	2,7810	0,0050	Não Suportada

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A avaliação das relações estruturais do modelo de pesquisa foi conduzida por meio da técnica de Modelagem de Equações Estruturais por Mínimos Quadrados Parciais (PLS-SEM), cujos resultados estão sintetizados na Tabela 16. A análise permitiu testar as associações e trajetórias preditivas entre as variáveis latentes do modelo. Cabe ressaltar que, devido à natureza transversal do desenho de pesquisa, as relações encontradas indicam associações estatísticas e não causalidade estrita. Observa-se que 14 das 15 hipóteses testadas obtiveram suporte empírico ($p < 0,05$), o que confere robustez ao modelo estrutural.

A Qualidade em Eventos emergiu como um antecedente fundamental do modelo, demonstrando um impacto direto e expressivo sobre as três dimensões de engajamento:

Engajamento Físico ($\beta = 0,410$; H1a), Engajamento Cognitivo ($\beta = 0,225$; H1b) e Engajamento Afetivo ($\beta = 0,335$; H1c).

Destaca-se, ainda, o papel mediador do Engajamento (em suas diferentes dimensões) e da Motivação Intrínseca na conexão entre a experiência do corredor, a satisfação das necessidades psicológicas básicas e a construção da Identidade do Corredor. Por outro lado, a rejeição da hipótese H6b (Afetos Positivos $\rightarrow$ Intenção de Continuidade; $\beta = 0,023$; $p = 0,718$) indica que, embora os afetos positivos sejam importantes, eles não atuam de forma direta e isolada sobre a decisão do atleta em continuar correndo. Essa intenção de continuidade depende fortemente de variáveis atitudinais mais estáveis e estruturadas, como a Identidade do Corredor ($\beta = 0,365$; $p = 0,000$), que também atua em um efeito moderador significativo em conjunto com os afetos (H7). Estes resultados fornecem evidências teóricas sólidas para compreender os determinantes da retenção e do engajamento em eventos de corrida de rua, fundamentando a precisão das relações causais discutidas neste estudo.

Tabela 17. Coeficiente de determinação, validade preditiva e tamanho de efeito do modelo

Construto Endógeno	R ²	Q ²	f ²
Acessibilidade	0,683	0,391	2,752
Engajamento Afetivo	0,113	0,076	0,126
Engajamento Cognitivo	0,050	0,032	0,053
Engajamento Físico	0,168	0,115	0,202
Novidade	0,100	0,071	0,111
Relacionamento	0,162	0,115	0,196
Motivação Intrínseca	0,397	0,233	0,090 (Relac.) 0,222 (Auton.)
Identidade do Corredor	0,413	0,277	0,158 (Mot. Intr.) 0,224 (Comp.)

Intenção de Continuidade	0,227	0,084	0,154 (Id. Corredor)
---------------------------------	-------	-------	----------------------

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

O coeficiente de determinação (R^2) expressa a capacidade explicativa das variáveis independentes sobre os construtos dependentes. Os resultados (Tabela 17) indicam que o modelo explica 41,7% da variância em Afetos Positivos, 41,3% em Identidade do Corredor, 39,7% em Motivação Intrínseca e 22,7% na Intenção de Continuidade. Seguindo os parâmetros de Cohen (1988), os coeficientes para Afetos, Identidade e Motivação são classificados como elevados. Notavelmente, o poder explicativo da Intenção de Continuidade ($R^2 = 22,7\%$) demonstra um ajuste moderado bastante robusto, o que é altamente satisfatório condizente com a complexidade de se prever intenções comportamentais futuras.

Complementarmente, a análise do tamanho do efeito (f^2) avaliou a relevância prática de cada variável preditora. Destacam-se os efeitos médios ($f^2 > 0,15$) exercidos pela Competência sobre a Identidade do Corredor ($f^2 = 0,224$), pela Motivação Intrínseca sobre a Identidade ($f^2 = 0,158$) e pela Identidade sobre a Intenção de Continuidade ($f^2 = 0,154$). Esses índices atestam que tais construtos não possuem apenas significância estatística, mas apresentam substancial relevância na explicação do comportamento na amostra estudada.

Para verificar a precisão das previsões do modelo, utilizou-se o coeficiente de *Stone-Geisser* (Q^2) por meio do procedimento de *blindfolding*. Todos os construtos obtiveram indicadores superiores a zero, confirmando a relevância preditiva do modelo proposto. Dentre eles, a Motivação Intrínseca destacou-se com o maior poder preditivo ($Q^2 = 0,345$), evidenciando sua robustez na estrutura testada.

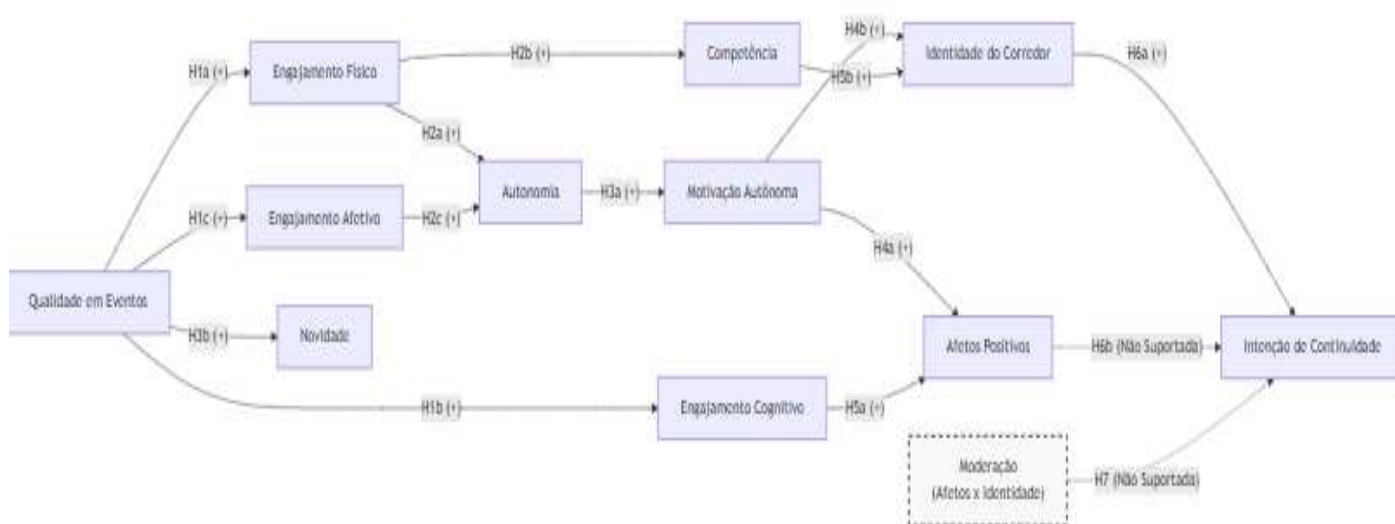
Complementarmente, a análise do tamanho do efeito (f^2) avaliou a magnitude da influência de cada variável preditora. Os construtos Identidade do Corredor e Motivação Intrínseca apresentaram efeitos de grande porte ($f^2 > 0,35$), conforme as recomendações de Hair et al. (2019), o que ratifica sua centralidade nas relações causais analisadas.

Os indicadores confirmam que a formação da identidade do corredor possui forte ancoragem nas variáveis preditoras selecionadas. Embora a Intenção de Continuidade apresente um ajuste satisfatório, a inclusão de variáveis complementares, como o suporte social e a

infraestrutura de treinamento, em estudos futuros poderia ampliar a variância explicada desse construto. Por fim, a forte relação preditiva da Motivação Intrínseca reforça que o engajamento do público estudado é impulsionado, majoritariamente, por fatores de desenvolvimento pessoal e satisfação inerente à prática.

A Figura 4 apresenta o modelo final ajustado. As setas representam as relações validadas com seu respectivo coeficiente de caminho (β), enquanto nas variáveis latentes encontram-se os coeficientes de determinação (R^2).

Figura 4. Modelo Final



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

6.4 Teste de moderação

Para responder ao objetivo específico de analisar a influência do perfil de experiência (nível de participação em eventos) da amostra nas relações estabelecidas, conduziu-se a testes para verificar a presença de efeito moderador no modelo proposto.

A variável "Experiência" mensura o tempo de prática e a frequência de participação em eventos de corrida da amostra, variando de corredores iniciantes a veteranos. O efeito moderador foi testado nas relações que antecedem a "Intenção de Continuidade" e a "Identidade do Corredor", de forma a verificar se o nível de maturação na prática esportiva altera a força das associações estabelecidas. A Tabela 18 apresenta os resultados encontrados.

Tabela 18. Teste de efeito moderador do nível de experiência na prática de corridas

Relação Estrutural	Coef. Diferencia I (β)	Valor-T	p-valor	Resultado
Q. Eventos → Acessibilidade	0,021	0,45	0,652	Não Significativo
Q. Eventos → Engaj. Afetivo	-0,012	0,28	0,779	Não Significativo
Q. Eventos → Engaj. Cognitivo	0,044	0,71	0,478	Não Significativo
Q. Eventos → Engaj. Físico	-0,035	0,64	0,522	Não Significativo
Q. Eventos → Novidade	0,018	0,39	0,696	Não Significativo
Q. Eventos → <i>Staff</i>	-0,022	0,51	0,610	Não Significativo
Q. Eventos → Tangíveis	0,011	0,24	0,810	Não Significativo
Novidade → Relacionamento	-0,037	0,62	0,535	Não Significativo
Relacionamento → Mot. Intrínseca	0,056	0,89	0,373	Não Significativo
Mot. Intrínseca → Id. Corredor	-0,094	1,65	0,099	Não Significativo
Id. Corredor → Int.Continuidade	0,118	2,34	0,019	Significativo

Engaj. Físico → Competência	0,142	2,18	0,030	Significativo
Engaj. Afetivo → Autonomia	0,025	0,33	0,741	Não Significativo
Afetos Pos. → Id. Corredor	0,014	0,21	0,833	Não Significativo
Afetos Pos. → Int. Continuidade	-0,008	0,11	0,912	Não Significativo
Autonomia → Mot. Intrínseca	0,067	1,12	0,262	Não Significativo

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A Qualidade em Eventos posiciona-se como o gatilho inicial do modelo, exercendo impacto sobre as dimensões reflexivas de primeira ordem, como *Staff*, Tangíveis e Acessibilidade, além de atuar como o antecedente direto e significativo sobre o Engajamento Físico (H1a), Engajamento Cognitivo (H1b) e Engajamento Afetivo (H1c), confirmando que a infraestrutura, a organização e o capital humano são pilares fundamentais para despertar o estado psicológico do atleta.

A trajetória subsequente revela que as dimensões do engajamento alimentam a satisfação das necessidades psicológicas básicas. É notável que o Engajamento Físico atue como um preditor robusto da necessidade de Competência, relação esta validada na hipótese H2b, sugerindo que o esforço físico e a persistência na prática esportiva são elementos cruciais que fortalecem a autopercepção de capacidade e domínio técnico do atleta. Em paralelo, a Autonomia (H3a) impulsiona diretamente a Motivação Intrínseca, a qual atua como um vetor central na formação e consolidação da Identidade do Corredor (H4b). Adicionalmente, a Qualidade em Eventos exerce um impacto significativo sobre a percepção de Novidade (H3b).

Os resultados da hipótese H6a indicam que, nesta amostra, a Identidade do Corredor apresentou a associação mais expressiva ($\beta = 0,366$) com a Intenção de Continuidade, consolidando a teoria de que o indivíduo que internaliza a prática de corrida como parte de seu autoconceito apresenta maior predisposição à manutenção da atividade a longo prazo. Por outro lado, a rejeição da hipótese H6b indica que a experiência emocional isolada (Afetos Positivos) não é suficiente, por si só, para garantir a continuidade da prática, necessitando da consolidação de construtos mais perenes, como a identidade esportiva, para converter a experiência do corredor em um comportamento habitual.

7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo investiga os determinantes da intenção de continuidade na prática de corridas de rua, analisando como o engajamento físico e a percepção de qualidade em eventos esportivos influenciam a motivação intrínseca e a satisfação das necessidades psicológicas básicas. Os resultados corroboram as pesquisas de Teixeira et al. (2012) ao evidenciar a relação entre o engajamento na atividade física e os diferentes níveis de internalização motivacional.

Adicionalmente, o trabalho dialoga com Yoshida e James (2010), ao demonstrar que a qualidade percebida do evento é um preditor relevante de atitudes e comportamentos de retenção entre corredores amadores. O estudo apresenta um modelo estrutural, composto por onze construtos e quinze hipóteses, parcialmente validadas. A análise estatística e visual desse complexo sistema de relações, fundamentada teoricamente e testada empiricamente, expande a compreensão da Teoria da Autodeterminação e do bem-estar subjetivo no contexto do consumo e da adesão esportiva.

Após a validação do modelo de mensuração, que confirmou a confiabilidade e validade dos construtos, aplicou-se a técnica PLS-SEM para avaliar o modelo estrutural. Esta etapa central permitiu testar as hipóteses e as relações de causalidade propostas à luz da Teoria da Autodeterminação e da Teoria do Bem-Estar Subjetivo.

Para proporcionar uma compreensão detalhada das interações que regem o comportamento dos corredores de rua, a análise dos caminhos estruturais e de sua significância estatística foi organizada em blocos temáticos. Inicialmente, investigam-se as bases experienciais da prática, examinando como a materialidade do evento e o esforço do indivíduo impactam a satisfação de necessidades psicológicas básicas, favorecendo a internalização da prática e a motivação intrínseca.

A seguir, detalham-se os resultados empíricos e as implicações acadêmicas decorrentes dessas relações.

A primeira relação testada no modelo, formulada na hipótese H1a, postulou que a Qualidade em Eventos exerce um efeito positivo sobre o Engajamento Físico de corredores de rua. O suporte estatístico desta proposição, analisada sob o prisma da psicologia do esporte e da gestão de marcas, vai ao encontro das discussões teóricas de Yoshida e James (2010). Cabe

ressaltar a magnitude expressiva dessa associação ($\beta = 0,410$), a mais forte entre as dimensões de engajamento. Esse resultado demonstra que a excelência dos serviços centrais, vai ao encontro das discussões teóricas estabelecidas por Yoshida e James (2010). Essa associação é corroborada por Geus, Richards e Toepoel (2016), cujas análises indicam que a infraestrutura física e a atmosfera da prova são determinantes diretos na experiência do indivíduo.

Constatou-se que a presença de um ambiente seguro e bem gerido reduz as preocupações logísticas do atleta, permitindo-lhe canalizar seus recursos psicofisiológicos integralmente para a prática esportiva. Consequentemente, isso se traduz em um maior engajamento físico, com maior resistência à fadiga e manutenção da energia durante o percurso, evidenciando que o engajamento e o desempenho do corredor amador não resultam apenas de motivações intrínsecas, mas são significativamente influenciados pela qualidade e organização do ambiente de serviço provido pelo evento.

Em continuidade, a hipótese H1b estabeleceu que a Qualidade em Eventos exerce um efeito positivo sobre o Engajamento Cognitivo de corredores de rua, proposição que também encontrou suporte estatístico significativo no modelo. Teoricamente, esse resultado é sustentado pela articulação entre os conceitos de qualidade de serviço no esporte (YOSHIDA; JAMES, 2010) e a estrutura multidimensional da experiência do corredor (GEUS; RICHARDS; TOEPOEL, 2016). Conforme Geus et al. (2016), o engajamento cognitivo engloba os níveis de atenção, absorção e foco mental que o indivíduo dedica à atividade. Para que o corredor alcance esse estado de imersão profunda, o ambiente deve oferecer estabilidade e previsibilidade. Ao proporcionar uma infraestrutura de qualidade, caracterizada por marcações precisas, postos de hidratação estratégicos e interdição efetiva de vias, a organização da prova suprime ruídos ambientais e distrações logísticas. Desonerado da necessidade de constante vigilância sobre riscos externos, o corredor torna-se capaz de direcionar sua capacidade cognitiva exclusivamente para as demandas intrínsecas da prática, como a gestão do ritmo (*pacing*), o controle da respiração e a concentração nas metas estabelecidas. Dessa forma, o suporte infraestrutural atua como um facilitador determinante que purifica o ambiente atencional do atleta, consolidando a imersão mental na prova.

Sobre a dimensão emocional da experiência, a hipótese H1c propôs que a Qualidade em Eventos exerce um efeito positivo sobre o Engajamento Afetivo dos corredores de rua, relação que foi validada pelos dados. Esta confirmação encontra fundamentação teórica na

convergência entre os preceitos de marketing de experiências desportivas e a estruturação de eventos. Segundo Geus et al. (2016), o engajamento afetivo compreende as reações emocionais desencadeadas durante a prática, tais como o entusiasmo, o orgulho, a conexão social e o prazer intrínseco. Para que esse estado emocional se manifeste plenamente, a ambientação do evento deve transmitir profissionalismo, cuidado e valor, contexto no qual o papel dos serviços centrais e periféricos (YOSHIDA; JAMES, 2010) demonstra-se primordial. Quando a organização promove uma experiência de elevada qualidade, evidenciada pelo rigor técnico, pela estética da arena, pela animação do percurso e pelo atendimento atencioso do *staff*, cria-se um ambiente de celebração que valida o empenho do corredor. Essa infraestrutura, tanto funcional quanto simbólica, atua como um estímulo contextual que projeta a corrida de rua como um espetáculo de valor compartilhado, fazendo com que o participante desenvolva conexão afetiva e traduza os estímulos externos em sentimentos de pertencimento e entusiasmo.

Dando sequência às relações estruturais do modelo, a hipótese H2a propôs que o Engajamento Físico exerce um efeito positivo sobre a satisfação da necessidade de Autonomia, proposição que encontrou suporte empírico. De acordo com a perspectiva de Schaufeli et al. (2002), o engajamento físico constitui um estado emocional positivo e gratificante, definido por elevados níveis de engajamento, energia latente e resiliência psicológica diante do cansaço. Ao direcionar voluntariamente esse engajamento durante uma competição, superando o desgaste físico e mantendo a propulsão por iniciativa própria, o corredor mobiliza os processos de regulação interna analisados por Lonsdale, Hodge e Jackson (2007). Segundo esses pesquisadores, a autonomia esportiva é percebida quando o indivíduo se sente a causa principal e o agente responsável por suas próprias decisões. Portanto, ao empregar energia física e persistir diante dos desafios do percurso, o corredor desenvolve uma percepção ampliada de controle volitivo sobre suas ações. Esse engajamento atesta a sensação de autodeterminação, evidenciando que o esforço físico desempenhado na prova funciona como um alicerce fundamental para que o atleta se sinta autônomo e livre em sua prática esportiva.

Paralelamente à busca por autonomia, a hipótese H2b estabeleceu que o Engajamento Físico também exerce um efeito positivo sobre a satisfação da necessidade de Competência, relação que foi igualmente validada pelos dados. Retomando os conceitos de Schaufeli et al. (2002), o engajamento físico manifesta-se através do engajamento e de uma resiliência psicológica robusta, circunstâncias nas quais o indivíduo aplica voluntariamente níveis

elevados de energia e persistência, independentemente dos obstáculos ou do desgaste inerente à tarefa. No cenário específico das corridas de rua, à medida que o corredor mantém essa vitalidade frente aos quilômetros percorridos e ao cansaço fisiológico, ele obtém um retorno proprioceptivo imediato acerca de seu real potencial de desempenho. Essa dinâmica de ordem fisiológica e comportamental associa-se positivamente ao construto de Competência, definido por Lonsdale, Hodge e Jackson (2007) no âmbito esportivo como a necessidade psicológica de interagir eficazmente com o ambiente, experimentando maestria, sucesso técnico e superação de dificuldades. Os resultados demonstram que o engajamento físico durante a prova satisfaz plenamente os requisitos da Competência previstos pela Teoria da Autodeterminação. Ao conquistar o trajeto por meio de sua própria energia e resiliência, o praticante ratifica seu autoconceito de capacidade atlética, reforçando a premissa teórica e empírica de que o engajamento corporal impulsiona diretamente o sentimento de eficácia e domínio no esporte.

Por fim, explorando os desdobramentos emocionais da experiência, a hipótese H2c propôs que o Engajamento Afetivo exerce um efeito positivo sobre a satisfação da necessidade de Autonomia, proposição que também foi suportada estatisticamente. Conforme a definição delineada por Schaufeli et al. (2002), o engajamento afetivo é marcado por emoções como entusiasmo, inspiração e orgulho, as quais criam um vínculo psicológico profundo com a atividade em curso. Ao vivenciar essas reações positivas dentro do clima estimulante do evento, o corredor experimenta o que é designado na psicologia positiva e esportiva como ressonância emocional. Essa experiência afetiva serve como um suporte interno para o conceito de Autonomia. De acordo com Lonsdale, Hodge e Jackson (2007), a satisfação da autonomia esportiva vincula-se intrinsecamente à percepção do atleta de que suas condutas surgem de um desejo próprio, estabelecendo-o como protagonista de suas decisões, sem influências ou pressões externas. Teoricamente, o surgimento e a manutenção desses afetos positivos indicam ao *self* do corredor que ele está em sintonia com seus objetivos, elevando o esforço da corrida a um nível de volição pura. Dessa forma, os resultados sustentam que o engajamento afetivo atua como um propulsor da autodeterminação, confirmando que a conexão emocional com a prova valida e intensifica a sensação de liberdade e agência do atleta em seu percurso.

Aprofundando a análise das necessidades psicológicas básicas e seus desdobramentos, a hipótese H3a propôs que a satisfação da necessidade de Autonomia influencia positivamente a Motivação Intrínseca. A validação estatística desta proposição reforça os pressupostos de

Wilson et al. (2006), segundo os quais a autonomia constitui a base da causalidade pessoal percebida, espelhando a medida em que o indivíduo se sente livre para, voluntariamente, iniciar e gerir os seus comportamentos na prática esportiva. Ao promover e assegurar a satisfação dessa necessidade, o ecossistema da corrida de rua favorece a autodeterminação em detrimento de coerções ou incentivos puramente externos, estabelecendo um ambiente psicológico altamente propício ao surgimento de condutas mais autorreguladas. Esse processo de internalização resulta diretamente no estabelecimento da motivação intrínseca, que, conforme argumentado por Costa et al. (2015), representa o nível mais elevado do contínuo de autodeterminação, cenário em que a prática esportiva é conduzida exclusivamente pelo prazer, pela satisfação e pelo divertimento intrínsecos à atividade. Em última análise, os dados corroboram o mecanismo teórico proposto: quando o corredor se percebe autônomo e soberano em suas ações, a corrida deixa de ser tratada como um instrumento ou um meio para finalidades externas e passa a ser valorizada por si mesma. A autonomia figura, assim, como um mediador psicológico essencial, transformando a vivência da prova em um motor de autorrealização e gratificação interna, o que fundamenta a relação preditiva validada pelo modelo estrutural.

Em outra vertente de análise do modelo, a hipótese H3b estabeleceu que a Qualidade em Eventos exerce um efeito positivo sobre a percepção de Novidade no evento, relação que também obteve pleno suporte empírico. Segundo a estrutura conceitual de Geus et al. (2016), a busca por novidade em um evento reflete o desejo intrínseco do indivíduo por experiências incomuns, pela originalidade e pela desejada interrupção da rotina habitual. No âmbito específico das corridas de rua, evidencia-se que, para que esse elemento de novidade seja vivenciado de forma genuinamente positiva, sem gerar percepções de risco, desorganização ou desordem, é estritamente necessário um suporte infraestrutural sólido. É exatamente a excelência na prestação dos serviços operacionais, como a eficiência na hidratação, a segurança viária rigorosa e o apoio incondicional da equipe, que permite a concretização bem-sucedida dessas propostas inovadoras. Consequentemente, quando a organização da prova consegue integrar precisão técnica a diferenciais criativos, tais como rotas inéditas, entretenimento ao longo do percurso e interações tecnológicas, a qualidade atua como um facilitador estrutural. Esse suporte técnico, ancorado na elevada qualidade percebida, não apenas sustenta, mas potencializa o caráter inovador do evento, confirmando empiricamente que a capacidade de surpreender o atleta amador e romper a sua monotonia esportiva é diretamente favorecida e viabilizada pela qualidade da atmosfera estabelecida pela organização.

Avançando para as consequências diretas do processo motivacional, a hipótese H4a postulou que a Motivação Intrínseca está positivamente associada aos Afetos Positivos experimentados, relação que obteve plena confirmação empírica no modelo. Conforme estabelecido no contínuo de autodeterminação por Mullan, Markland e Ingledew (1997), a motivação intrínseca representa o grau máximo de regulação autônoma. Este estado caracteriza o indivíduo que corre impulsionado pela satisfação inerente à própria atividade, movido pelo interesse e pelo desafio pessoal, o que o liberta de pressões, obrigações ou sentimento de culpa externos. Essa harmonia interna atua como um catalisador imediato de bem-estar subjetivo. Como discutido por Costa et al. (2015) e endossado pelas evidências de Gouveia et al. (2016), a motivação intrínseca está estritamente vinculada a desfechos emocionais adaptativos. Constata-se que, ao correr por prazer e conexão pessoal, o atleta intensifica afetos positivos, como entusiasmo, energia, orgulho e alegria, tanto durante quanto após a prática. Em suma, os dados validam o postulado de que a motivação intrínseca funciona como um verdadeiro motor de energia psíquica positiva. O prazer de correr, isento de finalidades instrumentais, traduz-se em uma experiência emocional enriquecedora, consolidando o entendimento empírico de que a autonomia motivacional é um preditor fundamental para a otimização dos afetos positivos e da saúde mental no desporto amador.

Em consonância com esses desfechos, os resultados do modelo estrutural também corroboram a hipótese H4b, atestando uma influência positiva e significativa da Motivação Intrínseca na Identidade do Corredor. À luz da Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan (2000), tal achado demonstra o estágio avançado em que o comportamento é internalizado e assimilado ao *self*. Conforme os teóricos, a prática motivada intrinsecamente, isto é, movida pelo interesse, prazer e satisfação pessoal, transcende a mera execução mecânica do exercício, incorporando-se organicamente à identidade do indivíduo. No contexto da corrida de rua, esse comprometimento autodeterminado eleva a prática para além do exercício casual, alinhando-se diretamente à perspectiva de Huta e Ryan (2010) sobre a orientação eudaimônica, que prioriza a autenticidade e o florescimento pessoal. Assim, a integração psicológica da atividade prazerosa consolida de forma efetiva a Identidade do Corredor: a motivação qualificada serve como suporte essencial para uma autopercepção robusta e duradoura. Confirma-se estatisticamente, portanto, que o prazer intrínseco atua como um pilar fundamental para a consolidação da identidade esportiva, integrando o esporte de forma profunda ao autoconceito e ao sentido de pertença do sujeito à comunidade de corredores

Em relação aos desdobramentos afetivos da prática, os resultados do modelo estrutural validam a hipótese H5a, demonstrando que o Engajamento Cognitivo impacta, de maneira positiva e estatisticamente relevante, os Afetos Positivos. Sob a perspectiva da psicologia positiva esportiva, essa conclusão destaca que a concentração mental e a absorção na atividade funcionam como elementos geradores de emoções agradáveis. Este fenômeno encontra respaldo na intersecção entre o engajamento, conforme definido por Schaufeli et al. (2002), e a teoria do Flow proposta por Nakamura e Csikszentmihalyi (2014). De acordo com Schaufeli et al. (2002), a faceta cognitiva do engajamento manifesta-se por meio da absorção, na qual o praticante mantém o foco total na tarefa. Ao atingir esse estado de imersão, o esportista acessa a 'experiência ótima' descrita por Nakamura e Csikszentmihalyi (2014), que gera recompensas emocionais imediatas. Teoricamente, o intenso investimento de atenção na corrida suprime distrações e preocupações, permitindo que a atividade se torne altamente prazerosa. Consequentemente, confirma-se o pressuposto empírico de que o nível de concentração mental nos desafios da prática esportiva está diretamente ligado à intensificação de afetos positivos, como entusiasmo e vitalidade, durante o evento.

Complementando esse processo de consolidação de identidade, a análise do modelo estrutural ofereceu suporte empírico à hipótese H5b, indicando que a satisfação da necessidade de Competência associa-se de forma positiva à Identidade do Corredor. Para além da significância estatística, essa relação revelou o maior tamanho de efeito preditivo para a formação da identidade na amostra ($f^2 = 0,224$).

Sob a ótica da Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan (2000), esse resultado demonstra como a percepção de maestria e eficácia esportiva contribui para a consolidação do autoconceito, alinhando-se em perfeita consonância com os pressupostos de identificação e comprometimento de Allen e Meyer (1990). Para Deci e Ryan (2000), a Competência constitui uma das necessidades psicológicas básicas imprescindíveis para o desenvolvimento pessoal e para a integração de atividades ao *self*. Quando o corredor se percebe capaz de vencer os desafios do percurso, gerenciar seu ritmo e concluir a prova com êxito, a satisfação dessa necessidade produz um sentimento profundo de realização que fomenta a internalização do comportamento. Esse processo transforma a prática da corrida, elevando-a de uma atividade isolada para um componente central da personalidade do indivíduo. Essa constante validação da capacidade esportiva reflete diretamente na formação da Identidade do Corredor. Seguindo

a lógica do comprometimento psicológico adaptada de Allen e Meyer (1990), o indivíduo estabelece vínculos profundos de identificação e pertencimento com papéis sociais nos quais se sente competente e valorizado. Os dados sugerem que a sensação de competência na corrida atua como um pilar de sustentação identitária: praticantes que se sentem mestres em suas atividades desenvolvem uma autodefinição mais sólida e persistente. Portanto, confirma-se o elo conceitual de que a percepção de eficácia pessoal impulsiona diretamente a consolidação da identidade esportiva, integrando o papel de corredor de forma permanente ao autoconceito do sujeito.

No que concerne aos desfechos comportamentais da prática esportiva, os resultados da hipótese H6a indicam que, nesta amostra, a Identidade do Corredor apresentou associação positiva com a Intenção de Continuidade. Sua relevância prática é atestada por um tamanho de efeito moderado ($f^2 = 0,154$), o que posiciona a identidade como o vetor estrutural mais substancial para explicar a intenção de permanência na modalidade.

Sob a ótica da psicologia do esporte e do comportamento do consumidor, essa descoberta evidencia que o nível de identificação do indivíduo com a modalidade funciona como um determinante essencial para a manutenção do comportamento. Esse achado encontra robusto respaldo na integração entre o modelo de comprometimento de Allen e Meyer (1990) e o conceito de funcionamento ótimo proposto por Huta e Ryan (2010). Conforme a teoria de comprometimento de Allen e Meyer (1990), a identificação com um papel social estabelece um vínculo afetivo considerável, no qual o indivíduo se mantém engajado tanto por desejo quanto pela atribuição de profundo significado à sua rotina. No contexto específico da corrida de rua, quando o praticante internaliza o papel de corredor, gera-se uma coerência interna que protege a prática contra os obstáculos cotidianos, transformando o exercício regular em uma expressão espontânea de sua personalidade. Essa estabilidade comportamental é plenamente corroborada pela orientação eudaimônica de Huta e Ryan (2010). Segundo os autores, atividades que refletem a identidade autêntica do sujeito estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento do potencial humano e ao bem-estar duradouro, transcendendo o prazer imediato. Teoricamente, os dados indicam que a Identidade do Corredor atua como um mecanismo de sustentação de longo prazo: à medida que a autodefinição do praticante em relação ao esporte se consolida, o comprometimento volitivo e a intenção de continuidade tendem a aumentar. Dessa forma,

confirma-se que o fortalecimento da identidade esportiva é um antecedente fundamental para a fidelização e a persistência na corrida de rua.

Em contrapartida, ao avaliar o peso das emoções de forma direta sobre o comportamento futuro, a análise do modelo estrutural não validou a hipótese H6b, evidenciando que, no contexto dos corredores de rua, os Afetos Positivos não se associam significativamente a Intenção de Continuidade de forma isolada. Embora a psicologia positiva e o comportamento do consumidor esportivo sugiram a relevância de emoções agradáveis durante os eventos, os dados empíricos indicam que tais sentimentos não são determinantes primários para a retenção do praticante a longo prazo, divergindo das premissas generalistas de Watson, Clark e Tellegen (1988), assim como das de Giacomoni e Hutz (1997). Conforme Watson, Clark e Tellegen (1988), os afetos positivos configuram estados situacionais e passageiros, caracterizados por engajamento, energia e alerta momentâneos. A rejeição da hipótese sugere fortemente que a manutenção da rotina de treinos e a persistência na modalidade dependem de alicerces psicológicos muito mais sólidos do que as oscilações emocionais positivas experimentadas durante uma prova específica. Em resumo, o orgulho ou a alegria momentânea revelam-se sentimentos passageiros, sendo incapazes, por si sós, de conferir a resiliência necessária para que o atleta supere obstáculos constantes como a exaustão física, condições climáticas adversas ou severas restrições de tempo.

Complementarmente, sob a ótica do bem-estar subjetivo proposta por Giacomoni e Hutz (1997), observa-se que a continuidade na prática esportiva está mais vinculada a variáveis estruturais e cognitivas, tais como a consolidação da identidade supramencionada e o alcance de metas pessoais, do que à busca por prazer imediato. Teoricamente, depreende-se que, embora o combustível emocional dos afetos positivos enriqueça a experiência do momento, ele é insuficiente para consolidar a fidelização comportamental de maneira autônoma. Assim, conclui-se que a intenção de continuidade na corrida de rua requer uma internalização muito mais profunda, indicando que a permanência do atleta decorre essencialmente do significado que a prática assume em sua trajetória de vida, e não apenas de sensações agradáveis pontuais.

Para culminar a análise das interações propostas no modelo, constata-se que a hipótese H7 não obteve suporte empírico. Embora a relação tenha apresentado significância estatística ($p < 0,05$), o coeficiente da moderação foi negativo ($\beta = -0,157$). Conforme a literatura estatística, um efeito de interação negativo indica a redução do efeito da variável preditora à

medida que a variável moderadora aumenta. No contexto deste estudo, isso significa que a força da Identidade do Corredor sobre a Intenção de Continuidade diminui à medida que os Afetos Positivos aumentam.

Teoricamente, esse achado sugere que, em situações de altíssima resposta emocional positiva (euforia, entusiasmo durante a prova), o peso da identidade esportiva prévia torna-se menos determinante para a decisão de continuar correndo, pois o prazer intenso do momento sobrepõe-se e impulsiona a intenção. Por outro lado, na ausência de fortes emoções positivas durante o evento, a Identidade do Corredor atua com sua força máxima, revelando-se o alicerce fundamental que garante a persistência na modalidade frente a uma experiência neutra ou desgastante. Portanto, a emoção positiva não atua como um amplificador da identidade, mas sim reduz a sua necessidade estrita para a manutenção do comportamento.

Conforme o modelo de relacionamento em serviços esportivos delineado por Yoshida e James (2010), os estados afetivos agem como verdadeiros catalisadores que conferem nuances às atitudes de longo prazo. Como constatado na análise da hipótese H6a, embora a Identidade do Corredor constitua a base estrutural imprescindível para a continuidade, a moderação ora identificada demonstra que essa relação causal não ocorre de forma isolada. Quando o corredor experimenta altos níveis de entusiasmo, alegria e orgulho, essas emoções atuam como eficientes facilitadores cognitivos e sociais, potencializando a propensão natural da identidade em promover e sustentar a continuidade da prática esportiva.

Teoricamente, esse resultado demonstra que, para corredores com uma Identidade Esportiva muito forte, a intenção de continuidade já é naturalmente alta e estável, guiada pela disciplina e pela internalização da prática no autoconceito (STRYKER; BURKE, 2000). Nesses indivíduos, a experiência emocional imediata (afetos positivos) torna-se menos crítica para ditar o comportamento futuro. Em contrapartida, para praticantes com baixa Identidade do Corredor, ou seja, aqueles que ainda não absorveram a corrida como parte de quem são, os Afetos Positivos assumem um papel vital. Nesses casos, o entusiasmo e a alegria vivenciados no evento compensam a falta de identidade, atuando como o principal motor para a intenção de continuar correndo. Desse modo, o sinal negativo valida a premissa de que as recompensas emocionais de um evento são taticamente cruciais para reter os iniciantes e amadores, enquanto os corredores veteranos se mantêm engajados pela força de sua própria autoimagem.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo geral de analisar a relação entre a qualidade percebida dos eventos de corrida de rua e a intenção de continuidade dos corredores, considerando o papel mediador de mecanismos psicológicos (fundamentados na Teoria da Autodeterminação e na identidade com a corrida), bem como o papel moderador dos afetos positivos.

Para alcançar esse propósito, o estudo guiou-se pelo seguinte problema de pesquisa: em que medida a qualidade percebida de eventos de corrida de rua influencia a intenção de continuidade dos participantes, considerando o papel mediador da experiência, das necessidades psicológicas básicas, da motivação e da identidade com a corrida, e o papel moderador dos afetos positivos?

A resposta central a este questionamento revelou o forte encadeamento entre os antecedentes e consequentes centrais do modelo. Constatou-se que a qualidade dos eventos de corrida (antecedente ambiental) atua como o gatilho primário que molda a experiência do atleta, gerando altos níveis de engajamento. Os resultados indicaram que a intenção de continuidade (consequente) na prática esportiva não decorre de emoções isoladas, mas sim de uma cadeia estrutural interdependente: o evento de excelência promove o engajamento, que por sua vez favorece a satisfação das necessidades de autonomia e competência do corredor. Essa satisfação, por sua vez, nutre a motivação intrínseca, que atua como elemento articulador para consolidar a identidade do indivíduo como atleta. É essa identidade fortalecida que, em última instância, sustenta a decisão comportamental de continuar correndo, operando sob o efeito moderador e compensatório dos afetos positivos vivenciados no momento da prova.

O detalhamento dessa resposta central foi alcançado por meio do atendimento aos quatro objetivos específicos delineados pelo estudo, cujos resultados empíricos demonstraram que:

a) Ao analisar as relações entre a qualidade e os mecanismos de experiência: O modelo revelou que a qualidade percebida (infraestrutura, *staff*, tangíveis e serviços) atua de forma direta e positiva, promovendo altos níveis de engajamento físico, cognitivo e afetivo, além de favorecer a percepção de novidade pelo participante.

b) Ao analisar a relação entre os mecanismos psicológicos e a intenção de continuidade: Constatou-se que a Identidade do Corredor é o principal preditor direto da intenção de continuidade. Curiosamente, revelou-se a ausência de uma associação preditiva direta entre Afetos Positivos e Intenção de Continuidade, evidenciando que emoções situacionais, de forma isolada, são insuficientes para garantir a retenção diante das severas exigências da prática de *endurance*.

c) Ao verificar o papel mediador dos mecanismos psicológicos: Confirmou-se uma cadeia mediadora consistente e sequencial. O engajamento atua como mediador entre a qualidade do evento e a satisfação das necessidades básicas (autonomia e competência); estas medeiam a relação para a motivação intrínseca, que, por fim, funciona como mecanismo central na formação e consolidação da identidade esportiva do indivíduo.

d) Ao verificar o papel moderador dos afetos positivos: A hipótese não foi suportada, pois a moderação apresentou sinal negativo. Constatou-se que a força da identidade sobre a intenção de continuidade é reduzida à medida que os afetos positivos aumentam. Em termos práticos, picos emocionais favoráveis durante a corrida diminuem a necessidade de uma forte identidade prévia para impulsionar a intenção de correr novamente, enquanto, em cenários de baixo afeto, a autoimagem de corredor assume o protagonismo quase exclusivo para manter o atleta engajado.

8.1 Contribuições Teóricas

Para além da validação das hipóteses propostas, este estudo apresenta contribuições teóricas para o campo do comportamento do consumidor esportivo e da psicologia do esporte, ampliando a compreensão da Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 1985; 2000) no contexto das corridas de rua.

A primeira contribuição reside na formulação de um modelo preditivo integrador. Ao articular construtos como a qualidade percebida, o engajamento, a satisfação de necessidades básicas, a motivação intrínseca, os afetos positivos e a identidade do corredor, o trabalho complementa investigações anteriores fragmentadas, oferecendo uma perspectiva integrada dos mecanismos psicológicos que sustentam a continuidade do corredor amador na modalidade.

A segunda contribuição destaca o papel fundamental da identidade esportiva. Os resultados demonstram que a autodefinição atua como o elo estrutural entre os processos motivacionais e a persistência comportamental. Isso corrobora os princípios de que os comportamentos sustentáveis ao longo do tempo tendem a ocorrer quando a atividade deixa de representar apenas um ato isolado e passa a integrar os valores e a autoimagem do praticante. Nesse contexto, a corrida de rua transcende a prática esportiva para tornar-se a lente pela qual o praticante compreende a si mesmo.

Contudo, a contribuição mais notável desta pesquisa advém da não confirmação de uma relação causal direta entre afetos positivos e a intenção de continuidade. Contrariando expectativas iniciais e parte da literatura corrente que associa emoções positivas imediatamente à lealdade, o estudo indica que o prazer efêmero de uma prova não garante a decisão de continuar no esporte. A permanência depende menos da magnitude de gratificações vivenciadas em eventos específicos e mais da efetiva internalização do exercício esportivo ao longo do tempo. Essa perspectiva redimensiona o papel dos afetos positivos, alocando-os em uma função compensatória: eles são combustíveis vitais para atrair e manter os novatos, mas não substituem a disciplina e a identidade necessárias para a longevidade no esporte.

8.2 Implicações Gerenciais

Os achados desta pesquisa geram informações aplicadas e implicações estratégicas para gestores públicos, organizadores de eventos, assessorias de corrida e marcas patrocinadoras.

Os dados empíricos atestam que a qualidade percebida se consolida como um determinante crítico do engajamento. Isso significa que a infraestrutura, a segurança e a logística não apenas resolvem problemas operacionais, mas funcionam estatisticamente como facilitadores psicológicos fundamentais para que o atleta alcance o estado de foco e imersão.

Adicionalmente, a ausência de uma relação preditiva direta entre afetos positivos e intenção de continuidade evidencia que estratégias focadas estritamente na promoção de experiências hedônicas efêmeras revelam-se insuficientes para assegurar a retenção a longo prazo. O modelo estatístico indicou que a eficácia em converter o participante ocasional em um praticante assíduo depende primariamente da construção da identidade esportiva, a qual está

fortemente ancorada na satisfação das necessidades de autonomia e competência durante a prova.

Com base nas relações estruturais confirmadas e apoiando-se na literatura de comportamento do consumidor esportivo (como Yoshida e James, 2010), formulam-se sugestões de como o mercado pode operacionalizar a satisfação dessas necessidades, embora a eficácia dessas ações gerenciais específicas não tenha sido objeto de teste neste estudo.

Para cristalizar a identidade do corredor, recomenda-se que os organizadores transcendam a entrega técnica e desenvolvam ações focadas no senso de comunidade. A implementação de programas de fidelidade, a sinergia com assessorias esportivas para a criação de "tendas" e espaços de convivência, e a adoção de estratégias de comunicação que exaltem o orgulho da trajetória atlética apresentam-se como táticas alinhadas à necessidade de pertencimento.

Por fim, para fomentar as necessidades de autonomia e competência, que os resultados provaram ser vitais para a motivação intrínseca, sugere-se o *design* de eventos que ofereçam oportunidades concretas de evolução pessoal. A oferta de múltiplos níveis de desafio, distâncias variadas no mesmo evento e flexibilidade de percursos são exemplos literários de como permitir que o corredor vivencie e ateste sua própria eficácia.

Por fim, em resposta à concentração geográfica da amostra, em que a maioria expressiva dos participantes (53,78%) reside no estado de Minas Gerais, cabe destacar a contribuição deste estudo para o contexto regional investigado. O estudo oferece um diagnóstico aplicado às dinâmicas de consumo esportivo do ecossistema mineiro. Para os gestores públicos municipais e organizadores privados do estado, os resultados evidenciam que a atratividade e a longevidade dos eventos locais dependem da capacidade de integrar a prova ao senso de comunidade regional. Ao fomentar parcerias com assessorias esportivas locais e desenhar circuitos que valorizem a identidade e o pertencimento do corredor mineiro, os organizadores não apenas fidelizam o público interno, mas também criam um diferencial competitivo capaz de impulsionar o turismo esportivo, gerando impactos positivos diretos no desenvolvimento econômico e na promoção da saúde na região.

Quadro 9. Síntese de achados, interpretações e recomendações gerenciais

Achado Empírico	Interpretação Teórica	Público Interessado	Recomendação Prática	Resultado Esperado
A Qualidade do Evento impacta positivamente todas as dimensões do Engajamento.	A infraestrutura e a logística não são apenas aspectos operacionais; elas atuam como facilitadores psicológicos que blindam a atenção do atleta, permitindo foco e imersão total.	Organizadores de Eventos e Gestores Públicos.	Investir em excelência técnica (segurança, <i>staff</i> , hidratação) e na redução de atritos logísticos (retirada de kit, fluxos).	Maior imersão (estado de <i>flow</i>), redução do estresse e aumento do engajamento físico e cognitivo do corredor.
A Identidade do Corredor é o principal preditor direto da Intenção de Continuidade.	A fidelização é estrutural, e não apenas situacional. A permanência depende da internalização da prática no autoconceito e nos valores do indivíduo.	Marcas Patrocinadoras, Assessorias e Organizadores.	Promover ações voltadas à comunidade: programas de fidelidade, espaços de convivência e comunicação que exalte o "orgulho de ser corredor".	Retenção a longo prazo, criação de lealdade à marca/evento e fortalecimento do tecido social da modalidade.
A satisfação da Competência possui forte efeito preditivo sobre a Identidade ($f^2=0,224$).	Perceber-se capaz de superar desafios e gerenciar os obstáculos da prova é vital para que o atleta consolide a sua autoimagem esportiva.	Organizadores de Eventos e Assessorias Esportivas.	<i>Design</i> de provas flexível: oferta de múltiplas distâncias (5k, 10k, 21k) e premiações/reconhecimentos focados em superação pessoal por categorias.	Elevação da autopercepção de eficácia e aceleração da transição de "corredor casual" para "corredor habitual".
Afetos Positivos possuem efeito moderador negativo na Intenção de Continuidade.	Efeito compensatório: a euforia do evento compensa a falta de identidade em novatos, mas tem peso menor para veteranos guiados pela disciplina.	Organizadores de Eventos e Assessorias Esportivas.	Segmentar estratégias: focar na animação intensa, festas e medalhas atrativas prioritariamente para encantar iniciantes.	Redução da taxa de abandono nos primeiros meses de prática, convertendo a emoção pontual em hábito.

Concentração da amostra (53,78%) no estado de Minas Gerais.	O modelo reflete fortemente as dinâmicas, os hábitos de consumo e as características do ecossistema esportivo mineiro.	Gestores Públicos e Iniciativa Privada Regional.	Integrar o circuito de corridas ao turismo e à cultura local, fortalecendo parcerias com fornecedores e assessorias do próprio estado.	Diferencial competitivo regional, impulso ao turismo esportivo e desenvolvimento econômico local.
--	--	--	--	---

8.3 Limitações da Pesquisa

Embora conduzida sob rigor metodológico, esta pesquisa apresenta limitações inerentes ao seu desenho e à sua execução, as quais exigem cautela na interpretação dos achados. Primeiramente, destaca-se a utilização de amostragem não probabilística por conveniência. Conquanto a amostra final de 331 respondentes tenha apresentado suficiência estatística para a Modelagem de Equações Estruturais (PLS-SEM), essa técnica de seleção restringe a validade externa do estudo. Sendo assim, deve ficar explícito que os achados, coeficientes e relações validadas neste modelo aplicam-se estritamente à amostra investigada, não devendo ser extrapolados de forma universal para todos os praticantes da modalidade.

Secundariamente, a distribuição geográfica dos participantes impõe limitações diretas à representatividade. Embora houvesse a intenção de uma abrangência nacional, a metodologia de divulgação resultou em uma forte concentração regional de respondentes (predominantemente no Sudeste e em Minas Gerais). Essa assimetria geográfica faz com que os resultados reflitam prioritariamente o cenário de Minas Gerais, impedindo que o estudo capture plenamente a diversidade cultural, econômica e de infraestrutura de outras regiões do Brasil, reforçando a necessidade imperativa de replicação deste modelo em outros contextos estaduais e sociodemográficos para confirmar a estabilidade das relações testadas.

Adicionalmente, o forte limite imposto pelo delineamento de corte transversal (coleta de dados em um único momento no tempo) restringe a capacidade da pesquisa em capturar o dinamismo do comportamento esportivo. Como as emoções, a motivação e a identidade são construtos que evoluem, o desenho transversal inviabiliza o monitoramento longitudinal dessas oscilações e impede categoricamente o estabelecimento de relações de causalidade estrita. As trajetórias testadas refletem associações preditivas válidas apenas para o instante da coleta.

Ressalta-se ainda a adoção de questionários estruturados de autorrelato (método *survey*) na obtenção dos dados. Uma vez que as informações dependem exclusivamente da avaliação subjetiva dos participantes, as respostas estão suscetíveis a potenciais falhas de memória e ao viés da desejabilidade social. Nesses casos, os indivíduos podem tender a relatar atitudes ou percepções que projetam um envolvimento atlético socialmente mais favorável.

Por fim, o critério de elegibilidade adotado, a participação em pelo menos um evento de corrida oficial nos últimos 12 meses, excluiu da análise tanto os praticantes regulares que não visam à competição quanto os indivíduos que cessaram a prática recentemente. A integração desses perfis teria possibilitado uma compreensão mais abrangente acerca da amotivação e da regulação externa. Consequentemente, sugere-se que futuras pesquisas contemplem amostras mais diversificadas, viabilizando uma análise comparativa aprofundada entre os distintos subgrupos que compõem o universo da corrida de rua.

8.4 Sugestões para Pesquisas Futuras

Dadas as limitações apontadas, recomenda-se que investigações futuras priorizem delineamentos longitudinais, permitindo monitorar os corredores ao longo do tempo para compreender como a motivação, o bem-estar subjetivo, a identidade e a experiência do corredor evoluem e impactam a continuidade na prática.

É sugerida, também, a ampliação do escopo geográfico e a diversificação do porte dos eventos analisados, o que favoreceria a validade externa e permitiria comparações entre contextos. Estudos comparativos entre corredores iniciantes e experientes, assim como entre diferentes distâncias de prova, são igualmente relevantes para identificar nuances motivacionais e de percepção de qualidade.

Adicionalmente, a integração de novas variáveis ao modelo teórico, tais como valor percebido, lealdade, engajamento digital, senso de comunidade, imagem da prova e apego ao lugar, contribuirá para uma compreensão mais abrangente dos fatores de permanência no esporte. Propõe-se, também, o emprego de abordagens metodológicas mistas, integrando métodos quantitativos e qualitativos, como entrevistas em profundidade ou grupos focais, para capturar aspectos subjetivos da experiência.

Por fim, diante do crescente interesse pela promoção da saúde e desenvolvimento sustentável, recomenda-se investigar a relação das corridas de rua com temas como qualidade de vida, turismo esportivo, legado social e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, promovendo avanços tanto teóricos quanto na gestão de eventos.

Recomenda-se, ainda, a condução de estudos experimentais ou quase-experimentais que testem empiricamente a eficácia das recomendações gerenciais propostas neste trabalho, como a implementação de programas de fidelidade e a oferta de percursos flexíveis, verificando seus impactos diretos na percepção de qualidade e na fidelização dos corredores.

REFERÊNCIAS

ABREU, P.; LEAL-CARDOSO, J. H.; CECCATTO, V. M. Adaptação do músculo esquelético ao exercício físico: considerações moleculares e energéticas. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 23, p. 60-65, 2017. <https://doi.org/10.1590/1517-869220172301167371>

ALBUQUERQUE, D. B. et al. Corrida de rua: uma análise qualitativa dos aspectos que motivam sua prática. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 26, n. 3, p. 88-95, 2018. <https://doi.org/10.31501/rbcm.v26i3.8940>

ALLEN, J. B.; BOWLES, T. V. Belonging as a guiding principle in the development of sport clubs. **Sport Management Review**, v. 15, n. 3, p. 285-296, 2012.

ANDERSON, C. B. Athletic identity and its relation to exercise behavior: scale development and initial validation. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 26, n. 1, p. 39-56, 2004. <https://doi.org/10.1123/jsep.26.1.39>

ANTUNES, R. et al. Exercício Físico, bem-estar subjetivo, qualidade de vida e sintomatologia depressiva e ansiosa numa amostra de idosos portugueses. **Motricidade**, v. 19, n. 2, p. 190-197, 2023.

ARAÚJO, D. S. M. S. de; ARAÚJO, C. G. S. de. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 6, p. 194-203, 2000. <https://doi.org/10.1590/S1517-86922000000500005>

ARAÚJO, M. C. de et al. As respostas da corrida de rua na ansiedade, estresse e depressão. **RBPfEX - Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 15, n. 98, p. 460-466, 2022. Disponível em: <https://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/view/2489>. Acesso em: 7 abr. 2025.

BAGOZZI, R. P.; GOPINATH, M.; NYER, P. U. The role of emotions in marketing. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 27, n. 2, p. 184-206, 1999. <https://doi.org/10.1177/0092070399272005>

BALBINOTTI, M. A. A. et al. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, Rio Grande do Sul, v. 28, n. 1, p. 99-106, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2011000100013>

BANDURA, A. Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, v. 84, n. 2, p. 191-215, 1977. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.84.2.191>

BATISTA, M. et al. Bem-estar subjetivo em atletas veteranos: um teste prospectivo baseado na teoria da autodeterminação. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 21, n. 3, p. 99-109, 2021. <https://doi.org/10.6018/cpd.467601>

BATISTA, R. P. R. et al. Fatores de motivação de praticantes de exercício físico da cidade de Petrolina-PE: um estudo comparativo. **Revista Psicologia, Saúde e Debate**, v. 6, n. 2, p. 49-61, 2020. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A4>

BIDDLE, S. J. H.; MUTRIE, N. **Psychology of physical activity: determinants, well-being and interventions.** 2. ed. London: Routledge, 2008.

BLUMENTHAL, J. A. et al. Exercise and depression: a review of reviews. **Journal of Clinical Psychiatry**, v. 68, n. 4, p. 483-493, 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: [25/07/2025].

BREWER, B. W.; CORNELIUS, A. E. Norms and factorial invariance of the Athletic Identity Measurement Scale. **Academic Athletic Journal**, v. 15, n. 2, p. 103-113, 2001.

BREWER, B. W.; VAN RAALTE, J. L.; LINDER, D. E. Athletic identity: Hercules' muscles or Achilles heel? **International Journal of Sport Psychology**, v. 24, n. 2, p. 237-254, 1993. <https://doi.org/10.1037/t15488-000>

BRITTO, M. M. et al. Fatores motivacionais relacionados à prática de corrida de rua na cidade de Guarani-MG. **Revista Científica UNIFAGOC-Multidisciplinar**, v. 8, n. 2, 2023.

BROOKS, J. M. et al. Validation of the Behavioural Regulation in Exercise Questionnaire-2 for adults with chronic musculoskeletal pain. **International Journal of Therapy and Rehabilitation**, v. 25, n. 8, p. 395-404, 2018. <https://doi.org/10.12968/ijtr.2018.25.8.395>

CALIDONI, A.; OKADO, G. H. C. Diplomacia pública e esporte: a participação dos cidadãos na Maratona de Nova Iorque. **Revista Baru - Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos**, v. 7, p. 22, 2021. <https://doi.org/10.18224/baru.v7i1.8772>

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 25 mar. 2025.

CANCIAN, Q. G.; ALDERETE, J. L. de M. O.; MALACARNE, V. Fatores motivacionais dos praticantes de corrida de rua em grupo. **Revista Thêma et Scientia**, v. 9, n. 2, p. 85-100, 2019.

CARDOSO, A. F.; SENA FERREIRA, E. de; SANTOS, L. dos. Perfil socioeconômico de praticantes de corrida de rua da cidade de Teresina-PI. **RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 12, n. 75, p. 862-866, 2018.

CARVAS JUNIOR, N. et al. Comparison of the printed and online administration of the Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire (BREQ-2). **Einstein** (São Paulo), v. 19, p. eAO6088, 2021. https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2021AO6088

CESAR, M. C.; PARDINI, D. P.; BARROS, T. L. Efeitos do exercício de longa duração no ciclo menstrual, densidade óssea e potência aeróbia de corredoras. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 9, n. 2, p. 7-14, 2001.

CHATZISARANTIS, N. et al. Using the construct of perceptive autonomy support to understand social influence within the theory of planned behavior. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 9, n. 1, p. 27-44, 2008. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2006.12.003>

CÔNSOLI, G. C. M.; MOTTA, B. F. B. Corrida e saúde mental: estudo inicial sobre a relação entre psicologia do esporte, saúde mental e corrida. **Cadernos de Psicologia**, v. 5, n. 9, 2023.

COOPER, K. H. **Aerobics**. New York: Bantam Books, 1985.

CSIKSZENTMIHALYI, M.; SELIGMAN, M. E. P. Positive psychology: an introduction. In: CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flow and the foundations of positive psychology: the collected works of Mihaly Csikszentmihalyi**. Dordrecht: Springer, 2014. p. 279-298. <https://doi.org/10.1007/978-94-017-9088-8>

DEANER, R. O. Distance running as an ideal domain for showing a sex difference in competitiveness. **Archives of Sexual Behavior**, v. 42, n. 3, p. 413-428, 2013. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9965-z>

DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum, 1985. <https://doi.org/10.1007/978-1-4899-2271-7>

DECI, E. L.; RYAN, R. M. The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. **Psychological Inquiry**, v. 11, n. 4, p. 227-268, 2000. https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01

DIENER, E. Subjective well-being: the science of happiness and a proposal for a national index. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 34-43, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.34>. Acesso em: 22 nov. 2024.

DOMINSKI, F. H. et al. Imagem corporal, indicadores antropométricos, motivação e adesão de praticantes de musculação. **RBPFX - Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 13, n. 85, p. 954-962, 2019.

DONATELLO, G. **Mulheres no esporte e nos eventos**. Ticket Sports HUB, [s.d.]. Disponível em: <https://hub.ticketsports.com.br/mulheres-no-esporte-e-nos-eventos/>. Acesso em: 24 mar. 2025.

DUARTE, R. F.; FIÚZA, T. M. Determinação indireta do máximo VO₂ com base no teste de Cooper em jogadores de futebol. **Motricidade**, v. 1, n. 4, p. 239-245, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2730/273020412002.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

EATHER, N. et al. The impact of sports participation on mental health and social outcomes in adults: a systematic review and the ‘Mental Health through Sport’ conceptual model. **Systematic Reviews**, v. 12, n. 1, p. 102, 2023. <https://doi.org/10.1186/s13643-023-02264-8>

EVANGELISTA, A. L. **Treinamento de corrida de rua: uma abordagem fisiológica e metodológica.** São Paulo: Phorte, 2017.

FENG, F.; LI, H.; ZHANG, T. The effect of physical activity on the subjective well-being of rural left-behind children: the mediating role of discrimination perceptions and loneliness. **BMC Psychology**, v. 12, n. 1, p. 455, 2024. <https://doi.org/10.1186/s40359-024-01950-z>

FERES, C. de L. P. Ser mulher na Segunda Guerra Mundial: um olhar sobre o universo feminino na década de 40: no lar, na rua e no esforço de guerra. **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, n. 33, p. e67534, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-4174.v3.2024e67534>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FIADI, A. et al. Estilo de vida de praticantes de corrida de rua. **RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 14, n. 88, p. 465-470, 2020.

FORNELL, C.; LARCKER, D. F. Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. **Journal of Marketing Research**, v. 18, n. 1, p. 39-50, 1981.

FORTIER, M. S.; SWEET, S. N.; O’SULLIVAN, T. L.; WILLIAMS, G. C. A self-determination process model of physical activity adoption in the context of a randomized controlled trial. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 8, p. 741-761, 2007. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2006.10.006>

FOSS, J. et al. Utilização de recursos ergogênicos e suplementos alimentares por praticantes de corrida de rua em Passo Fundo-RS. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 37, p. e37181631, 2023. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2023e37181631>

FUNK, D. C. et al. Measuring the motives of sport event attendance: Bridging the academic–practitioner divide to understanding behavior. **Sport Marketing Quarterly**, v. 18, n. 3, p. 126-138, 2009. <https://doi.org/10.1177/106169340901800302>

GAGNÉ, M. et al. The multidimensional work motivation scale: Validation evidence in seven languages and nine countries. **European Journal of Work and Organizational Psychology**, v. 24, n. 2, p. 178-196, 2015. <https://doi.org/10.1080/1359432X.2013.877892>

GEUS, S. D.; RICHARDS, G.; TOEPOEL, V. Conceptualisation and operationalisation of event and festival experiences: creation of an event experience scale. **Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism**, v. 16, n. 3, p. 274-296, 2016. <https://doi.org/10.1080/15022250.2015.1101933>

GIACOMONI, C. H.; HUTZ, C. S. A mensuração do bem-estar subjetivo: Escala de Afeto Positivo e Negativo e Escala de Satisfação de Vida. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 10, n. 1, p. 127-138, 1997.

GINCIENE, G. A evolução histórica da corrida de velocidade: um aprofundamento na prova dos 100 metros rasos. 2009.

GO! RUNNING TRAINING. Benefits beyond fitness: the positive impact of corporate running clubs. Corporate Wellbeing Services, 2022. Disponível em: <https://gorunningtraining.com/benefits-beyond-fitness-the-positive-impact-of-corporate-running-clubs/>. Acesso em: [25/07/2025].

GOLDSTEIN, E. B. Social Aspects of Road Racing: The Community and its Participants. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 56, n. 6, p. 28-33, 1985.

GOMES, B. C.; ALVES, S. F. de S. Impactos da corrida na saúde mental: um estudo qualitativo. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, p. e36776, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i15.36776>.

GONÇALVES, C. Retenção de sócios no fitness: estudo do posicionamento, expectativas, bem-estar e satisfação. 2012.

GONÇALVES, M. P.; ALCHIERI, J. C. Motivação à prática de atividades físicas: um estudo com praticantes não-atletas. **Psico-USF**, v. 15, n. 1, p. 125-134, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000100013>

GOSTON, J. L.; MENDES, L. L. Perfil nutricional de praticantes de corrida de rua de um clube esportivo da cidade de Belo Horizonte, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 17, p. 13-17, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1517-86922011000100002>

GRATÃO, O. A.; ROCHA, C. M. Dimensões da motivação para correr e para participar de eventos de corrida. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 24, n. 3, p. 90-102, 2016.

GUEDES, D. P. et al. Propriedades psicométricas da versão brasileira do Exercise Motivations Inventory (EMI-2). **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 18, n. 4, p. 667-677, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000400005>

GUÉRIN, E. et al. Situational motivation and perceived intensity. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 13, n. 6, p. 682-687, 2012. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3388456/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

GUÉRIN, E. et al. An experience sampling study of physical activity and motivation. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 14, n. 2, p. 135-142, 2013. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4768580/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

GULA, J. N. et al. Perfil motivacional e estado de humor em corredores de rua integrantes de grupos de corrida. **ConScientiae Saúde**, v. 18, n. 4, p. 444-454, 2019. <https://doi.org/10.5585/conssaude.v18n4.14826>

GUNNELL, K. E. et al. Linking psychological need satisfaction and physical activity to dimensions of health-related quality of life during adolescence: A test of direct, reciprocal, and mediating effects. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 38, n. 4, p. 367-380, 2016. DOI: 10.1123/jsep.2015-0325. <https://doi.org/10.1123/jsep.2015-0325>

GUSTAFSON, J. M. **The social construction of reality: a treatise in the sociology of knowledge.** 1968. <https://doi.org/10.2307/1385127>

GUTE, D.; SCHLÖGL, S.; GROTH, A. Keep on Running! An Analysis of Running Tracking Application Features and their Potential Impact on Recreational Runner's Intrinsic Motivation. *arXiv*, 2022. https://doi.org/10.1007/978-3-031-05412-9_25

HAIR, J. F.; HULT, G. T. M.; RINGLE, C. M.; SARSTEDT, M. **A primer on partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM).** 1. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2014.

HAIR, J. F.; HULT, G. T. M.; RINGLE, C. M.; SARSTEDT, M. **A primer on partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM).** 2. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2017.

HAIR, J. F.; RISHER, J. J.; SARSTEDT, M.; RINGLE, C. M. When to use and how to report the results of PLS-SEM. *European Business Review*, v. 31, n. 1, p. 2-24, 2019. <https://doi.org/10.1108/EBR-11-2018-0203>

HAIR, J. F.; HULT, G. T. M.; RINGLE, C. M.; SARSTEDT, M. **A primer on partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM).** 3. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2022.

HALLAL, P. C. et al. Evolução da pesquisa epidemiológica em atividade física no Brasil: revisão sistemática. *Revista de Saúde Pública*, v. 41, p. 453-460, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102007000300018>

HALLAL, P. C. et al. Global physical activity levels: surveillance progress, pitfalls, and prospects. *The Lancet*, v. 380, n. 9838, p. 247-257, 2012. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(12\)60646-1](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(12)60646-1)

HANC, J. **The BAA at 125: The Official History of the Boston Athletic Association, 1887–2012.** Simon and Schuster, 2013.

HAGGER, M. S.; CHATZISARANTIS, N. L. D. **Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport.** Human Kinetics, 2007.

HAGGER, M. S.; CHATZISARANTIS, N. L. D. Self-determination theory and the psychology of exercise. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 1, p. 79-103, 2008.

HASKELL, W. L. et al. Physical activity and public health: updated recommendation for adults from the American College of Sports Medicine and the American Heart Association. **Circulation**, v. 116, n. 9, p. 1081, 2007. <https://doi.org/10.1161/CIRCULATIONAHA.107.185649>

HENRIQUES, G. S. et al. Análise dos fatores motivacionais que levam homens e mulheres à prática de corrida de rua na cidade de Ubá-MG. **Revista Científica UNIFAGOC - Multidisciplinar**, v. 4, n. 2, 2019.

HENSELER, J.; RINGLE, C. M.; SINKOVICS, R. R. The use of partial least squares path modeling in international marketing. In: SINKOVICS, R. R.; GHOURI, P. N. (Ed.). **New Challenges to International Marketing**. Bingley: Emerald Group Publishing, 2009. p. 277-319. (Advances in International Marketing, v. 20). [https://doi.org/10.1108/S1474-7979\(2009\)0000020014](https://doi.org/10.1108/S1474-7979(2009)0000020014)

HOLLAND, C. J.; COLE, M.; OWENS, J. Exercise and mental health: a vital connection. **British Journal of Sports Medicine**, v. 58, n. 13, p. 691-692, 2024. <https://doi.org/10.1136/bjsports-2024-108562>

HOWARD, J. L. et al. Student motivation and associated outcomes: A meta-analysis from self-determination theory. **Perspectives on Psychological Science**, v. 16, n. 6, p. 1300-1323, 2021. <https://doi.org/10.1177/1745691620966789>

HUTA, V.; RYAN, R. M. Pursuing pleasure or virtue: The differential and shared effects of hedonic and eudaimonic motives on well-being. **Journal of Happiness Studies**, v. 11, n. 6, p. 735-762, 2010. <https://doi.org/10.1007/s10902-009-9171-4>

IGUALDADE e inclusão da mulher no esporte: mapeamento das organizações esportivas nacionais e internacionais. [S.l.: s.n.], [2022?]. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/08/MulheresnoEsporte-Digital.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

JAE KO, Y. et al. Assessment of event quality in major spectator sports. **Managing Service Quality: An International Journal**, v. 21, n. 3, p. 304-322, 2011. <https://doi.org/10.1108/09604521111127983>

JONCK, V. T. F. et al. Atividade física associada ao ambiente urbano: um estudo com mulheres de três cidades litorâneas de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 32, n. 2, p. 253-261, 2018. <https://doi.org/10.11606/1807-5509201800020253>

JUNIOR, A. W. S. et al. A motivação autodeterminada em corredores recreacionais: uma abordagem quanti-qualitativa. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 17, n. 2, p. 29-36, 2019. <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n2.p29>

KOVRT, W. M. et al. Physical activity and bone health. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, v. 36, n. 11, p. 1985-1996, 2004. <https://doi.org/10.1249/01.MSS.0000142662.21767.58>

KOKKO, S.; GREEN, L. W.; KANNAS, L. A review of settings-based health promotion with applications to sports clubs. **Health Promotion International**, v. 29, n. 3, p. 494-509, 2014. <https://doi.org/10.1093/heapro/dat046>

KOLHATKAR, A. S.; SHINDE, S. B. Effectiveness of a conditioning program on amateur female marathon runners. **Journal of Evolution of Medical and Dental Sciences**, v. 29, n. 9, p. 2040-2044, 2020. <https://doi.org/10.14260/jemds/2020/444>

KRUG, H. N. A Evolução Dos Eventos De Corrida De Rua Na Cidade De Santa Maria (Rs) Organizados Pela União De Corredores De Rua De Santa Maria (Ucrsm) De 2011 A 2019. **Biomotriz**, v. 14, n. 3, p. 1-8, 2020. <https://doi.org/10.33053/biomotriz.v14i3.276>

LATHAN, S. R. A history of jogging and running—the boom of the 1970s. In: **Baylor University Medical Center Proceedings**. Taylor & Francis, 2023. p. 775-777. <https://doi.org/10.1080/08998280.2023.2256058>

LAURSEN, P. B.; JENKINS, D. G. The scientific basis for high-intensity interval training. **Sports Medicine**, v. 32, n. 1, p. 53-73, 2002. <https://doi.org/10.2165/00007256-200232010-00003>

LEE, D. et al. Running as a key lifestyle medicine for longevity. **Progress in Cardiovascular Diseases**, v. 60, n. 1, p. 45-55, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.pcad.2017.03.005>

LEOW, S.; LEOW, K.; EAN, C. L. C. Satisfaction of basic psychological needs and eudaimonic well-being among first-year university students. **Cogent Social Sciences**, v. 9, n. 2, p. 2275441, 2023. <https://doi.org/10.1080/23311886.2023.2275441>

LIMA, F. S. C.; DURIGAN, A. N. A. Perfil e características de treinamento dos praticantes de corrida de rua do município de São José do Rio Preto – SP. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 12, n. 76, p. 675-685, 2018.

LIN, S. et al. Physical exercise and undergraduate students' subjective well-being: mediating roles of basic psychological need satisfaction and sleep quality. **Behavioral Sciences**, v. 12, n. 9, p. 316, 2022. <https://doi.org/10.3390/bs12090316>

LINO, L. R.; KANASHIRO, M. Por onde as mulheres escolhem caminhar? Segurança feminina em espaços públicos. **Cadernos Metrópole**, v. 26, n. 60, p. 781-803, 2024. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2024-6017.e>

LOCKE, E. A. Self-efficacy: The exercise of control. **Personnel Psychology**, v. 50, n. 3, p. 801, 1997.

LOCKE, E. A.; LATHAM, G. P. Building a practically useful theory of goal setting and task motivation: A 35-year odyssey. **American Psychologist**, v. 57, n. 9, p. 705-717, 2002. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.57.9.705>

LONSDALE, C.; HODGE, K.; JACKSON, S. A. Validation of the Sport Engagement Scale: A measure of engagement in sport. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 5, n. 1, p. 3-24, 2007.

LUCCA, E. de. A corrida de rua como fator de inserção social. **Revista de Educação**, v. 8, p. 129-140, jul./dez. 2014.

LUTZ, R. S.; KAROLY, H. C.; OKUN, M. A. The mediating role of perceived competence: A test of self-determination theory in the exercise domain. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 35, n. 5, p. 498-507, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1123/jsep.35.5.498>.

MAGEAU, G. A.; VALLERAND, R. J. The coach–athlete relationship: A motivational model. **Journal of Sports Science**, v. 21, n. 11, p. 883-904, 2003. <https://doi.org/10.1080/0264041031000140374>

MALTA, D. C. et al. Avanços do plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis no Brasil, 2016. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 25, n. 2, p. 373-390, 2016. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742016000200016>

MARINHO, S. L.; SOUZA, J. A. de. Os benefícios da corrida de rua para mulheres. **Revista de Iniciação Científica do UninCor**, v. 1, n. 2, 2012.

MARIUZZO, M. C.; GODOI, R. C.; FERNANDES, P. T. Teoria da Autodeterminação e Paixão para o esporte: revisão narrativa. **Conexões**, v. 21, p. e023042, 2023. <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8675195>

MARKLAND, D.; INGLEDEW, D. K. The measurement of exercise motives: Factorial validity and invariance across gender of a revised Exercise Motivations Inventory. **British Journal of Health Psychology**, v. 2, n. 4, p. 361-376, 1997. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8287.1997.tb00549.x>

MARKLAND, D.; CHATZISARANTIS, N. L. D. **The Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire (BREQ-3).** University of Bath, UK, 2008.

MARTINS, L. F. et al. O impacto da prática regular de corrida de rua na qualidade de vida de mulheres. **Clinical and Biomedical Research**, Porto Alegre, 2020.

MASSARELLA, F. L.; WINTERSTEIN, P. J. Motivação intrínseca e o estado mental flow em corredores de rua. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 45-68, 2009. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2659>

MATERKO, W.; BRITO, A. L.; BELFORT, D. R. Efeito agudo da corrida aeróbica na pressão arterial em jovens adultos normotensos. **Journal of Physical Education**, v. 31, p. e3108, 2020.

MCAULEY, E.; DUNCAN, T.; TAMMEN, V. V. Psychometric properties of the Intrinsic Motivation Inventory in a competitive sport setting: A confirmatory factor analysis. **Research**

Quarterly for Exercise and Sport, v. 60, n. 1, p. 48-58, 1989.
<https://doi.org/10.1080/02701367.1989.10607413>

MEISSNER, G. R. et al. Percepção de qualidade de vida e variáveis sociodemográficas em mulheres praticantes de corrida de rua. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, v. 9, n. 2, 2017. <https://doi.org/10.3895/rbqv.v9n2.5314>

MESSNER, M. Gender ideologies, youth sports, and the production of soft essentialism. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n. 2, p. 151-170, 2011. <https://doi.org/10.1123/ssj.28.2.151>

MEURER, S. T.; BERTOLDO BENEDETTI, T. R.; MAZO, G. Z. Fatores motivacionais de idosos praticantes de exercícios físicos: um estudo baseado na teoria da autodeterminação. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 29, n. 3, p. 301-309, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/kqj37gHJZqhtnqdRjFBTM4M/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2025.

MILEO, T. R.; SOUZA, R. D. B.; JUNIOR, R. S. Corrida de rua: promoção de saúde e prevenção de doenças como diabetes e hipertensão. **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 17, 2020.

MIZOGUCHI, M. V. et al. Análise dos níveis motivacionais dos corredores de rua de Bragança Paulista. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 6, n. 1, 2016. <https://doi.org/10.31501/rbpe.v6i1.6720>

MOLLOY, D. W. et al. Acute effects of exercise on neuropsychological function in elderly subjects. **Journal of the American Geriatrics Society**, v. 36, n. 1, p. 29-33, 1988. <https://doi.org/10.1111/j.1532-5415.1988.tb03430.x>

MOLLOY, D. W.; RICHARDSON, L. D.; CRILLY, R. G. The effects of a three-month exercise programme on neuropsychological function in elderly institutionalized women: a randomized controlled trial. **Age and Ageing**, v. 17, p. 303-310, 1988. <https://doi.org/10.1093/ageing/17.5.303>

MONTEIRO, W. D.; ARAÚJO, C. G. S. de. Transição caminhada-corrida: considerações fisiológicas e perspectivas para estudos futuros. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 7, p. 207-222, 2001. <https://doi.org/10.1590/S1517-86922001000600004>

MORENO, J. A. et al. O interesse pela opinião do praticante de exercício físico como papel importante na predição do motivo fitness/saúde. **Fit Perf J**, v. 8, n. 4, p. 247-253, 2009.

MORGAN, W. P.; POLLOCK, M. L. Psychologic characterization of the elite distance runner. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 301, n. 1, p. 382-403, 1977. <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1977.tb38215.x>

MOSSMAN, L. H. et al. Autonomy support in sport and exercise settings: A systematic review and meta-analysis. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 17, n. 1, p. 540-563, 2024. <https://doi.org/10.1080/1750984X.2022.2031252>

MURCIA, J.; GIMENO, E. C.; CAMACHO, A. M. Measuring self-determination motivation in a physical fitness setting: validation of the Behavioural Regulation in Exercise Questionnaire-2 (BREQ-2) in a Spanish sample. **The Journal of Sport Medicine and Physical Fitness**, v. 47, n. 3, p. 366-378, 2007.

NEWSHOLME, E.; LEECH, T.; DUESTER, G. *Corrida: ciência do treinamento e desempenho*. São Paulo: Phorte, 2006.

NIENOV, G. T. A. *Intervenções em Educação Física escolar para favorecer o engajamento de crianças e adolescentes nas aulas e em atividades físicas: revisão sistemática de estudos com base na teoria da autodeterminação*. 2023.

NOGUEIRA, V. M. R. Bem-estar, bem-estar social ou qualidade de vida: a reconstrução de um conceito. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 23, n. 1, p. 107-122, 2002.

NTOUMANIS, N.; STANDAGE, M. Motivation in physical education classes: A self-determination theory perspective. **Theory and Research in Education**, v. 7, n. 2, p. 194-202, 2009. <https://doi.org/10.1177/1477878509104324>

OGLES, B. M.; MASTERS, K. S. A typology of marathon runners based on cluster analysis of motivations. **Journal of Sport Behavior**, 2003.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E.; TUBINO, M. J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 2, p. 125-133, 2008.

OLIVEIRA, J. S.; ALVES, S. F. de S. Impacto da prática de exercício físico na saúde mental dos indivíduos acometidos pela depressão: revisão integrativa. **Revista Foco**, v. 16, n. 8, p. e1616, 2023. DOI:10.54751/revistafoco.v16n8-114. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n8-114>

ØSTERLIE, O. et al. The Situational Motivational Scale (SIMS) in physical education: A validation study among Norwegian adolescents. **Cogent Education**, v. 6, n. 1, p. 1603613, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/2331186X.2019.1603613>. Acesso em: 29 jul. 2025. <https://doi.org/10.1080/2331186X.2019.1603613>

PAFFENBARGER, R. S. Jr.; HYDE, R. T.; WING, A. L.; HSIEH, C. C. Physical activity, all-cause mortality, and longevity of college alumni. **The New England Journal of Medicine**, v. 314, n. 10, p. 605-613, 1986. DOI: 10.1056/NEJM198603063141003. <https://doi.org/10.1056/NEJM198603063141003>

PAROLINI, P. L. L.; JÚNIOR, A. J. R.; CARLASSARA, E. de O. C. Evento esportivo ou experiência para o consumidor? Um estudo sobre a motivação do consumidor em comparecer a eventos de corrida de rua. **ReMark - Revista Brasileira de Marketing**, v. 17, n. 3, p. 356-369, 2018. <https://doi.org/10.5585/remark.v17i3.3583>

PAULA, M. G. M. et al. Associação entre Bem-Estar Subjetivo e nível de atividade física em idosos institucionalizados. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 5, n. Edição Especial, 2010.

PEIXOTO, E. M. et al. O impacto da paixão pelo exercício na percepção de bem-estar durante períodos de isolamento social. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 41, p. e210022, 2024. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202441e210022>

PELLETIER, L. G. et al. Pressure from above and pressure from below as determinants of teachers' motivation and teaching behaviors. **Journal of Educational Psychology**, v. 94, n. 1, p. 186-196, 2002. <https://doi.org/10.1037/0022-0663.94.1.186>

PENG, Y.; ZHANG, G.; PANG, H. Impact of Short-Duration Aerobic Exercise Intensity on Executive Function and Sleep. **arXiv preprint**, arXiv:2503.09077, 2025.

PEREIRA, E. F.; TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, A. dos. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 241-250, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200007>

PEREIRA, E. S.; COELHO, C. N. P. Corridas de rua e vínculos com a cidade: consumo de lazer e turismo espetacularizados. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 45, n. 1, 2019. DOI: 10.22484/2177-5788.2019v45n1p09-21. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/3633>. Acesso em: 27 mar. 2025. <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2019v45n1p09-21>

PETRELLA, A. R. et al. Psychological needs satisfaction, self-rated health and the mediating role of exercise among testicular cancer survivors. **American Journal of Men's Health**, v. 15, n. 2, p. 15579883211012601, 2021. DOI: 10.1177/15579883211012601. <https://doi.org/10.1177/15579883211012601>

PHIU, M. et al. How students' perceptions of teachers' autonomy-supportive behaviors affect physical activity behavior: an application of the trans-contextual model. **European Journal of Sport Science**, v. 8, n. 4, p. 193-204, 2008. <https://doi.org/10.1080/17461390802067679>

POLO, M. C. E. et al. Antecedentes motivacionais para a prática de atividade física na atenção primária à saúde. **Movimento**, v. 26, e26082, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.105017>. Acesso em: 29 jul. 2025.

POWERS, S. K.; HOWLEY, E. T. **Exercise Physiology: Theory and Application to Fitness and Performance**. Dubuque: Brown & Benchmark, 1990.

PRUDENCIO, L. E. C. M. et al. A utilização da Teoria da Autodeterminação no Brasil: um mapeamento sistemático da literatura. **Psicologia Revista**, v. 29, n. 2, p. 422-447, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i2p422-447>. Acesso em: 10 out. 2023.

QUEIROZ GONÇALVES, F. L. et al. Influência da corrida recreativa na capacidade cardiorrespiratória em mulheres de meia idade. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 15, n. 97, 2021.

QUIRK, H. et al. Exploring the benefits of participation in community-based running and walking events: a cross-sectional survey of parkrun participants. **BMC Public Health**, v. 21, p. 1-15, 2021. <https://doi.org/10.1186/s12889-021-11986-0>

RADTKE, M. et al. Regulação motivacional e satisfação das necessidades psicológicas básicas de jogadores de futebol americano na região sul do Brasil. **Arquivos Brasileiros de Educação Física**, v. 7, p. 10-20, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/abeducacaofisica/article/view/16974/22389>. Acesso em: 29 jul. 2025.

RAGLIN, J. S. Exercise and mental health: beneficial and detrimental effects. **Sports Medicine**, v. 9, n. 6, p. 323-329, 1990. <https://doi.org/10.2165/00007256-199009060-00001>

RAHIMI, T. S.; RAINBOW, M.; ETEMAD, A. Wearable-based classification of running styles with deep learning. **arXiv preprint**, arXiv:2109.00594, [2021]. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2109.00594>. Acesso em: 24 mar. 2025.

REYES-MOLINA, D. et al. Adaptation and Psychometric Properties of the Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire (BREQ-3) for Motivation Towards Incidental Physical Activity. **Behavioral Sciences**, v. 15, n. 2, p. 114, 2025. <https://doi.org/10.3390/bs15020114>

RIBEIRO, A. T.; COSTA, L. P. da. EVENTOS DE CORRIDA DE RUA EM FORTALEZA-CE COMO COMUNICAÇÃO DE MARCA. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 3, n. Suplemento 1, p. 2237-3373, 2013.

RIBEIRO, B. Z. et al. Evolução histórica das mulheres nos Jogos Olímpicos. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 18, p. 179, 2013.

RINGLE, C. M.; SILVA, D. da; BIDO, D. de S. Modelagem de equações estruturais com utilização do SmartPLS. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 13, n. 2, p. 56-73, 2014. <https://doi.org/10.5585/remark.v13i2.2717>

RODRIGUES, F. et al. How does exercising make you feel? The associations between positive and negative affect, life satisfaction, self-esteem, and vitality. **Journal of Health Psychology**, v. 27, n. 9, p. 2156-2166, 2022. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1612197X.2021.1907766>. Acesso em: 2 set. 2025.

RODRIGUES, J. P. et al. Das esteiras para as ruas: fatores que levam os alunos de academias às corridas de rua. **Motrivivência**, v. 31, n. 60, 2019. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e57308>

RODRIGUES, L. H.; SCHIESSL, F. E.; MORALES, P. J. C. Verificação da teoria da autodeterminação em universitários brasileiros praticantes e não praticantes de atividade física. Joinville: Universidade da Região de Joinville, 2024. Disponível em: <https://ojs.fiepbulletin.net/fiepbulletin/article/view/6709>. Acesso em: 21 out. 2025.

ROJO, J. R. Corrida de rua e política pública: um estudo a partir das ações do poder público municipal de Curitiba-PR. **Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 20, n. 2, p. 486-486, 2017.

ROJO, J. R. Transformações no modelo de corridas de rua no Brasil. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v. 25, n. 1, p. 19-28, 2017. <https://doi.org/10.31501/rbcm.v25i1.6126>

ROJO, J. R. et al. Corrida de rua: reflexões sobre o “universo” da modalidade. **Corpoconsciência**, p. 82-96, 2017.

ROJO, J. R.; ROCHA, F. F. da. Análise do perfil dos corredores e eventos de corridas de rua da cidade de Curitiba-PR. **Educación Física y Ciencia**, v. 20, n. 4, p. 15-16, 2018. <https://doi.org/10.24215/23142561e066>

RYAN, R. M. (Ed.). **The Oxford handbook of self-determination theory**. Oxford University Press, 2023. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780197600047.001.0001>

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 68-78, 2000. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.68>

RYAN, R. M.; DECI, E. L. **Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness**. Guilford Publications, 2017. <https://doi.org/10.1521/978.14625/28806>

SADIR, M. A.; BIGNOTTO, M. M.; LIPP, M. E. N. Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 20, p. 73-81, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000100010>

SALLIS, J. F. et al. An ecological approach to creating active living communities. **Annual Review of Public Health**, v. 27, n. 1, p. 297-322, 2006. <https://doi.org/10.1146/annurev.publhealth.27.021405.102100>

SANTIN RIBEIRO, G. K.; BRANDT DE MACEDO, A. C.; GIANELLO GNOATO ZOTZ, T. Barreiras à prática da corrida de rua por mulheres e suas implicações para a promoção da saúde: uma revisão integrativa. **Divers@!**, v. 16, n. 2, p. 335-351, 2023. DOI: 10.5380/diver.v16i2.92662. <https://doi.org/10.5380/diver.v16i2.92662>

SANTOS, G. F. et al. Efeitos dos educativos de corrida versus o treinamento pliométrico no desempenho de atletas amadores corredores de rua. **RBPfEX - Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 14, n. 89, p. 29-37, 2020.

SANTOS, H. dos et al. Validade da estimativa do VO2 máx por meio do teste de Cooper (12 minutos) comparada à medida padrão-ouro em esteira. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 9, n. 54, p. 1001-1007, 2020. Disponível em: <https://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/view/2306>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SANTOS, I. F. dos et al. Fatores motivacionais para a prática de corrida de rua. **Revista de Educação Física/RENEF**, v. 32, n. 1, p. 21-27, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/4996>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SANTOS, R. M. L. et al. Exercício Físico ao Ar Livre, Motivação e Aderência: Um Estudo sobre a Satisfação das Necessidades Psicológicas em Mulheres. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 19, n. Suplemento 2, p. 33-38, 2015.

SCHAUFELI, W. B. et al. The measurement of engagement and burnout: A two sample confirmatory factor analytic approach. **Journal of Happiness Studies**, v. 3, n. 1, p. 71-92, 2002.

SILVA, A. F. A. C. da; CANDIDO, D. C. F. Os benefícios da corrida de rua para as mulheres praticantes do treinamento em grupo. **Revista Educação, Saúde e Meio Ambiente**, v. 1, n. 5, 2019.

SILVA, S. R. da. **Motivação na educação física escolar:** Teoria da Autodeterminação em foco. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/25985>. Acesso em: 21 out. 2025.

SOLLINS, J. E.; KRIEGER, D. Psychological characteristics of marathon runners. **Journal of Sports Psychology**, v. 4, n. 4, p. 328-337, 1982.

SOUAIAIA, T. et al. Revisiting Stereotypes: Race and Running. **arXiv preprint**, arXiv:2403.02358, 2024.

SOUZA, G. O. et al. Corrida de rua: uma perspectiva à saúde e lazer. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 2, n. 1, 2022.

STANDAGE, M.; RYAN, R. M.; NTOUMANIS, N. Self-determination theory-informed research for promoting physical activity: Contributions, debates, and future directions. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 67, p. 102409, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2023.102409>.

STANDAGE, M. et al. Validity, reliability, and invariance of the Situational Motivation Scale (SIMS) across diverse physical activity contexts. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 25, n. 1, p. 19-43, 2003. Disponível em: <https://journals.humankinetics.com/view/journals/jsep/25/1/article-p19.xml>. Acesso em: 29 jul. 2025.

STEVINSON, C.; HICKSON, M. Exploring the public health potential of a mass community-based event. **Journal of Public Health**, v. 36, n. 2, p. 268-274, 2017. <https://doi.org/10.1093/pubmed/fdt082>

STOLARSKI, M.; MATTHEWS, G.; JANKOWSKI, K. S. Sport engagement and athletic performance: The role of personality and motivation. **Personality and Individual Differences**, v. 184, 111196, 2022.

SUWAN, B. Exploring psychological need satisfaction and motivation to exercise and physical activity in Qatar. 2023. Dissertação de Mestrado – College of Health & Life Sciences, Hamad Bin Khalifa University, Catar, 2023. Acesso em: 2 set. 2025. <https://doi.org/10.31189/2165-7629-13-s2.327>

SWEENEY, J. C.; SOUTAR, G. N. Consumer perceived value: The development of a multiple item scale. **Journal of Retailing**, v. 77, n. 2, p. 203-220, 2001. [https://doi.org/10.1016/S0022-4359\(01\)00041-0](https://doi.org/10.1016/S0022-4359(01)00041-0)

TEIXEIRA, D. S.; PALMEIRA, A. L. Needs satisfaction effect on exercise emotional response: A serial mediation analysis with motivational regulations and exercise intensity. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 22, n. 4, p. 368-375, 2016. DOI: 10.1590/S1980-6574201600040023. <https://doi.org/10.1590/s1980-6574201600040023>

TEIXEIRA, P. J. et al. Exercise, physical activity, and self-determination theory: a systematic review. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 9, p. 1-30, 2012. <https://doi.org/10.1186/1479-5868-9-78>

THORÉN, P. et al. Endorphins and exercise: physiological mechanisms and clinical implications. **Medicine and Science in Sports and Exercise**, v. 22, n. 4, p. 417-428, 1990. <https://doi.org/10.1249/00005768-199008000-00001>

TRAN SMART PROJECT. Running clubs and the social benefits of exercise, 2022. Disponível em: <https://transmartproject.org/running-clubs-and-the-social-benefits-of-exercise/>. Acesso em: [inserir data].

TREMBLAY, M. A. et al. Work Extrinsic and Intrinsic Motivation Scale: Its value for organizational psychology research. **Canadian Journal of Behavioural Science**, Ottawa, v. 41, n. 4, p. 213-226, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0015167>. Acesso em: 29 jul. 2025.

VALLERAND, R. J. Intrinsic and extrinsic motivation in sport and physical activity: A review and a look at the future. Em: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (Ed.). **Handbook of sport psychology**. 3. ed. Hoboken: John Wiley & Sons, 2007. p. 59-83. <https://doi.org/10.1002/9781118270011.ch3>

VALLERAND, R. J.; LOSIER, G. F. An integrative analysis of intrinsic and extrinsic motivation in sport. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 11, n. 1, p. 142-169, 1999. <https://doi.org/10.1080/10413209908402956>

VANSTEENKISTE, M. et al. Autonomy and relatedness among Chinese sojourners and applicants: Conflictual or independent predictors of well-being and adjustment? **Motivation and Emotion**, v. 30, n. 4, p. 273-282, 2006. <https://doi.org/10.1007/s11031-006-9041-x>

VANSTEENKISTE, M. et al. On the relations among work value orientations, psychological need satisfaction and job outcomes: A self-determination theory approach. **Journal of Applied Psychology**, v. 92, n. 2, p. 434-451, 2007. <https://doi.org/10.1348/096317906X111024>

VANSTEENKISTE, M. et al. Motivational profiles from a self-determination perspective: The quality of motivation matters. **Journal of Educational Psychology**, v. 101, n. 3, p. 671-688, 2009. <https://doi.org/10.1037/a0015083>

VERHOEVEN, J. E. et al. Antidepressants or running therapy: Comparing effects on mental and physical health in patients with depression and anxiety disorders. **Journal of Affective Disorders**, v. 329, p. 19-29, 2023. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2023.02.064>

VIANA, M. da S.; ANDRADE, A.; MATIAS, T. S. Teoria da Autodeterminação: aplicação no contexto dos exercícios físicos de adolescentes. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 2, p. 1-12, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/8891>. Acesso em: 29 jul. 2025.

VIDEBÆK, S. et al. Incidence of running-related injuries per 1000 h of running in different types of runners: a systematic review and meta-analysis. **Sports Medicine**, v. 45, n. 7, p. 1017-1026, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40279-015-0333-8>.

VISOR SPORT. The benefits of running for community engagement, 2023. Disponível em: <https://www.visorsport.com/76/running-fitness/12293/the-benefits-of-running-for-community-engagement>. Acesso em: 03 ago. 2025.

VORKAPIC-FERREIRA, C. et al. Nascidos para correr: a importância do exercício para a saúde do cérebro. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 23, n. 6, p. 495-503, 2017. <https://doi.org/10.1590/1517-869220172306175209>

WEINBERG, R.; GOULSHAM, T. (Org.). *Advances in sport and exercise psychology*. 6. ed. Champaign: Human Kinetics, 2019.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. *Foundations of Sport and Exercise Psychology*. 7. ed. Champaign: Human Kinetics, 2018.

WILCOX, S.; MACERA, C. A. Jogging as a Popular Physical Activity: A Review of the Literature. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, v. 51, n. 5, p. 42-47, 1980.

WILSON, P. M. et al. The Psychological Need Satisfaction in Exercise Scale. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, v. 28, n. 3, p. 231-251, 2006. <https://doi.org/10.1123/jsep.28.3.231>

WILTSHIRE, G.; STEVINSON, C. Exploring the role of social capital in community-based physical activity: qualitative insights from parkrun. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, v. 10, n. 1, p. 47-62, 2018. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2017.1376347>

XU, Z. et al. Does Self-Determination Theory Associate With Physical Activity? A Systematic Review of Systematic Review. *International Journal of Psychology*, v. 60, n. 3, p. e70044, 2025. <https://doi.org/10.1002/ijop.70044>

YEAR in Sport: Strava lança relatório sobre tendências do esporte em 2024, revelando que se exercitar não é mais sinônimo de exaustão. *Strava Press*, [2024?]. Disponível em: <https://press.strava.com/pb/articles/strava-releases-annual-year-in-sport-trend>. Acesso em: 25 jul. 2025.

YOSHIDA, M.; JAMES, J. D. Customer satisfaction with game and service experiences: Antecedents and consequences. *Journal of Sport Management*, v. 24, n. 3, p. 338-361, 2010. <https://doi.org/10.1123/jsm.24.3.338>

ZHANG, K. et al. The effect of exercise motivation on adolescents' subjective Well-being: chain mediation of physical activity and Social-emotional competency. *BMC Public Health*, v. 25, n. 1, p. 1698, 2025. <https://doi.org/10.1186/s12889-025-22965-0>

APÊNDICE A – Questionário da Pesquisa

Prezado(a) participante,

Este questionário faz parte da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O objetivo geral desta pesquisa é analisar a relação entre a qualidade percebida dos eventos de corrida de rua e a intenção de continuidade dos corredores, considerando o papel mediador de mecanismos psicológicos fundamentados na Teoria da Autodeterminação e a identidade com a corrida, bem como o papel moderador dos afetos positivos.

O tempo médio de resposta é de aproximadamente 15 a 20 minutos. Por favor, responda de forma sincera. Não existem respostas certas ou erradas.

Perfil do Participante

Idade: ____

Sexo: () Feminino () Masculino () Prefiro não informar

Frequência de participação em corridas de rua:

() 1-2 vezes por ano () 3-5 vezes por ano () Mais de 5 vezes por ano

Tempo de prática de corrida:

() Menos de 1 ano () 1-3 anos () 4 anos ou mais

Participação em evento de corrida:

Você participou de pelo menos um evento de corrida de rua nos últimos 12 meses?

() Sim () Não

Informe a cidade do evento de corrida de rua mais recente em que você participou.

Em qual Estado ocorreu o evento?

Dimensão	Item (Traduzido ou Adaptado para corrida de rua e eventos)
Acessibilidade	Chegar ao local da corrida foi fácil. O processo de retirada do kit foi simples e organizado. Foi fácil encontrar minha área de largada. A circulação no local do evento foi adequada (sinalização, fluxo de pessoas).
Staff (organização e equipe)	Havia equipe suficiente para atender os participantes. A equipe do evento foi bem-preparada. Os organizadores e voluntários foram atenciosos. Os organizadores desempenharam bem suas funções.
Tangíveis	A estrutura do evento foi visualmente adequada (largada, chegada, percurso). As instalações e estruturas estavam bem-organizadas. A qualidade do percurso foi satisfatória. A infraestrutura geral do evento foi adequada (ex.: banheiros, hidratação, segurança).
Autonomia (Liberdade de escolha, Controle sobre decisões)	Sinto que corro da maneira que eu escolho. Sinto que tenho liberdade para decidir como participar das corridas. Sinto que estou no controle das decisões sobre minha participação em corridas. Sinto que posso escolher os tipos de corridas em que participo. Sinto que participo das corridas por vontade própria. Sinto que minhas decisões sobre correr são livres e pessoais.

Dimensão	Item (Traduzido ou Adaptado para corrida de rua e eventos)
Relacionamento (Conexão social, Pertencimento)	Sinto-me conectado(a) a outros participantes durante o evento. Sinto que compartilho um vínculo com outros corredores. Sinto um senso de pertencimento quando participo de corridas. Sinto que faço parte de um grupo quando corro com outras pessoas. Sinto que tenho boas relações com outros corredores. Sinto que as pessoas com quem corro me compreendem.
Motivação Intrínseca	Eu participo de corridas porque acho a atividade prazerosa. Eu corro porque gosto da experiência em si. Eu me divirto muito durante as corridas de rua.
Afetos positivos	Entusiasmado(a) Inspirado(a) Determinado(a) Ativo(a) Orgulhoso(a)
Intenção de Correr	Pretendo continuar participando de corridas de rua nos próximos meses. É provável que eu participe de novas corridas de rua no futuro. Farei esforço para continuar participando de corridas de rua. Pretendo manter a prática de corrida de rua regularmente. Estou comprometido(a) em continuar participando de corridas de rua.

Dimensão	Item (Traduzido ou Adaptado para corrida de rua e eventos)
Identidade de Corredor	Ser corredor(a) faz parte de quem eu sou. Eu me considero uma pessoa que pratica corrida regularmente. A corrida é uma parte importante da minha vida. Eu me identifico fortemente com a prática da corrida. Participar de corridas é algo que me define. Eu me vejo como um(a) corredor(a).
Serviços complementares	Os serviços oferecidos (hidratação, apoio, alimentação) atenderam às minhas expectativas durante o evento. A limpeza e organização geral do evento foram satisfatórias.
Engajamento afetivo	Senti-me empolgado(a) durante a corrida. Tive uma forte energia emocional durante o evento. O evento proporcionou momentos que considerei emocionalmente envolventes. Senti uma conexão especial com o momento da corrida. Gostaria de reviver essa experiência no futuro.

Dimensão	Item (Traduzido ou Adaptado para corrida de rua e eventos)
Engajamento cognitivo	Refleti sobre minha experiência durante a corrida. Pensei sobre meu desempenho ou objetivos pessoais. Aprendi algo novo com essa experiência. Interpretei ou dei significado pessoal à corrida.
Engajamento físico	Estive fisicamente envolvido(a) durante toda a corrida. Senti-me envolvido(a) nas atividades propostas pelo evento. Senti meu corpo totalmente engajado na atividade. Todos os meus sentidos foram estimulados durante a corrida.
Novidade (experiencing novelty)	A corrida me proporcionou uma experiência diferente do meu cotidiano. Vivenciei algo novo durante este evento. Senti que esta corrida foi única. A experiência foi diferente de outras corridas que já participei. Saí da minha rotina ao participar deste evento.

ANEXO A – ESCALAS ORIGINAIS

Escala	Dimensão	Itens Originais	Origem da Adaptação
Utrecht Work Engagement Scale	Engajamento Físico	Sentir-se cheio de energia Sentir-se forte e vigoroso Ter disposição para iniciar as atividades Conseguir manter o esforço por longos períodos Persistir mesmo diante de dificuldades Demonstrar resiliência durante a atividade	Schaufeli et al. (2002); Guillén; Martínez-Alvarado (2014)
Sport Engagement Scale	Engajamento Cognitivo	Permanecer totalmente concentrado Ficar completamente absorvido pela atividade Perder a noção do tempo durante a prática Manter foco integral na atividade	Schaufeli et al. (2002); Guillén e Martínez-Alvarado (2014)
Sport Engagement Scale	Engajamento Afetivo	Sentir entusiasmo Sentir inspiração Sentir orgulho pela prática esportiva Gostar intensamente da modalidade	Schaufeli et al. (2002); Lonsdale et al.; Guillén e Martínez-Alvarado (2014)

Event Quality Scale	Organização, <i>Staff</i> , Percurso, Sinalização, Hidratação, Infraestrutura, Acessibilidade	Organização do evento Eficiência dos funcionários Limpeza Facilidade de acesso Qualidade do percurso Estrutura física Ambiente do evento	Yoshida; James (2010); Geus et al. (2016)
Memorable Tourism Experience Scale	Novidade	Experiência única Experiência diferente Sensação de novidade Exploração de algo novo	Kim et al. (2012); Geus et al. (2016)
Basic Psychological Need Satisfaction in Exercise Scale	Autonomia	Liberdade para decidir Fazer escolhas Controlar a prática Praticar do próprio jeito	Wilson et al. (2006); Costa et al. (2015)
Basic Psychological Need Satisfaction in Exercise Scale	Competência	Sentir-se capaz Conseguir superar desafios Sentir evolução Confiança para executar a atividade	Wilson et al. (2006); Costa et al. (2015)
Need for Relatedness Scale	Relacionamento	Sentir-se conectado aos demais Sentir pertencimento Sentir aceitação Desenvolver amizades Compartilhar experiências	Lee et al. (2017); Allen; Bowles (2012)

Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire	Motivação Intrínseca	Praticar porque é divertido Praticar porque é prazeroso Gostar da atividade Sentir satisfação durante o exercício	Mullan et al. (1997); Costa et al. (2015)
Athletic Identity Measurement Scale	Identidade do Corredor	Considerar-se atleta O esporte fazer parte da identidade Importância do esporte na vida Orgulho de ser atleta Envolvimento pessoal com o esporte	Brewer et al. (1993)
Positive and Negative Affect Schedule	Afetos Positivos	Interessado Atento Entusiasmado Forte Inspirado Orgulhoso Determinado Ativo Atento	Watson et al. (2023); Giacomoni; Hutz (1997)
Behavioral Intention Scale	Intenção de Continuidade	Intenção de continuar praticando Intenção de participar novamente Expectativa de manter o comportamento no futuro	Ajzen (1991); Chatzisarantis et al. (2007)

Todas as escalas foram adaptadas ao contexto esportivo.